



ALFREDO MANOEL DE REZENDE SILVA

QUARTA PÍTICA DE PÍNDARO:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIO ANALÍTICO

CAMPINAS,  
2013





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ALFREDO MANOEL DE REZENDE SILVA

QUARTA PÍTICA DE PÍNDARO:  
TRADUÇÃO E COMENTÁRIO ANALÍTICO

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas pa-  
ra a obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira

CAMPINAS,  
2013

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

R339q Rezende Silva, Alfredo Manoel de, 1982-  
Quarta pítica de Píndaro : tradução e comentário analítico / Alfredo Manoel de  
Rezende Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Trajano Augusto Ricca Vieira.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Pindaro - Crítica e interpretação. 2. Poesia lírica. 3. Língua grega - Métrica  
e ritmo. 4. Argonautas (Mitologia grega). 5. Cirene (Cidade extinta). I. Vieira,  
Trajano, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da  
Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Fourth pythian of Pindar : translation and analitical commentary

**Palavras-chave em inglês:**

Pindaro - Criticism and interpretation

Lirica poetry

Greek language - Metric and rhythm

Argonauts (Greek mythology)

Cyrene (Extinct city)

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:**

Trajano Augusto Ricca Vieira [Orientador]

Flávio Ribeiro de Oliveira

Marcos Martinho dos Santos

**Data de defesa:** 15-08-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Trajano Augusto Ricca Vieira

*Trajano Ricca*

Flávio Ribeiro de Oliveira

*Flávio*

Marcos Martinho dos Santos

*Marcos*

José Carlos Baracat Junior

\_\_\_\_\_

Paulo Sérgio de Vasconcelos

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2013



## RESUMO

---

A Quarta Pítica de Píndaro é um epinício de estrutura formal particular. A dissertação oferece seu texto e tradução, além de dedicar um comentário analítico a sua seção mítica. Como introdução, foram compilados excertos e fragmentos poéticos que antecipam a Quarta Pítica no ciclo argonáutico. Em seguida, o comentário à narrativa mítica do epinício propõe a distinção de dois grandes blocos, separados não só pelo aspecto temático, como a tradição observa, mas também pelo aspecto formal, revelado pela análise de suas estruturas constituintes e, pontualmente, pelo método comparativo. O trabalho demonstra, no primeiro bloco, o procedimento de composição anelar, e compara o segundo a uma gesta heroica. Por fim, sugere em análise uma nova interpretação da colometria deste epinício.

## ABSTRACT

---

The Fourth Pythian Ode of Pindar is an epinicion of peculiar formal structure. The dissertation provides its text and a translation into Brazilian Portuguese, as well as an analytical commentary on the mythical section. The introduction is composed by a compilation of poetic excerpts and fragments prior to the Fourth Pythian in the argonautic cycle. Next, a commentary on the Pindar's mythic narrative proposes the distinction of the two major blocks, separated not only by thematic aspects, as evidenced by the tradition, but also by formal aspects, revealed by an analysis of their structures and, sporadically, by comparative method. This work demonstrates the procedure for ring-composition in the first block and compares the second to a heroic *balladry*. Finally, the dissertation suggests a new interpretation of this epinicion's colometry.



PRIMEIRA PARTE – RECENSÃO POÉTICA ARCAICA

|   |    |
|---|----|
| 1. Mito Argonáutico na antiguidade .....      | 1  |
| 1. 1. Homero .....                            | 2  |
| 1. 2. Hesíodo .....                           | 4  |
| 1. 3. Eumelo .....                            | 7  |
| 1. 4. Naupáica .....                          | 10 |
| 1. 5. Lírica .....                            | 12 |
| 1. 6. Reconstituição hipotética do mito ..... | 14 |

SEGUNDA PARTE – MITO EM PÍNDARO

|  |    |
|--|----|
| EXÓRDIO .....                                | 17 |
| 2. Cirenaica .....                           | 19 |
| 2. 1. Tempo de Píndaro .....                 | 20 |
| 2. 2. Tempo da Pitonisa .....                | 22 |
| 2. 3. Tempo de Medeia .....                  | 29 |
| 3. Argonáutica .....                         | 35 |
| 3. 1. A epifania do herói .....              | 36 |
| 3. 2. A viagem do Argos .....                | 39 |
| 3. 3. Os trabalhos de Jasão .....            | 41 |
| 4. Pequena Cirenaica .....                   | 43 |
| 5. Gesta heroica .....                       | 45 |
| 5. 1. Proêmio .....                          | 48 |
| 5. 2. Diálogos e o catálogo dos heróis ..... | 58 |
| 5. 3. Epílogo .....                          | 60 |

## TERCEIRA PARTE – O SOM E O TEXTO

|   |     |
|---|-----|
| 6. A arte da palavra .....                    | 65  |
| 7. Esposição .....                            | 69  |
| 7. 1. A estrofe .....                         | 74  |
| 7. 2. O epodo .....                           | 77  |
| 7. 3. Súmula métrica .....                    | 80  |
| 8. Texto e tradução .....                     | 83  |
| <br>  |     |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E LEXICOGRAFIA ..... | 111 |
| <br>  |     |
| APÊNDICES .....                               | 117 |
| 1. Hino a Apolo (extrato) .....               | 117 |
| 2. Cerâmicas .....                            | 119 |
| 3. Papiro de Oxirrinco 75. 5042 .....         | 121 |
| 4. Olímpica XII .....                         | 122 |
| 5. Nemeia II .....                            | 123 |

ἔστι μοι μὲν δὴ, φίλε, Σηρός πατρίδος γυνή τις χρυσίοισιν  
ἀνθέμοισιν θάμνου ἕοικε δὲ Πήγῃ ἀγαπητῇ γ'· ἐκφέρω τῆι.

*·em verdade, amigo, tenho uma mulher vinda da terra da seda·  
Ígual às douradas ramas de flores, Peggy adorada; a ela dedico.*



## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço aos meus pais, José Maria e Maria José, e à irmã Ana Fátima – por entre os quais me surgiu o apreço à poesia e ao classicismo; e à família de Pǐnfāng e Pǐnwén, não menos devotada aos estudos clássicos, pelo afeto.

Agradeço a preciosa orientação do Professor Trajano Vieira, transmitida de forma direta ou, indiretamente, através de suas requintadas traduções.

A ele agradeço pelos anos de formação no Grego Clássico; mas também ao Professor Flávio Ribeiro, pelas perspicazes e sempre cuidadosas lições em aula.

Aos Professores Flávio Ribeiro, Marcos Martinho, Paulo Vasconcellos e Isabella Tardim, que amiúde colaboraram com a pesquisa. Aos professores e colegas do Centro de Estudos Clássicos da UNICAMP. À CAPES, pelo financiamento.

Agradeço a Mônica Mishima pelo auxílio gramatical prestado nos meus primeiros estudos helênicos e pela amizade que se seguiria. Agradeço a Paulo Sachs pela amizade e pelo coestudo linguístico que se seguiria.

Agradeço as antigas amigadas do jovem poeta André Nogueira, da diligente latinista Fabiana Lopes, de Eduardo Carvalho, Fernando Baumgartner, Leonardo Buzelli, Flavio Caldonazzo, Esther e Felipe Weinmann.

Agradeço a presença dos amigos D'Antonio, Nina Veiga e Michele Vanzzeti, *diletti artisti*.



## SÍMBOLOS E ABREVIACÕES \_\_\_\_\_

### SÍMBOLOS

|                       |                                    |
|-----------------------|------------------------------------|
| —                     | sílaba longa;                      |
| ˘                     | sílaba breve;                      |
| ˜                     | longa dissolvida;                  |
| ≅                     | longa com exceções;                |
| ≅̄                    | longa com ocasional dissolução;    |
| ≅̂                    | breves com ocasional fusão;        |
| ×                     | posição ancipital;                 |
| ˘                     | sinecfonese;                       |
| ˘)                    | muda e líquida somam uma consoante |
| ⋮                     | fim de palavra com exceções;       |
|                       | fim de período sem hiato;          |
|                       | fim de período com hiato;          |
|                       | fim de bloco estrófico;            |
| <i>D</i>              | —˘˘—˘˘—                            |
| <i>D</i> <sup>+</sup> | —˘˘—˘˘—˘˘—                         |
| <i>d</i>              | —˘˘—                               |
| <i>E</i>              | —˘—˘—˘—                            |
| <i>e</i>              | —˘—                                |

## ABREVIACES

|               |                                  |
|---------------|----------------------------------|
| <i>ant.</i>   | antístrofe;                      |
| <i>A.Rh</i>   | Apolnio de Rodes – Argonáutica; |
| <i>D/e</i>    | dtlo-epítrito;                 |
| <i>Dio</i>    | Dio Crisstomo – Discursos;      |
| <i>ep.</i>    | epodo;                           |
| <i>estr.</i>  | estrofe;                         |
| <i>Eur.</i>   | Eurípides;                       |
| <i>I.</i>     | Ode stmica;                     |
| <i>Hes.</i>   | Hesíodo;                         |
| <i>Magn.</i>  | Grandes Eeas;                    |
| <i>Med.</i>   | Medeia;                          |
| <i>Mimn.</i>  | Mimnermo;                        |
| <i>Mul.</i>   | Catálogo das Mulheres;           |
| <i>N.</i>     | Ode nemeia;                      |
| <i>O.</i>     | Ode olmpica;                    |
| <i>P.</i>     | Ode pítica;                      |
| <i>Paus.</i>  | Pausânias – Descrição da Grécia; |
| <i>Pi.</i>    | Píndaro;                         |
| <i>Schol.</i> | <i>Scholia</i> ;                 |
| <i>Th.</i>    | Teogonia.                        |

## 1. MITO ARGONÁUTICO NA ANTIGUIDADE

A viagem do herói Jasão no navio Argo em busca do velocino de ouro é ao menos tão antiga quanto a literatura grega. Importantes obras literárias – e outras tantas cerâmicas – devem a ela sua temática. Na dramaturgia, Eurípides cunhou o caráter de Medeia que perduraria na arte até o tempo presente, e Apolônio de Rodas desenvolveu o tema da viagem do Argo em um marco da epopeia helenística.

Mito popular entre os latinos, Ênio compôs uma tragédia, assim como Sêneca comporia, baseando-se em Eurípides. Flaco escreveu o épico *Argonáutica* na língua da Eneida. O mito aparece em outros gêneros, ora na lírica de Catulo, ora nas Metamorfoses e epístolas de Ovídio, entre outros exemplos. Mas a língua latina ainda haveria de cunhar mais uma epopeia, então humanista, pelas mãos do lombardo Maffeo Vegio.

No entanto, a Pítica 4 de Píndaro é anterior a todos os autores acima citados, sendo a mais antiga das grandes obras supérstites<sup>1</sup> cujo motivo seja a argonáutica. Apesar de dedicar 260 versos ao mito – e ao desenvolvimento do mito, ao narrar colonização de Cirene pela descendência de um herói argonáutico–, a ode se compõe de uma narrativa com planos temporais entrecortados e descrições frequentemente alusivas, comuns ao estilo de Píndaro. Dessa forma, o poeta pressupõe do ouvinte uma familiaridade com esse ciclo, que passou por diversas reelaborações na literatura. Julgou-se necessário, portanto, remeter a instâncias poéticas anteriores a Píndaro referentes ao mito argonáutico.

Abaixo reúne-se um *corpus* mitológico iniciado com Homero e Hesíodo, e seguido por dois épicos pouco afortunados pelo tempo: a Corintíaca e a Naupácica. Enfim, são coli-

---

<sup>1</sup> Não só a maior obra arcaica sobre o tema de Jasão como também o maior poema preservado do período entre os poemas ditos homéricos e a dramaturgia ateniense.

gidas citações e fragmentos da poesia lírica que, em maior ou menor importância, articulam-se para a composição do mito conhecido no tempo de Píndaro.

### 1. 1. HOMERO

Indícios do mito de Jasão e os argonautas na literatura remontam à *Ilíada*. O *Catálogo das Naus* menciona a cidade aliada dos Atridas (II. 711-715):

Os líderes de Fera – junto ao lago Bebis –  
de Beba, Gláfira e de Iolco bem-assente,  
traziam onze naus, às mãos de Eumelo, amado  
filho de Admeto. Alceste o concebeu, divina,  
a mais bela entre todas as filhas de Pélias.<sup>2</sup>

Essa citação situa o tempo da argonáutica na geração antecedente à da *Ilíada*, já que Jasão, sobrinho de Pélias, seria da mesma geração que Alceste, enquanto que condutor dos cidadãos de Iolco ao cerco de Tróia, primo de Jasão, seria uma geração mais novo que o herói da argonáutica.

O atracamento do Argo na ilha de Lemnos, embora seja um episódio marginal à história da busca do velocino, é atestado já no tempo da composição da *Ilíada*, e repercute na seguinte passagem (VII. 467-469), que também situa o tempo da argonáutica uma geração antes da guerra:

De Lemnos foram conduzidas muitas naus  
com vinho. Euneu Jasônida as enviou, o filho  
de Hipsípila e Jasão, pastor de homens.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> As traduções dos textos são de responsabilidade do autor. B 711-715: Οἱ δὲ Φεράς ἐνέμοντο παρὰ Βοιβηΐδα λίμνην/ Βοιβὴν καὶ Γλαφύρας καὶ ἔϋκτιμένην Ἰαωλκόν,/ τῶν ἤρχ' Ἀδμήτιο φίλος πάϊς ἔνδεκα νηῶν/ Εὐμηλος, τὸν ὑπ' Ἀδμήτῳ τέκε δία γυναικῶν/ Ἄλκηστις Πελῖαιο θυγατρῶν εἶδος ἀρίστη.

<sup>3</sup> H. 467-469: νῆες δ' ἐκ Λήμνοιο παρέσταν οἶνον ἄγουσαι/ πολλαί, τὰς προέηκεν Ἴησονίδης Εὐνήος,/ τὸν ῥ' ἔτεχ' Ὑψιπύλη ὑπ' Ἴησονι ποιμένι λαῶν.

Um príncipe troiano, Licáon, que fora escravo em Lemnos é apresentado nos dois próximos versos (xxi. 40-41). Os últimos dois versos (xxiii. 747-748) nomeiam novamente Euneu, que o comprou naquela ilha pagando uma bacia de prata:

[Aquiles] o vendera em Lemnos bem-assente,  
levando-o em nau. O filho de Jasão comprou-o.<sup>4</sup>  
[...]  
O preço do Priâmida Licáon, pago  
pelo Iasônida Euneu a Pátroclo, o herói.<sup>5</sup>

Na Odisseia se encontram as genealogias de Medeia e Jasão. A família de Medeia, neta do Sol, é citada pelo rapsodo por conta de sua tia Circe, (x. 136-139):

Circe, de belas tranças, deusa atroz, de voz  
humana, irmã de Eetes, âmago letal.  
Gerados ambos pela luz dos homens – Sol;  
Perseia, a mãe, é filha do Oceano.<sup>6</sup>

A progênie dos avós de Jasão, por sua vez, é dada por Odisseu, quando este narra sua incursão ao Hades (xi. 253-257). O *multi-astucioso* herói se lembra do encontro com o espectro de Tiro, e narra o relacionamento amoroso desta com Posídon:

Disse [Posídon]. Mergulhou no undoso mar.  
No tempo, [Tiro] pariu Pélias e Neleu,  
ambos servos valentes de Zeus grande. Pélias  
habitou as extensas terras de Iolco, multi-  
rebanhosa; e em Pilo arenosa, Neleu.  
A rainha engendrou, de Creteu, outros filhos:  
Feres, Éson e o auriga-de-guerra Amitáon.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Φ. 40-41: καὶ τότε μὲν μιν Λῆμνον εὐκτιμένην ἐπέρασσε/ νηυσὶν ἄγων, ἀτὰρ υἱὸς Ἰήσονος ὦνον ἔδωκε·

<sup>5</sup> Ψ. 747-8: υἱὸς δὲ Πριάμοιο Λυκάονος ὦνον ἔδωκε/ Πατρόκλω ἥρωϊ Ἰησονίδης Εὐνης.

<sup>6</sup> κ. 136-139: Κίρκη εὐπλόκαμος, δεινὴ θεὸς αὐδήεσσα,/ αὐτοκασιγνήτη ὀλοόφρονος Αἰήταιο· ἄμφω δ' ἐκγεγάτην φαεσιμβρότου Ἥελίοιο/ μητρός τ' ἐκ Πέρσης, τὴν Ὠκεανὸς τέκε παῖδα.

<sup>7</sup> λ. 253-257: ἢ δ' ὑποκυσαμένη Περίην τέκε καὶ Νηληΐα,/ τῷ κρατερῷ θεράποντε Διὸς μεγάλιο γενέσθην/  
ἀμφοτέρω· Πελῆις μὲν ἐν εὐρυχόρῳ Ἰαολκῶ/ ναίε πολύρρηνος, ὃ δ' ἄρ' ἐν Πύλῳ ἡμαθόεντι./ τοὺς δ' ἑτέρους  
Κρηθῆϊ τέκεν βασιλεία γυναικῶν,/ Αἴσονά τ' ἠδὲ Φέρητ' Ἀμυθάονά θ' ἵπποχάρμην.

Ainda na Odisseia (XII. 69-72) encontra-se a descrição de um dos núcleos narrativos da expedição do navio Argo. Odisseu terá de passar pelas mesmas rochas azuis pelas quais Jasão passou ao buscar o velocino de ouro. Circe diz-lhe que apenas uma embarcação conseguiu atravessá-las:

Apenas uma nau transnavegou por elas,  
Argo famosa – vinda da terra de Eetes –,  
também estilhaçada entre as imensas pedras  
não fosse salva, pelo amor de Hera a Jasão.<sup>8</sup>

Nas outras ocorrências desse tema em Homero, todas acima citadas, encontram-se indícios de um mito já amadurecido das viagens de Jasão; mas na última o poema testemunha, através da fala de Circe “Argo famosa” (πᾶσι μέλουσα, *i.e.* conhecida por todos), a larga difusão do ciclo argonáutico na época de sua composição.

## 1. 2. HESÍODO

Nascido na mesma região que Píndaro, o beócio Hesíodo atesta na Teogonia (956-962) a mesma linhagem de Medeia – filha de imortais – que foi apresentada no Canto x da Odisseia:

Perseia, a célebre oceânide gerou  
com Sol inesgotável, Circe e o rei Eetes.  
Eetes, filho do luzeiro – Sol – dos homens,  
desposou, por vontade dos deuses, Idia  
bela filha do circundante rio Oceano;  
gerou Medeia, pernas torneadas, pasma  
de amor devido à ação da dourada Afrodite.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> μ. 69-72: οἷη δὴ κείνη γε παρέπλω ποντοπόρος νηῦς/ Ἄργῳ πᾶσι μέλουσα, παρ' Αἰήταο πλέουσα·/ καὶ νύ κε τὴν ἔνθ' ὤκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας,/ ἀλλ' Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἴησων.

<sup>9</sup> Hes. Th. 956-962 Ἑλίῳ δ' ἀκάμαντι τέκε κλυτὸς Ὀκεανίην/ Περσηὶς Κίρκην τε καὶ Αἰήτην βασιλῆα./ Αἰήτης δ' υἱὸς φαεσιμβρότου Ἑλίοιο/ κούρην Ὀκεανοῖο τελέηεντος ποταμοῖο/ γῆμε θεῶν βουλῆσιν, Ἰδυίαν καλλιπάρηον· ἦ δὴ οἱ Μήδειαν εὐσφυρον ἐν φιλότῃτι/ γείναθ' ὑποδμηθεῖσα διὰ χρυσὴν Ἀφροδίτην.

Mais adiante, Hesíodo resume em onze versos (992-1002) o argumento da viagem de Jasão e sua união com Medeia:

O Esônida tomou – por vontade divina –  
a donzela de Eetes, rei por Zeus sustido,  
do paço, após cumpridas as cruentas provas,  
as muitas que ditou um rei muito opulento,  
o coercivo Pélias, violento e arrogante.  
O Esônida voltou a Iolco após o término,  
e trouxe no navio a virgem de olhos luz,  
tomando-a como esposa fértil. Subjugada  
por Jasão, condutor d povo, ela lhe deu  
Medeu – nas montanhas cuidado por Quíron  
Filírida; cumpriu-se o ensejo do grande Zeus.<sup>10</sup>

Em concordância com a Odisseia, um longo episódio da geração de Pélias é encontrado no fragmentado Catálogo das Mulheres, reconstituído por Merkelbach e West:

Zeus rei ao Hades tetro arrojou [Salmoneu]  
a fim de outro mortal não se medir consigo.  
Mas certo é que salvou sua filha abençoada  
pelos deuses, igual à dourada Afrodite:  
Tiro, de belas tranças, se opusera ao pai –  
não anuí a um homem se igualar aos deuses.  
Então salvou-a, o pai dos homens e dos deuses.  
... levou-a à casa do nobre Creteu  
... afetuoso recebeu e a resguardou.  
Mas quando veio a tão amada juventude,  
... por ela ardeu Posídon, treme-terra  
... o deus amando a mortal  
que mais linda entre outras moças se mostrava.  
Ela ia sempre ao belo curso do Enipeu...<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> *Hes. Th.* 992-1002: κούρην δ' Αιήταο διοτρεφέος βασιλῆος/ Αἰσονίδης βουλῆσι θεῶν αἰειγενετῶν/ ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας στονόεντας ἀέθλους,/ τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ,/ ὕβριστῆς Πελήης καὶ ἀτάσθαλος ὀβριμοεργός/ τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας/ ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἐλικώπιδα κούρην/ Αἰσονίδης, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν./ καὶ ῥ' ἦ γε δημηεῖσ' ὑπ' Ἴήσωνι ποιμένι λαῶν/ Μήδειον τέκε παῖδα, τὸν οὔρεσιν ἔτρεφε Χείρων/ Φιλλυρίδης· μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελεῖτο.

<sup>11</sup> *Hes. Mul.* 30 m-w: τὸν δὲ λα]βῶν ἔρριψ' ἐς Τ[ά]ρταρον ἠερόεντα,/ ὡς μὴ τις] βροτὸς ἄλλος [ἐ]ρίζοι Ζηνὶ ἄνακτι./ τοῦ δ' ἄρα] παῖς ἐλέλειπτο φίλη μακάρεσσι θεοῖσι/ Τυρῶ ἐυπ]λόκαμος ἰκέλη χ[ρ]υσῆι

... “[Eu,] Posídon... Engendrarás  
 prole esplêndida: é fértil o leito de imortais.  
 Deles debes cuidar, e os acalentar.  
 ... a fim de tais nobres filhos...”  
 Assim disse. Imergiu no mar de muitos ais.  
 ... E a jovem retornou ao lar...<sup>12</sup>  
 A Pélias e Neleu, senhores de homens muitos.  
 E o pai dos deuses e mortais lhes outorgou  
 povos em poles afastadas.<sup>13</sup>

Ao dar a genealogia de Jasão em um escólio à N. 3, o filólogo cita dois versos do Catálogo das Mulheres. O trecho não contradiz a P. 4, 115, no que concerne à formação do herói:

Éson gerou Jasão, pastor de povos. Quíron  
 instruiu-o no arbóreo monte Pélion.<sup>14</sup>

Outro escólio, dessa vez ao canto XII da Odisseia, diz que, “segundo Hesíodo, Jasão foi gerado por Éson e Polimela.”<sup>15</sup> Encerra-se, no início de um fragmento de papiro, a menção isolada à sua mãe, “Polimela de linda grinalda”.<sup>16</sup>

De Hesíodo são também as mais antigas referências ao velo de ouro. Segundo as Grandes Eeas, o vidente Fineu indicou o caminho a Frixo e ficou cego.<sup>17</sup> Este purificou a

Ἄφρο[δ]ί[τ[η]ι, / οὐνεκα νε]ικείεσκε καὶ ἦρ[ισε] Σαλμωνῆι/ συνεχές, οὐ]δ' εἶασκε θεοῖς [βροτὸν  
 ἰς]οφαρίζειν-/ τούνεκά] μιν ἐσάωσε πατῆρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε./ ... . ἐ]ς Κρηθῆος ἀμύμονος ἦ[γ]αγεν  
 οἶκον/ ... . ἀς]πασίως ὑπεδ[έ]ξατο καὶ ῥ' ἀτίταλλεν./ αὐτὰρ ἐπεὶ ῥ' ἦβης πολυηράτου ἐς τέλος ἦλθεν/ .....  
 τῆ]ς γ' ἐράεσκε Ποσειδάων ἐνοσίχθων/ .....] φιλόττηι θεὸς βροτῶι, οὐνεκ' ἄρ' εἶδος/ πασάων προὔχεσκε  
 γυναι]κῶν θηλυτεράων./ ἢ δ' ἐπ' Ἐνιπῆος πωλέσκετο] καλὰ ῥέεθρα/

<sup>12</sup> *Hes. Mul.* 31 M-W: Ποσειδάων λ[ / τέξεις δ' ἀγλαὰ τέκ]να, ἐπεὶ οὐκ ἀποφώ[λ]ισι εὐναί/ ἀθανάτων· σὺ δὲ  
 τ]οὺς κομέειν ἀτιτα[λλέμεναί τε./ .....]. ἴν' ἀγλαὰ τέκνα τ[εκ-/ .....].τανεμεσητοι τε[ / ὡς εἰπῶν ὁ  
 μὲν αὐτίς] ἀγαστόγωι ἐμ[ / .....].] ἔβη οἰκόνδε [νέεσθαι

<sup>13</sup> *Hes. Mul.* 33 M-W: [ / Νηλέα κα]ὶ Περίην πολέσιν λαοῖσι[ν ἄνακτας-/ καὶ τοὺς] μὲν διένασσε πατῆρ  
 ἀν[δρῶν τε θεῶν τε,/ νόσφιν δ'] ἀλλήλων ναῖον πτολίεθρα .[

<sup>14</sup> *Schol. Pi.* N. 3. 92a: Αἴσων, ὃς τέκεθ' υἱὸν Ἰήσονα ποιμένα λαῶν,/ ὃν Χείρων ἔθρεψ' ἐνὶ Πηλίωι ὑλήεντι

<sup>15</sup> *Schol.* μ 69: Αἴσονος δὲ καὶ Πολυμήλας καθ' Ἡσίοδον γίνεται Ἰάσων

<sup>16</sup> *Hes. Mul.* 43a M-W;

<sup>17</sup> *Hes. Magn.* 254 M-W.

pele depois do sacrifício e, com o velo, dirigiu-se ao palácio de Eetes, onde foi acolhido espontaneamente por causa da pele.<sup>18</sup>

### 1. 3. EUMELO

Poeta filho de Anfílito, um dos chamados Baquidas,<sup>19</sup> Eumelo nasceu em Corinto e sua poesia foi composta no fim do séc. VII AEC, época em que os Baquidas já haviam afirmado a monarquia que duraria mais meio século.<sup>20</sup> Sua poesia segue em grande parte a de Hesíodo, e teve a fama de havê-lo plagiado,<sup>21</sup> o que não só atesta a afinidade literária entre Eumelo e a épica hesiódica, como também a rápida propagação dos novos poemas épicos no período alto-arcaico.

Seu poema *Corintíaca* discorre sobre a argonáutica graças a uma associação entre Medeia e Corinto. O seguinte datílico<sup>22</sup> foi atribuído a Eumelo por Wilamowitz. Se de fato o excerto representar o pensamento de Eumelo e da épica arcaica, ele se torna extremamente pertinente, por fazer de Medeia uma herdeira das terras coríntias:

[A cidade] pela qual, dizem, disputaram Posídon e Sol... e incumbiram o julgamento a um terceiro deus, mais velho; e esse:

*São muitas as cabeças, muitos são os braços.*

Passada tal questão ao deus, ambos tomaram a cidade e as terras.<sup>23</sup>

---

<sup>18</sup> *Hes.?* 299 M-W. O escólio se refere ao autor do poema Egímio, atribuído ora a Hesíodo, ora a Cércope.

<sup>19</sup> *Paus. Descr.* II 1, 1.

<sup>20</sup> DEBIASI: 2004, p. 19.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>22</sup> O texto se encontra no *Discurso aos Coríntios* de Favorino, antes atribuído a Dio Crisóstomo.

<sup>23</sup> *Dio Or.* XXXVII 11. 7: ὑπὲρ ἧς τοὺς δύο θεοὺς φασιν ἐρίσαι, Ποσειδάωνα καὶ τὸν Ἥλιον, τὸν μὲν τοῦ πυρὸς κύριον, τὸν δὲ τοῦ ὕδατος; ἐρίσαντε δὲ καὶ τὴν δίκαιαν ἐπιτρέψαντε τρίτῳ θεῷ πρεσβυτέρῳ, οὗ πλεῖστα μὲν κεφαλαί, πλεῖστα δὲ τε χεῖρες, τούτῳ τὴν δίκαιαν ἐπιτρέψαντες ἀμφοτέροι τήνδε τὴν πόλιν καὶ τὴν χώραν ἔχουσιν.

O verso é mais bem compreendido com a leitura da seguinte passagem, de Pausânias:

Os coríntios também dizem que Posídon e o Sol se confrontaram pelas terras. Briareu se fez juiz, e promulgou que o istmo seria de Posídon em toda sua extensão, e ao Sol deu poder sobre a cidade [de Corinto].<sup>24</sup>

Soberano em Corinto, o deus reservaria aos herdeiros a cidade em que Jasão e Medeia – aqui neta não de Perseia, mas de Antíope – haveriam de se estabelecer, conforme comenta o escoliasta da O. 13 de Píndaro:

*Por que Medeia é mencionada? Porque Corinto é sua por herança, de acordo com essa tradição. Eumelo, poeta histórico, ensina isso quando diz:*

Mas quando Aleu e Eetes nasceram do Sol  
e de Antíope, o filho do glorioso Hipérion  
cindiu sua terra em dois quinhões, aos seus herdeiros.  
Cedeu a Aleu divino as ribeiras do Asopo,  
e toda a Efira ocupada, deu a Eetes.  
E a Buno, Eetes confiou-as, que as guardasse  
até que ele voltasse, ou outro consanguíneo,  
um filho ou neto. Então partiu à terra cólquida.<sup>25</sup>

O ciclo argonáutico no período arcaico, todavia, não contava o mesmo fim que se assiste na Medeia de Eurípides. Ao menos é o que se depreende da seguinte citação,<sup>26</sup> novamente de Pausânias:

---

<sup>24</sup> *Paus. Descr.* II 1. 6: λέγουσι δὲ καὶ οἱ Κορίνθιοι Ποσειδῶνα ἐλθεῖν Ἡλίῳ περὶ τῆς γῆς ἐς ἀμφισβήτησιν, Βριάρεων δὲ διαλλακτὴν γενέσθαι σφίσιν, ἰσθμὸν μὲν καὶ ὅσα ταύτῃ δικάσαντα εἶναι Ποσειδῶνος, τὴν δὲ ἄκραν Ἡλίῳ δόντα τὴν ὑπὲρ τῆς πόλεως.

<sup>25</sup> *Schol. Pi. O. 13. 74:* διὰ τί Μηδείας ἐμνημόνευσεν; ὅτι ἡ Κόρινθος πατρῶιον αὐτῆς κτῆμα γέγονε τούτῳ τῷ λόγῳ. [...] διδάσκει δὲ τοῦτο Εὐμηλὸς τις ποιητῆς ἱστορικός, εἰπὼν «ἀλλ' ὅτε δη Αἰήτης καὶ Ἄλωεὺς ἐξεγένοντο/ Ἡελίου τε καὶ Ἀντιόπης, τότε δ' ἄνδιχα χῶρην/ δάσσατο παισὶν ἐοῖς Ὑπερίονος ἀγλαὸς υἱός-/ ἦν μὲν ἔχ' Ἀσωπός, ταύτην πόρε δίωι Ἄλωεϊ-/ ἦν δ' Ἐφύρη κτεάτισσ', Αἰήτηι δῶκεν ἅπασαν./ Αἰήτης δ' ἄρ' ἐκὼν Βούνωι παρέδωκε φυλάσσειν,/ εἰσόκεν αὐτὸς ἴκοιτ' ἢ ἐξ αὐτοῦ τις ἄλλος,/ ἢ πάϊς ἢ υἱόνός· ὁ δ' ἴκετο Κολχίδα γαῖαν.»

<sup>1</sup> δη Αἰήτης West: δ' Αἰήτης cod.

<sup>26</sup> WEST: 2003, p. 243 adverte, em nota ao fragmento, que talvez a Medeia argonáutica tenha se confundido com uma divindade local de Corinto, cujo culto observasse a morte de seus filhos.

É evidente que Jasão foi rei em Corinto por causa dela. Medeia teve filhos, mas sempre os levava ao templo de Hera e os escondia, enterrando-os. Acreditava que se tornariam imortais. Finalmente percebeu que suas esperanças eram falsas, ao passo que foi descoberta por Jasão. Este navegou a Iolco por não mais sentir afinidade no enlace. Então também ela partiu, passando o poder a Sísifo. Essa foi a história que eu li.<sup>27</sup>

Favorino narra a história da fundação dos Jogos Ístmicos. Novamente, Wilamowitz sugere que a fonte de Favorino seja o poeta arcaico Eumelo. Um indício apontado pelo filólogo alemão é o fato de o texto encerrar o que parece ser um fragmento de hexâmetro:

De fato dizem que os jogos foram aqui estabelecidos por primeira vez pelos dois deuses, e os vencedores foram

*Castor cruzando um estádio,<sup>28</sup> e Calais, dois.*

Orfeu venceu na cítara; Hércules, no pancrácio; na luta, Polideuces; Peleu, no combate; Telamôn, no arremesso de disco; e Teseu, na corrida com armas. Fizeram-se também provas hípcas: Faeton venceu na montaria e Neleu na quadriga. Houve também a corrida náutica, vencida pelo Argo. E Jasão nunca mais navegou nele, e lá o consagrou a Posídon.<sup>29</sup>

## MEDEIA EM CORINTO

O reinado de Jasão e Medeia em Corinto depende da hereditariedade das terras por parte da neta do Sol e, conseqüentemente, a genealogia é fundamental nesse ponto. Ainda que Eumelo concorde com Homero e Hesíodo ao dizer que Medeia era filha de Eetes – filho

---

<sup>27</sup> *Paus. Descr.* II 3, 11: βασιλεύειν μὲν δὴ δι' αὐτὴν Ἰάσωνα ἐν Κορίνθῳ, Μηδεία δὲ παῖδας μὲν γίνεσθαι, τὸ δὲ αἰεὶ τικτόμενον κατακρύπτειν αὐτὸ ἐς τὸ ἱερὸν φέρουσαν τῆς Ἥρας, κατακρύπτειν δὲ ἀθανάτους ἔσεσθαι νομίζουσαν· τέλος δὲ αὐτὴν τε μαθεῖν ὡς ἡμαρτήκοι τῆς ἐλπίδος καὶ ἅμα ὑπὸ τοῦ Ἰάσονος φωραθεῖσαν – οὐ γὰρ αὐτὸν ἔχειν δεομένη συγγνώμην, ἀποπλέοντα ἐς Ἴωλκὸν οἴχεσθαι – , τούτων δὲ ἔνεκα ἀπελθεῖν καὶ Μήδειαν παραδοῦσαν Σισύφῳ τὴν ἀρχήν.

<sup>28</sup> Prova de corrida curta.

<sup>29</sup> *Dio Or.* xxxvii 14, 1: καὶ γὰρ τοὶ καὶ ἀγῶνα πρῶτον ἐνταυθοῖ τεθῆναι φασιν ὑπὸ τῶν δύο θεῶν, καὶ νικῆσαι Κάστορα μὲν στάδιον, Κάλαϊν δὲ δίαυλον· [...] Ὀρφεὺς κιθάρα, Ἡρακλῆς πάμμαχον, πυγμὴν Πολυδεύκης, πάλην Πηλεὺς, δίσκον Τελαμών, ἐνόπλιον Θησεύς. ἐτέθη δὲ καὶ ἵππων ἀγῶν, καὶ ἐνίκα κέλῃτι μὲν Φαέθων, τεθρίπῳ δὲ Νηλεὺς. ἐγένετο δὲ καὶ νεῶν ἄμιλλα, καὶ Ἄργῳ ἐνίκα, καὶ μετὰ ταῦτα οὐκ ἔπλευσεν, ἀλλὰ αὐτὴν ἀνέθηκεν ὁ Ἰάσων ἐνταῦθα τῷ Ποσειδῶνι, καὶ τὸ ἐπίγραμμα ἐπέγραψεν, ὃ λέγουσιν Ὀρφῆως εἶναι·

do Sol –, o poeta coríntio não traz Perseia como mãe de Eetes, como fizeram os dois outros poetas, e sim Antíope. Essa diferença é um indício de que não só a linhagem de Medeia quanto as posses de sua linhagem – incluindo a herança das terras coríntias – façam parte de uma tradição local e de tardia divulgação.

A Medeia argonáutica poderia ter-se confundido com uma divindade local de Corinto, cujo culto observasse a morte dos filhos.<sup>30</sup> No entanto, não há evidência de um santuário na própria cidade de Corinto. Variantes míticas de diversas épocas relacionam a morte dos filhos de Medeia com o culto celebrado no antigo Heraion de Peracora. Construído no séc. VIII AEC no golfo de Corinto em homenagem à Hera Acraia, esse templo recebia sete meninos e sete meninas nobres todo ano, enviados pelos coríntios para o serviço do culto. Vestiam roupas negras e cortavam seus cabelos, dedicando-os aos filhos de Medeia para aplacar a vingança destes.<sup>31</sup> Tais ritos provavelmente rememoravam sacrifícios infantis cuja instauração fora praticada pela própria Medeia,<sup>32</sup> divindade só posteriormente confundida com Hera Acraia.<sup>33</sup>

#### 1. 4. NAUPÁCICA

Outro conjunto de citações importante para o estudo do ciclo argonáutico no período arcaico refere-se à Naupácia, um antigo poema atribuído pelos antigos a um milésio ou a Carcino de Náupato.<sup>34</sup> O poema se estrutura conforme o modelo estabelecido pelo Catálogo das Mulheres, de Hesíodo.<sup>35</sup> O escólio à *Argonáutica* de Apolônio relata que “o poeta da Naupácia e Ferecides, no livro 6, dizem que as tais [Harpías] fugiram para Creta, para uma

---

<sup>30</sup> WEST: 2003, p. 243.

<sup>31</sup> LARSON: 2007, p. 35.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> A sobreposição de Hera a Medeia é defendida por WILL (1955) e REICHERT-SÜDBECK (2000), in LARSON, *loc. cit*.

<sup>34</sup> *Paus. Descr. x 38, 11*.

<sup>35</sup> DEBIASI: 2004, p. 62.

caverna abaixo das colinas de Argino”.<sup>36</sup> Em outro trecho, comentando a assembleia dos argonautas após Jasão anunciar aos amigos os trabalhos impingidos pelo rei de Cólquis, o escoliasta diz que, segundo a Naupática, Idmon levantou-se e instou que Jasão se submetesse às provas.<sup>37</sup>

Depois de cumpridas as provas, o escoliasta informa, Medeia não partiu por sua própria vontade,<sup>38</sup> mas por um infortúnio: Jasão fora convidado, com os demais argonautas, a um jantar no palácio de Eetes. Este havia arquitetado um plano para destruí-los e queimar os navios. No entanto,

Afrodite inflamou Eetes com desejo  
de se deitar ao leito com sua esposa, Eurípilé;  
no íntimo cuidando que Jasão, pós provas,  
com seus valentes homens, retornasse ao lar.  
...  
fugir entre o negrume célere da noite.<sup>39</sup>

e então, diferentemente da Medeia de Apolônio, que promete o velocino a Jasão, a Medeia da Naupática carrega-o consigo enquanto foge,<sup>40</sup> durante a confusão estrepitosa da fuga dos marinheiros.

A contradição mais relevante entre as várias notícias literárias do ciclo se devem a uma citação que faz Pausânias:

Existe um épico, chamado *Naupácia* pelos gregos, em que se diz que Jasão partiu de Iolco à Cócira<sup>41</sup> depois da morte de Pélias; e que seu filho mais velho, Mérmero, foi morto por uma leoa que caçava nos confins do território.<sup>42</sup>

---

<sup>36</sup> *Schol. A.Rh.* II 299: ὁ δὲ τὰ Ναυπακτικὰ ποιήσας καὶ Φερεκύδης ἐν ζ' φασὶν εἰς τὸ σπέος αὐτὰς φυγεῖν τῆς Κρήτης τὸ ὑπὸ τῷ λόφῳ τῷ Ἀργινοῦντι.

<sup>37</sup> *Schol. A.Rh.* III 523-524.

<sup>38</sup> *Schol. A.Rh.* IV, 66.

<sup>39</sup> *Schol. A.Rh.* IV 66a: δὴ τότε ἄρ' Αἰήτηι πόθον ἔμβαλε δὴ Ἀφροδίτη/ Εὐρυλύτης φιλότητι μιγήμεναι, ἧς ἀλόχοιο,/ κηδομένη φρεσὶν ἦισιν, ὅπως μετ' ἄεθλον Ἰήσων/ νοστήσει οἰκόνδε σὺν ἀγχεμάχοις ἐτάροισιν.

<sup>40</sup> *Schol. A.Rh.* IV 87.

<sup>41</sup> Uma ilha a oeste do mar Adriático, atualmente chamada *Corfu*.

Aparentemente, Jasão partira não para Corinto, mas para a Córira, após a morte de seu tio usurpador. Talvez Pausânias, em um lapso, invertesse a ordem cronológica da morte de Peleu e a ida à Córira.<sup>43</sup> Outra possível solução seria o autor haver fundido dois eventos temporalmente afastados, uma vez que é possível que essa viagem fosse relatada como um evento posterior a Jasão abandonar Medeia em Corinto e retornar a Iolco, estando há muito Pélias morto.<sup>44</sup> Isso significaria a única notícia de que Jasão deixara Iolco uma segunda vez após sua vingança. Ademais, não há motivo evidente de que um poema francamente inspirado em Eumelo<sup>45</sup> trouxesse tal discordância geográfica, inclusive porque Náupato fica no estreito do golfo de Corinto e, portanto, próximo ao local da referência mítica difundida em sua época.

## 1. 5. LÍRICA

Tardia ou não, a incorporação de Corinto no ciclo argonáutico é seguida por Simônides. O poeta de Ceos diz que Jasão não viveu na terra de seus pais:

habitou em Corinto, não na Magnésia,  
dividindo o trono com sua cōnjuge,  
e o de Lecaio.<sup>46</sup>

Na O. 13 escrita em 464 AEC para um atleta de Corinto, dois anos antes da P. 4, Píndaro elenca Medeia (v. 52) entre os memoráveis cidadãos dessa cidade. A lírica coral tardo-arcaica demonstra que a vinculação da cidade de Corinto com o mito de Jasão se estabele-

---

<sup>42</sup> *Paus. Descr.* xi 3, 9: ἔπη δὲ ἔστιν ἐν Ἑλληνισι Ναυπάκτια ὀνομαζόμενα· πεποιήται δὲ ἐν αὐτοῖς Ἰάσονα ἐξ Ἰωλκοῦ μετὰ τὸν Πελίου θάνατον ἐς Κόρκυραν μετοικῆσαι καὶ οἱ Μέρμερον μὲν τὸν πρεσβύτερον τῶν παίδων ὑπὸ λειάνης διαφθαρήναι θηρεύοντα ἐν τῇ πέραν ἠπείρῳ.

<sup>43</sup> Segundo MARTÍNEZ *et alii*: 1997, p. 64, os argonautas chegaram a desembarcar na Córira antes de retornar a Iolco, segundo alguma fonte posterior a Píndaro.

<sup>44</sup> DEBIASI: 2004, p. 64. Cf. MATTHEWS in DEBIASI: 2004, capítulo I n. 273.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> *Scholia Eur. Med.* 19: ὁ δ' ἵκετ' ἐς Κόρινθον οὐ Μαγνησίαν/ ναῖ, ἀλόχῳ δὲ Κολχίδι ξυνέστιος/ θράνου Λεχαιίου τ' ἄνασσε. ὁ δ' ἵκετ' ἐς cod: οὐδὲ κἀτ' εἰς Hermann, Schwartz ξυνέστιος Elmsley: συνάστεος cod.

ceu no ciclo excedendo os limites de um mito local, e seria o tópico essencial da tragédia de Eurípidēs.

Um escólio da *Argonáutica* informa que, de acordo com Íbico, Jasão teve uma irmã chamada Hipólita,<sup>47</sup> e que Íbico foi quem primeiro disse que Aquiles, quando chegou nos Campos Elísios, casou-se com Medeia, um epílogo também seguido por Simônides.<sup>48</sup>

Os jogos em Lemnos descrito na P. 4 também já se encontram em Simônides, que diz que os argonautas competiram pela veste na ilha das mulheres.<sup>49</sup> Outros jogos, os fúnebres em honra do rei Pélias, são o tema central de um poema de Estesícoro, do qual apenas alguns versos – entre eles, sobre bolinhos de mel e gergelim – restaram.

Em uma de suas elegias, Mimnermo parece referir-se à ajuda de Medeia a Jasão no cumprimento das provas cólquidas. Embora lacunar, os versos faltantes podem ser supostos com base na imitação que Apolônio de Rodes aparenta haver feito no início do seu terceiro livro.<sup>50</sup> O poeta alude, de forma intensa, ao caráter divino da casta de Medeia:

[sem o amor de Medeia, ...]<sup>51</sup>  
e nem Jasão traria o velocino esplêndido  
de Ea, dando fim à angusta via  
cumprindo a dura lida, mando do vil Pélias:  
nem chegara ao bel fluxo do oceano.  
...na cidade de Eetes, onde o Sol veloz  
tem seus raios na câmara de ouro  
ao pé do Oceano, onde chegou Jasão divino.<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> *Schol. A.Rh.* I 287: εἶχεν γὰρ ἀδελφὴν Ἴππολύτην, ὡς φησιν Ἴβυκος.

<sup>48</sup> *Schol. A.Rh.* IV 411: ὅτι δὲ Ἀχιλλεὺς εἰς τὸ Ἡλύσιον πεδίον παραγενόμενος ἔγημε Μῆδειαν, πρῶτος Ἴβυκος εἴρηκε, μεθ' ὃν Σιμωνίδης.

<sup>49</sup> *Schol. Pi.* P. 4, 451: καὶ γὰρ καὶ παρὰ Σιμωνίδη ἐστὶν ἡ ἱστορία, ὅτι περὶ ἐσθήτος ἠγωνίσαντο.

<sup>50</sup> Kaibel e Willamowitz. Posteriormente também Adrados (1990, p. 222).

<sup>51</sup> *A.Rh. Argon.* III 3: Μηδείης ὑπ' ἔρωτι.

<sup>52</sup> *Mimn.* 11 e 11a: οὐδέ κοτ' ἄν μέγα κῶας ἀνήγαγεν αὐτὸς Ἰήσων/ ἐξ Αἴης τελέσας ἀλγινόεσσαν ὀδόν,/ ὕβριστῆι Πελίηι τελέων χαλεπῆρες ἄεθλον,/ οὐδ' ἄν ἐπ' Ὀκεανοῦ καλὸν ἴκοντο ῥόον./ Αἰήταο πόλιν, τόθι τ' ὠκέος Ἡελίοιο/ ἀκτίνες χρυς<έω>ι κείαται ἐν θαλάμῳ/ Ὀκεανοῦ παρὰ χεῖλος, ἴν' ὠιχετο θεῖος Ἰήσων.

## 1. 6. RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA DO MITO

Filha de Salmoneu, um rei orgulhoso destruído por Zeus, a princesa Tiro é conduzida pelos deuses à casa de Creteu, rei da cidade magnésia de Iolco. Posídon se enamora dela e gera os gêmeos Pélias e Neleu. Não só a Posídon, Tiro também dá herdeiros ao rei Creteu: Éson, Feres, Amitáon e Hipólita. Por vontade de Zeus, Pélias usurpa aos herdeiros de sangue o trono de Iolco com violência, após a morte de Creteu. Éson manda o filho Jasão ao monte Pélion, para ser educado por Quíron. Após sua formação, Jasão retorna à Iolco. Pélias o obriga a conquistar o velo de ouro do carneiro que conduziu Frixo à distante Cólquis. Junto de outros tantos heróis e semideuses, Jasão parte no navio Argo.

A cidade de Ea, em Cólquis, é então governada pelo rei Eetes, irmão de Circe, filhos ambos do Sol e Perseia, uma oceânide imortal. Casado com a oceânide Idia, Eetes é pai da deusa Medeia. Jasão deve cumprir as provas impostas por Eetes. Afrodite faz Medeia se apaixonar por Jasão. Cumpridas as provas, intransponíveis sem a ajuda de Medeia, os argonautas vão ao banquete oferecido no palácio real onde Eetes prepara uma armadilha. Jasão é advertido e parte com seus homens, levando Medeia e o velo de ouro.

Na viagem, o navio passa miraculosamente por entre as Simplégades, as rochas que se embatem. Os argonautas passam por Lemnos, onde cumprem jogos competindo por uma veste. Nessa ilha, Jasão se deita com Hipsípile e gera Euneu, que haveria de participar do cerco contra Tróia. Jasão chega em Iolco levando o velo de ouro. Gera Medeia e o entrega ao seu antigo tutor, Quíron. Por um motivo não evidente nas escassas fontes arcaicas,<sup>53</sup> Jasão mata o rei Pélias – honrado em jogos fúnebres – e parte com Medeia para Corinto, onde a deusa reivindica as terras herdadas do Sol, seu avô. Os argonautas fundam aí os Jogos Ístmii-

---

<sup>53</sup> Segundo fontes posteriores, depois de Pélias enviar os argonautas, teria matado Éson e Alcímede, pais de Jasão (MARTÍNEZ, p. 210).

cos. Jasão consagra a Posídon seu navio Argo após a competição náutica nesses jogos e o aposenta.

Jasão reina como consorte da rainha Medeia por alguns anos. Seus filhos, um após o outro, são enterrados no templo de Hera pela mãe, que dessa forma espera atestar – ou conceder – a imortalidade à prole. Jasão se insatisfaz e parte para Iolco novamente. Entregando Corinto a Sísifo, Medeia também abandona a terra.



**EXÓRDIO**

O epinício – ode em que se celebra a vitória de um atleta em jogos sagrados – contém uma série de formulações próprias inerentes ao gênero, seja ele de Píndaro ou Baquílides<sup>54</sup> e, possivelmente, de quantos escreveram essa espécie poética.<sup>55</sup> A ode epinícia transmite não só o *nome* do campeão, mas também o de sua pátria, além de mencionar os jogos em que a vitória foi celebrada;<sup>56</sup> a maior parte das odes contém uma *invocação poética* à divindade<sup>57</sup> ou uma *prece* futura, além do *elogio*; também são comuns as alusões ao *ofício poético* e *sentenças gnômicas*, e seu emprego deve ser considerado parte da estrutura epinícia.

Na seção central, depois da invocação e da menção aos nomes, o poeta pode ou esboçar um *mito* ou desenvolvê-lo mais longamente – embora a seção mítica não ocorra em um quinto das odes de Píndaro.<sup>58</sup> Os epinícios com desenvolvimento mítico não o apresentam logo na sua abertura,<sup>59</sup> salvo em três odes de Píndaro e uma, ou talvez duas,<sup>60</sup> de Baquílides. A Pítica 4 é uma delas.

Embora se encontrem em sua composição todas as partes comuns ao gênero, acima mencionadas, a P. 4 apresenta uma estrutura diversa da que Píndaro adota em todos os outros epinícios. Os três primeiros versos trazem uma pequena invocação poética e o

---

<sup>54</sup> Únicos autores de quem restou uma quantidade suficiente para estudo de forma epinícia.

<sup>55</sup> As seis seguintes categorias foram enunciadas em um pequeno e lúcido estudo por HAMILTON, em 1974.

<sup>56</sup> E relembrar, ocasionalmente, jogos anteriores nos quais o desportista tenha sido campeão. Ao conjunto dos nomes do vencedor e do local de vitória cunhou-se o termo *complexo nominal* (HAMILTON, p. 15).

<sup>57</sup> As odes O. 9 e 11, P. 6 e 9, N. 4, 5 e 6, I. 2, 3-4, 6 e 8 não possuem qualquer invocação ou prece. As seis odes completas de Baquílides se iniciam com uma invocação poética.

<sup>58</sup> Na análise estrutural de HAMILTON, esses dois procedimentos se distinguem como *exemplo mítico* e *mito*, respectivamente.

<sup>59</sup> Nas 44 odes de Píndaro e nas 12 aberturas completas – dentre as 18 odes – de Baquílides.

<sup>60</sup> P. 3, 4, 9 e Baquílides 9. Baquílides 1 nomeia Nereu, possivelmente no genitivo, mas não é claro, no texto lacunar, que o mito se desenvolvesse.

complexo nominal, fazendo ingressar o mito,<sup>61</sup> já no quarto verso, que se estende por praticamente toda a extensão da ode. Apenas a seção do mito ocupa 10 primeiras tríades, o equivalente ao dobro das maiores odes do autor. A P. 4 traz apenas três menções ao laureado rei Arcesilas. No fim da ode, três tríades panegíricas – entremeadas de aforismos e exemplo mítico – não se dirigem em louvor ao vencedor, mas a Damófilo, um exilado cidadão cirrenaico.

A P. 4, composta para os Jogos Píticos de 462 AEC, é parelha de outra ode, a eólica P. 5, para a mesma vitória, que cumpre o papel epinício seguindo os protocolos usuais, ao longo dos seus 124 versos. Pares de odes não são incomuns. Odes como O. 2 e 3, O. 4 e 5 são parelhas que celebram a mesma vitória nos jogos disputados. Existem, mesmo, odes de diferentes autorias para a mesma ocasião, como as duas odes escritas ao tirano de Siracusa Hieron nas Olímpicas de 476 AEC, por Píndaro e Baquilídes,<sup>62</sup> e outras duas pela vitória do mesmo tirano nas Píticas de 470 AEC, encomendadas aos mesmos poetas.<sup>63</sup>

No entanto, o longo elogio tecido a Damófilo, possivelmente exilado sob o crivo do próprio rei Arcesilas, respalda a hipótese de que a ode não seja uma encomenda do palácio do rei, mas sim de Damófilo, como voto de anistia.<sup>64</sup> Talvez essa demanda incomum tenha delineado o fazer poético desse poema díspar: não sendo uma encomenda do palácio, Píndaro não ficou restrito ao protocolo do gênero, e desenvolveu o mito argonáutico muito além da necessidade de apenas ilustrar um elogio. Mais do que um epinício, a ode dedicada ao rei encerra uma gesta heroica que se delimita não só pela relação desproporcional entre sua narrativa e o restante da obra, como também pela substancial exposição linear da con-

---

<sup>61</sup> Mito que, em alguns momentos, cumpre o papel de *nome* na composição do complexo nominal, como se verá adiante.

<sup>62</sup> O. 1 de Píndaro e Baquilídes 5.

<sup>63</sup> P. 1 e Baquilídes 4.

<sup>64</sup> GILDERSLEEVE: 1885, p. 278; sobre algumas hipóteses para o motivo do exílio, cf. ROBBINS: 1975, nota 3.

quista do velocino de ouro por parte de Jasão – tema central da argonáutica – entre os versos 70-254.

Embora a elocução não difira da utilizada nas outras odes no que se refere a figuras de linguagem e estilo, a linearidade temporal e a fixação em um foco narrativo bem delineado nessa longa seção distam da prolixidade encontrada no narrar mítico das outras odes, e.g. o próprio mito de colonização de Cirene na mesma ode, vv. 3-69 (e o retorno ao tema nos vv. 254-262), discursado por duas profetisas de gerações diferentes e pelo próprio Píndaro em uma articulação que compreende vários planos temporais entrecortados, comuns à dicção do poeta tebano.

Quando BRASWELL analisou a obra, organizou os versos da seguinte forma: *princípio* 1-12; *fala de Medeia* 13-56; *seção intermediária* 57-69; *expedição argonáutica* 70-262; *apelo ao retorno de Damófilo*. A análise a seguir secciona o poema em quatro partes estruturalmente independentes: a *Cirenaica* e seus jogos temporais 1-67, a gesta *Argonáutica* 67-254, um retorno ao tema na *Pequena Cirenaica* 254-262, e a oração *Damofílica* em defesa do exilado 263-299.

## 2. CIRENAICA

O mito da colonização de Cirene se concentra entre os versos 1 e 67 da ode, e seu tempo narrativo segue um plano de composição anelar que começa na época de Píndaro, passa pelo tempo intermediário do discurso indireto da Pitonisa e atinge, por fim, o discurso direto de Medeia, proferido em um tempo antiquíssimo. Além desses três grandes tempos de enunciação, o discurso da deusa cólquida não se limita ao presente, mas se desdobra tanto no passado quanto no futuro, e esses tempos se mostram igualmente organizados em composição anelar.

Além da disposição em anéis, Píndaro oculta em cada seção um artifício que evita ao máximo a simplicidade e o contar história, ora fazendo a voz da apresentação dialogar

francamente com um homem do passado, ora fazendo a voz da deusa ainda mais antiga discursar à plateia cirenaica; como se o rito, minado o limite do tempo, restituísse a epifania do mito.

## 2. 1. TEMPO DE PÍNDARO

A unidade desse anel repousa principalmente sobre os nomes evocados em ambos os trechos, não só de Arcesilas, Apolo e Piton,<sup>65</sup> mas da própria Musa – a mente divina.<sup>66</sup> A primeira seção se inicia com o advérbio *σήμερον* *hoje*. A princípio, o termo se refere ao dia em que, após a vitória, o poema seria recitado, honrando Arcesilas pela sua conquista. O termo é brevemente comentado por um escólio, que diz não referir-se ao momento em que Píndaro escreveu a ode, mas àquele em que ela é executada.<sup>67</sup> A relação da ode com uma vitória é explicitada já pelos nomes de Delfos e Apolo, mas também os cavalos do rei são mencionados nas duas partes.

- 1-3 Neste dia, mente divina, debes manter-te  
lado a lado ao rei amado da Cirene  
de céleres corcéis, enquanto Arcesilas celebra,  
afim de insuflar brisa de cantares,  
aos filhos de Leto e à Piton devida!
- 64-67 Depois de tanto, agora  
tal como a floração carmim da primavera,  
Arcesilas floresce, oitava geração.  
A ele Apolo e Piton  
deram glória entre os contíguos  
pela quadriga.

---

<sup>65</sup> Serpente mítica, também topônimo de Delfos. Apolo é filho de Leto, daí Λατοΐδης.

<sup>66</sup> A equivalência entre *Musa* e *mente divina*, adotada no presente trabalho, é justificada no item 5.1, pp. 51.

<sup>67</sup> *Schol. Pi. P. 4, 1*: φαίνεται ὁ Πίνδαρος παρακαλῶν καὶ βουλόμενος αὐτὸν διαλλάξει καὶ ἀξιῶν τὴν Μοῦσαν παραστήναι τῷ Ἄρκεσιλάῳ, καθ' ἣν ἡμέραν διαπέμπεται τὸν ἐπίνικον. οὐ γὰρ προσκαλεῖται αὐτῶ γράφων παραστήναι τὴν Μοῦσαν· οὐ γὰρ ἄν διωρίσατο ἐν μιᾷ ἡμέρᾳ γράψαι τὸν ὕμνον.

Esboça-se ainda outra unidade nesse anel, subjacente sob os termos *σήμερον hoje* e o advérbio *νῦν agora*. A conquista nos jogos píticos, referida em 65-66, é mais um sinal da instituição divina do reinado de Arcesilas e pretexto das honrarias. Juntamente com Delfos, Apolo *concedeu* ἔπορεν ao rei a glória atrelada à conquista hípica, nos jogos délficos consagrados ao mesmo deus; não obstante, utilizando-se do aoristo, o poeta se refere à consagração do campeão colocando-a no passado recente, em um gesto que ofusca algo de sua importância perante o esplendor do tempo presente, no qual o rei, agora, *floresce* θάλλει *como a floração carmim da primavera*.

A vitória é só mais uma das glórias que compõem um passado nobre advindo de gerações – e pretexto para o desenrolar mítico desse passado. De fato, ao invés de evocar apenas um dia, o termo retoma a época geral da enunciação do poema, em contraposição às antigas eras referidas entre 4-63, em que a Pitonisa renunciara o reinado da dinastia real de Cirene. *Nῦν* é o tempo em que o rei nasceu, o tempo em que ele é rei e, por extensão, o tempo em que ele *foi* campeão.

Já se observaram o caráter incomum desse poema e seu desajuste funcional como epinício. A ode, embora tenha sido encomendada após uma vitória de fato, não se estrutura como um epinício tradicional; e os nomes de Delfos e Apolo são evocados com propósito ainda mais nobre que o de consagrar um atleta. Na Cirenaica, esses nomes surgem com o fim de justificar o reinado de Arcesilas IV, o rei que pode trazer de volta o exilado Damófilo a Cirene. *Hoje*, mais do que um dia específico, determina a geração do rei.

Além, a polissemia do termo *hoje* pode assumir, em contraposição aos outros anéis estruturais, o sentido do tempo sagrado em que se enuncia o mito. Assim como o deus Apolo estava presente quando a Pitonisa enunciou; assim como Medeia, com *lábios imortais* (ela mesma sendo deusa), profetizou; também Píndaro invoca a mente divina – Musa –,

para que seu discurso não seja privado de validade religiosa.<sup>68</sup> Hoje se define, a princípio, como o que não é mito, mas tempo de, uma terceira vez, mitificar.

## 2. 2. TEMPO DA PITONISA

O segundo anel introduz o discurso de Medeia e o conclui. Píndaro seleciona para seu relato o exato momento da profecia pítica que, segundo Heródoto, deu-se nestes termos: “Vens, Bato, ver tua voz; à Líbia pastoral,/ entanto, Apolo soberano te encomenda.”<sup>69</sup> Píndaro oferece aos ouvintes mais do mito, expondo aqui o tema de Medeia em Tera, que será depois desenvolvido:

4-12 Em idos tempos, entronada  
entre as águias douradas de Zeus,  
e Apolo não se apartava!,  
a pitonisa predisse  
que Bato, o colonizador da Líbia  
frutuosa, êxul da sagrada ilha,  
fundaria a cidade de velozes carros  
sobre os seios cintilantes;  
que avante dez mais sete gerações,  
o vaticínio dado em Tera por Medeia,  
enérgica filha de Eetes, senhora dos Colcos  
com lábios imortais, cumprir-se-ia.  
Disse ela aos marinheiros semideuses,  
tripulação do herói Jasão.

57-63 Esta a sentença de Medeia.  
Atônitos, os divinais heróis ouviram  
a abstrusa argúcia imóveis, mudos.  
Ó abençoado filho de Polinasto,  
com espontâneo canto,  
orientou-te nestes termos  
o oráculo da abelha délfica  
enaltecendo-te três vezes;  
e proclamou-te rei de Cirene,

---

<sup>68</sup> C.f. *Iliada* B 484 ss. onde o poeta afirma que sem a Musa, ainda que com dez bocas, não poderia catalogar as naus e os guerreiros que avançaram contra a cidade de Troia.

<sup>69</sup> *Herod. Hist.* IV 155: Βάττ', ἐπὶ φωνὴν ἦλθε· ἄναξ δέ σε Φοῖβος Ἀπόλλων/ ἐς Λιβύην πέμπει μηλοτρόφον οἰκιστῆρα.

quando requestada por cura divina  
para tua afasia!

O verso 4 se inicia com uma locução adverbial ἔνθα ποτέ *outrora*, que ingressa a narrativa no tempo mítico e, ao mesmo tempo, histórico. A expressão pode sugerir o *era uma vez* dos contos de fadas,<sup>70</sup> muito embora o mito tenha força de verdade. O tempo invocado por Píndaro, anterior a ele oito gerações, regressa a cerca de cento e oitenta anos, época em que Bato I, rei semi-histórico, teria colonizado Cirene, ao norte da Líbia.<sup>71</sup>

Os versos 57-63 são dedicados à circunstância da predição, enquanto que os versos 4-12 referem-se à profecia propriamente dita. A coesão do anel é definitivamente conquistada através da atração entre verbo e substantivo de mesma raiz: χρηῖσεν (6) e χρησιμός (60): a pitonisa *oraculou o oráculo*, expressão que envolve o anel central.<sup>72</sup> Embora esses termos não dependam sintaticamente um do outro, de fato, a retomada lexical vincula, com grande coesão, ambos os trechos ao mesmo anel, que circunscreve o terceiro anel – o discurso de Medeia.

Ainda nesse anel, é notável a relação estabelecida entre Píndaro e Bato. Embora o poema seja representado frente ao vencedor, o vocativo υἱέ se direciona ao filho do tetravô do tetravô de Arcesilas, como se Píndaro realizasse diante de si, através do seu vaticínio, a visão do passado. Referir-se diretamente ao homenageado é comum ao gênero e, nessa ode, o coro interage com Arcesilas algumas vezes. Mas nesse trecho, Píndaro parece fundir a figura

---

<sup>70</sup> Ou *once upon a time* (CALAME, p.44, tradução de Berman).

<sup>71</sup> Ver comentário à dinastia batíada entre os apêndices, na seção de cerâmicas.

<sup>72</sup> Essa relação morfológica é brevemente mencionada em FELSON, p. 18. Além de apresentar um anel de dimensão um pouco diversa (4-10) e, no entanto, observa apenas esse anel em toda essa seção (1-63), além de outros no final da ode. O primeiro é apenas evocado pelo vocativo Ἀρκεσίλα (250 e 298), e sua força é questionável; o segundo, mais convincente, refere-se aos votos de retorno de Damófilo como um núncio de versos imortais, ἄγγελον/ἀγγελίας e μυθήσαιθ' (278-9 e 298) ditos em parte antes, em parte após uma série de elogios.

do rei com a de seu ancestral, e direciona a este todo elogio; também não o faz nomeando o ancestral Bato, e sim evocando ainda uma geração anterior, o pai do ancestral; e tece elogios ao μάκαρ υἱὲ Πολυμνάστου *abençoado filho de Polinasto*, cujo nome foi louvado por Delfos e proclamado rei.

O uso do patronímico, acompanhado do nome principal, e.g. Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος (Il. A1) ou desacompanhado, e.g. Πηλεΐωνος (Il. Π195), bem como o uso do patronímico analítico (x, filho de γ; ou filho de γ, x), e.g. υἱὸς Πετεῶο Μενεσθεύς (Il. B551), são comuns na narrativa heroico-mítica, mas não exclusividade sua. Já foi mencionada a ocorrência do nome paterno no complexo nominal, um protocolo epinício.

O seguinte exemplo, ἴσθι νῦν, Ἀρχεστράτου παῖ, τεᾶς, Ἀγησίδαμε, πυγμαχίας ἔνεκεν *sabe, filho de Arquétrato, por conta do teu pugilato, Hagesídamo*, retirado da Olímpica 11, é um complexo nominal vocativo cujo patronímico Ἀρχεστράτου παῖ se afasta do nome principal Ἀγησίδαμε pela inclusão de τεᾶς, reforçando o nome do pai do vencedor mais do que faria a formulação automática *filho de γ, x*. Tal como υἱὲ Πολυμνάστου σέ, da Pítica 4, Píndaro dialoga com seu homenageado, e diretamente lhe direciona seu melífluo elogio. Ora, o poeta – ou o coro – poderia laurear um personagem de qualquer mito, no entanto é mais comum que efusivos elogios, num epinício, se dirijam ao agente da vitória. Mas qual a função do elogio a Bato, personagem temporalmente tão distante?

No mesmo livro das Píticas encontra-se a sétima ode, uma pequena ode iluminada pela rapidez de suas sílabas breves, dedicada à vitória de Mégacles em 486 AEC. Trata-se da única dedicada por Píndaro a um cidadão de Atenas, cidade comparável à melhor base arquitetônica possível, quando se preludia um poema. A ode não tem qualquer mito, e o elogio ocupa cerca de dois terços do poema. Mas o elogio não se restringe a Mégacles; antes, se funda sobre alicerces familiares. Sobrinho de Clístenes<sup>73</sup> – reformador da constituição

---

<sup>73</sup> Segundo genealogia apresetada por GENTILI: 1995, P 7, comentário *in loco*.

ateniense ca. 507 AEC, – o vencedor pertencia à nobre *gens* Alcmeônida, que dera arcontes à cidade e forneceria generais como Péricles e Alcibiádes. Em 632 AEC, o arconte Mégacles – homônimo do vencedor - matara um adversário político suplicante no templo de Atenas e, por conta do sacrilégio, a família permaneceu em exílio durante quase quarenta anos. Uma maldição pública deveria acompanhar a família durante toda sua póstera prosperidade. Eis a ode:

Belíssimo prelúdio é a grande cidade de Atenas  
a lançar-se – ao lírico, alicerce – à pujante progênie  
dos Alcmeônidas,  
por seus corcéis.  
Qual pátria um habitante proclama, ou linhagem  
sobre todas  
sobreluminada  
à Hélade escutar?

Em todas as cidades, Apolo, o falar difunde-se  
dos concidadãos de Erecteu, os que erigiram a ti,  
na sacra Delfos,  
templo admirável.  
Mégacles, cinco louros ístmicos conduzem-me,  
um excelso  
da Olímpia de Zeus,  
e dois de Cirra advindos,  
  
de ti e de tua stirpe.  
Com teu novo sucesso algo me alegre; algo esmorece-me:  
a inveja a laurear as belas obras.  
Pois é dito ofertar-se a um varão,  
se nele perene enflora a felicidade,  
um algo e outro.<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> P. 7 vv. 1-17: Κάλλιστον αἰ μεγαλοπόλιες Ἀθᾶναι/ προοίμιον Ἀλκμανιδᾶν εὐρυσθενεῖ/ γενεᾷ κρηπῖδ'  
αἰιδᾶν ἵπποισι βαλέσθαι./ ἐπεὶ τίνα πάτραν, τίνα οἶκον ναίων ὄνυμάξει/ ἐπιφανέστερον / Ἑλλάδι  
πυθέσθαι; πάσαισι γὰρ πολίεσι λόγος ὁμιλεῖ / Ἐρεχθέος ἀστῶν, Ἄπολλον, οἱ τεόν/ δόμον Πυθῶνι δια  
θαητὸν ἔτευξαν./ ἄγοντι δέ με πέντε μὲν Ἴσθμοῖ νίκαι, μία δ' ἐκπρεπής/ Διὸς Ὀλυμπιάς,/ δύο δ' ἀπὸ Κίρρας,  
ὦ Μεγάκλεες,/ ὑμαί τε καὶ προγόνων./ νέα δ' εὐπραγία χαίρω τι· τὸ δ' ἄχ' νυμαι,/ φθόνον ἀμειβόμενον τὰ  
καλὰ ἔργα. φαντί γε μάν/ οὕτω κ' ἀνδρι παρμονίμαν/ θάλλοισαν εὐδαιμονίαν τὰ καὶ τὰ φέρεσθαι.

A estrofe consiste no elogio da cidade e dos cavalos dos Alcmeônidas. Além de seus cavalos, a grandeza dos Alcmeônidas transparece principalmente na referida restauração do templo de Apolo em Delfos, incendiado em 548 AEC, e essa menção ocupa metade da antístrofe. A outra metade da antístrofe finalmente pronuncia o nome do vencedor e elenca vitórias. Mesmo aqui, a família Alcmeônida compete em importância com o mais novo de seus campeões. Píndaro não deixa de adicionar no poema as vitórias conquistadas pelos antepassados de Mégacles. O texto revela cinco antigas vitórias ístmicas; uma vitória nos jogos olímpicos de 592 AEC, por conta do Alcmeon;<sup>75</sup> por fim, e só então, duas vitórias em jogos píticos, das quais apenas uma é creditada ao destinatário da ode. Até mesmo a seção gnômica que encerra a ode tem sua origem na família, e protege os Alcmeônidas contra os boatos de maldição que os acompanharia desde o exílio.

Eis apresentada uma ode cujos feitos de antepassados compõem indissociavelmente a fama do novo vencedor, e os antropônimos *Mégacles / Alcmeônidas*, junto ao nome de sua cidade, formam o complexo nominal. Seus feitos são vitórias em jogos históricos e, ainda que a atribuição de cada uma delas pudesse ser hipoteticamente duvidada, elas dificilmente poderiam ser consideradas *mitológicas* no sentido de se opor aos fatos históricos e nenhum comentador nega a falta de seção mítica em toda a ode.

Portanto, apesar da insistência dos principais comentários<sup>76</sup> à Pítica 4 em dizer que o mito se inicia no verso 4 a partir de ἔνθα ποτέ, a referência a Bato, o filho de Polinasto, contado como progenitor de uma linhagem historicamente bem delineada, é claramente um elemento do complexo nominal, e sua presença cumpre uma função mais determinada do que um mito evocado apenas como paralelo de virtudes. Assim como Mégacles e seus

---

<sup>75</sup> GENTILI: 1995, p. 559. Provavelmente, filho de Mégacles, o exilado.

<sup>76</sup> GILDERSLEEVE: 1885, p. 280; KIRKWOOD: 1982, p. 176; BRASWELL: 1988 p. 64; GENTILI: 1995, p. 428; e CALLAME: 2003, p. 44. Ressalva feita a este último: embora se refira ao trecho como mito, o helenista duvida da existência de divisão entre mito e história no pensamento antigo.

antepassados em Atenas, as virtudes ressonantes entre Bato e Arcesilas são indissociáveis do *status* familiar: ambos são reis de Cirene, aquele por direito, este por sucessão.

O elogio a Bato torna-se compreensível. Assim como a sétima pítica é uma ode aos Alcmeônidas, pode-se considerar a Cirenaica da P. 4 como uma ode aos Batíadas. A diferença se refere ao caráter dos feitos antepassados. A P. 7 relembra antigas vitórias em outros jogos, e a P. 4 revela a divina investidura do poder real. É incontestável que as vitórias sejam o ponto alto da intenção epinícia; daí a obviedade de se considerar a P. 7 endereçada aos Alcmeônidas – após tantas alusões aos jogos ganhos pelos familiares. Mais uma vez, no entanto, ressalta-se o caráter incomum da P. 4, em consonância com os pontos vistos anteriormente. Se nos versos 1-3 e 64-67 Píndaro oferece indícios de que celebraria o rei de Cirene mais que o vencedor da Pítica, nos versos 4-12 e 57-63, o nome familiar evocado é o do rei por excelência, o patriarca Batíada. Atletas antepassados para odes a atletas, reis antepassados para odes a reis.

#### COROLÁRIO MITOLÓGICO

Levanta-se um problema referente à categoria mitológica da análise de HAMILTON.<sup>77</sup> Qual o limite temporal entre um feito passado não-mítico e o feito mítico? No capítulo chamado *Definição das partes*, a primeira das seis categorias definidas é chamada *mito e exemplo mítico*. Assim começa o tópico: “o mais óbvio elemento em uma ode é o mito que permeia sua porção central.”<sup>78</sup> Mas a partir da segunda linha, o autor se concentrou em arguir a favor da sua perspicaz distinção entre mito e o exemplo mítico; dada a obviedade da definição de mito, ele se isentou de fazê-lo.

Sabe-se, pela análise que faz da P. 4, que HAMILTON atribui à categoria do mito toda a seção do tempo da pitonisa; por motivos óbvios. Mas, para além de toda a obviedade, o pre-

---

<sup>77</sup> HAMILTON: 1974.

<sup>78</sup> Op. cit. p. 14: The most obvious element in an ode is the myth which usually fills its central portion.

sente trabalho defende a inclusão da passagem entre aquelas da categoria do complexo nominal. Quando CALAME confrontou a Cirenaica dessa ode com outras duas versões diferentes do mesmo poeta, além das que se leem em Heródoto, Apolônio de Rodes e Calímaco, concluiu que não há passagem entre o pensamento mítico e o histórico, a chamada supressão do *mythos* pelo *logos*. Sobre Píndaro, especificamente, diz que “todas as três versões divergentes apresentadas pelo poeta de Tebas são, ao cabo, definidas pela sua conexão entre o momento da sua enunciação, a publicação e a celebração das vitórias nos jogos píticos.”<sup>79</sup>

Pensando não haver distinção entre história e mito no pensamento antigo, mesmo no período helenístico, pode-se dizer que toda narrativa que, hoje, se considera mítica assume todos os compromissos do que, hoje, se considera histórico. E se a função de parte dessa história é nomear alguém da família e elogiá-lo, então essa parte da história é um complexo nominal, como o próprio HAMILTON observou ao analisar o trecho da P. 7, dedicada aos Alcmeônidas, na qual Píndaro historiza as vitórias dos antepassados de Mégacles.

Talvez, para a categorização das estruturas do epinício, o melhor fosse distinguir dois mitos, entre tantas outras distinções do termo já propostas: o primeiro seria fruto de toda a enunciação poética, e o segundo, aquilo que se ajusta à categoria hamiltoniana de mito, estreitamente ligado ao que modernamente se considera mito. Categoria que, em geral, ajusta-se com comodidade na análise estrutural dos epinícios; inclua-se nessa categoria toda história sem quaisquer daquelas funções reservadas às outras categorias ou, ao menos, sejam indicadas as intersecções.

### 2. 3. TEMPO DE MEDEIA

“Atônitos, os divinais heróis ouviram

---

<sup>79</sup> CALAME: 2003, p. 114: “All three divergent versions represented by the poet of Thebes are defined in the end by their connection with the moment of their enunciation, the publication and celebration of victories at the Pythian games.”

A exaltação da colonização de Cirene atinge sua culminância nesse trecho. Através dos dois degraus temporais, Píndaro alcança o discurso de Medeia e empresta sua voz à própria deusa, neta do Sol. Nessa fusão, a profecia sagrada teria sido, então, novamente recitada *ipsis litteris* em frente aos habitantes de Cirene, junto ao seu rei, Arcesilas IV, e restituiria a sacralidade do evento passado no dia festivo da comemoração e récita da ode. O vaticínio, que se concentra sobre a futura colonização de Cirene, sua ocasião e seu desenrolar, também se desdobra em três tempos, e sua disposição obedece ao padrão anelar tal como a estrutura que o cerca; seus tempos são o da predição do futuro, o das causas passadas e o do pronunciamento.

Píndaro escolhe o momento em que Medeia, em seu longínquo tempo, se propôs a esclarecer os heróis não só sobre os fatos futuros quanto os passados. Esse ponto narrativo é um recurso cômodo também para o poeta expor a seu auditório, em 462 AEC, o mito com a veracidade argumentativa exigida pelo drama. Obedecendo ao imperativo *κέκλυτε οὐνί*, os cidadãos de Cirene escutam o discurso como se navegassem lado a lado com os argonautas. Estando presentes Medeia, Píndaro, cirenaicos e argonautas, o texto distribui novos anéis temporais – passado e futuro – em torno do pivô centrado no instante da enunciação.

#### PARÁFRASE

Medeia e seu público estão passando pela ilha de Tera (*núcleo anelar*, vv. 37-43), entre a costa da Líbia, de onde aportaram, e Iolco, o ponto de destino. Um local inexpressivo para a argonáutica, não fosse o episódio casual. A deusa inicia, usando o presente do verbo, estar convencida de que algo acontecia. Há pouco caíra no mar um torrão de terra, e ela explica a importância desse fato da seguinte forma.

Na volta da expedição em busca do velocino (*anel intermediário*, vv. 20-37), parte da trajetória foi cursada por terra seca, graças a uma ordem da própria Medeia, sobre o solo africano. Quando o navio foi novamente posto em água, Posídon surgiu disfarçado a seu filho Eufemo e deu-lhe aquelas terras, sem que este soubesse. E a forma de se firmar tal insólita herança foi através do torrão de terra, uma espécie de moeda de troca. Depois de revelar o significado até então obscuro do torrão perdido, Medeia segue, tecendo à plateia um passado hipotético (*anel intermediário*, vv. 43-49), no qual Eufemo deveria ter levado tal moeda à sua terra natal, de onde seu trineto sairia para reivindicar a terra africana.

No entanto, devido à perda no presente instante (*anel periférico*, vv. 13-20, 50-56), a deusa profetiza que uma ninfa de nome Líbia, neta de Zeus e filha do rei egípcio Épafo, deverá fundar a cidade de Cirene – cumprindo os ritos de fundação no templo dedicado a Amon em Tebas – após pisar o solo da ilha de Tera, em cujas águas eles navegam. A segunda parte da profecia prenuncia que também um descendente de Eufemo virá àquela ilha – onde se encontra o torrão testamentário – e nascerá aquele que, após ordenado por Apolo através da pitonisa, deverá colonizar a cidade de Cirene, trocando o mar pelo continente. Toda a profecia cumprir-se-á ao cabo de 17 gerações.

A paráfrase acima pretende dispor certa linearidade ao mito, magistralmente fragmentado por Píndaro-Medeia em sua distribuição anelar. O primeiro anel é o tempo de anunciar a profecia e, ao mesmo tempo, vislumbrar seu cumprimento; uma parte do anel revela a fundação de Cirene, vv. 13-20, e a outra completa a visão, revelando a colonização dessa cidade, vv. 50-56. Portanto, o tempo delineado é o futuro. No entanto, ambos os termos do anel se iniciam com alguma referência no presente momento da fala. Esse recurso empresta vivacidade presente ao tempo futuro, e parece uma modalidade intermediária entre o tempo futuro esperado e o *presente profético*, encontrado em outras passagens de Píndaro.

No primeiro termo do anel, a profecia parte da referência espacial, com o pronome demonstrativo τᾶσδε *esta*, e então se afasta rumo aos eventos líbios. O ponto de origem da cidade de Cirene é a ilha de Tera, frente à qual falante e público se encontram. De forma análoga se encontra, no início do termo correspondente, o advérbio vῦν *agora* como referência temporal; o momento da fala coincide com a constatação da perda do torrão de terra e, portanto pressupõe a sequência de verbos futuros. O discurso poético indica a concatenação do tempo e do espaço no instante único de seu pronunciamento, revestindo com assombroso *pathos* o incidente de *aqui e agora*, decisivo para a futura profecia:

13-20<sup>6</sup>“Escutai, filhos de mortais magnânimos e deuses:

deixando esta terra  
batida por vagas marinhas,  
a filha de Epafo plantará  
um dia a raiz de cidade  
– paraíso dos mortais –  
no domo de Zeus-Ammon.  
Delfins de breves barbatanas  
darão lugar a éguas ligeiras;  
não mais remos, mas rédeas  
regerão carros de pés tempestuosos;  
Tera, segundo augúrio,  
será metrópole de megalópoles.

50-56 Agora, em leito duma alóctone,

terá uma cepa seleta,  
a qual por vontade dos deuses,  
vinda a esta ilha  
engendrará o homem  
senhor de plainos nigronebulosos.  
Um dia, em sua tão dourada moradia,  
Febo irá lembrar-se num oráculo  
– quando devier, pisando o templo em Delfos –  
de muitos aduzir em naus,  
no caudaloso Nilo,  
ao templo do Crônio.”

O segundo anel é relativo ao passado, tanto do que se cumpriu, vv. 20-37, quanto do que deveria haver-se cumprido, vv. 43-49. O primeiro termo do anel não oferece dificuldades especiais. É um longo trecho cujo recorte temporal se inicia em uma ação ordenada pela própria Medeia, e se desenvolve desde o transporte do Argo sobre a terra até o momento da enunciação. O segundo termo tem construção mais elaborada, e os dois verbos de sua prótase, no aoristo, se articulam na construção de um passado irreal – antes, um futuro impossível – cujas consequências inexistem: εἰ [...] βάλε, [...] κε [ ..] λάβει *se lançasse ... tomaria*. No entanto, o verbo que segue τότε [...] ἐξανίστανται *então se erguem*, conjuga-se no presente.

20-37 “No promontório do palustre lago Tritônis,  
 um deus símile a um homem  
 por hospitalidade oferecia terra  
 que Eufemo, alçando-se da proa, recebeu.  
 No instante Zeus Crônio,  
 atroou auspicioso trovão,  
 enquanto a âncora de brônzeos esporões  
 pendia, freio do veloz navio Argo.  
 Antes, fora do Oceano,  
 por doze dias carregáramos  
 seu salsuginoso lenho  
 sobre os desertos dorsos da terra –  
 conforme eu prescrevi.  
 Aquele deus se apresentou sozinho,  
 semblante radioso de homem nobre.  
 Deu início a palavras de amizade  
 com as quais os generosos  
 convidam ao banquete os estrangeiros.  
 Mas, doce, o regresso pretendido  
 nos movia a não ficar;  
 ele disse ser Eurípilo,  
 rebento do sismo imorredouro, o Treme-Terra.  
 A premência pressentia:  
 precipite em pegar do solo  
 um torrão com a destra,  
 improvisou oferta de hospitalidade.  
 Escrupuloso, o herói desembarcou  
 – firmaram-se as mãos –  
 e aceitou a numinosa oferta.

43-49 Lançasse-o Eufemo  
(filho do senhor de cavalos Posídon,  
e a quem, às margens do Cefiso,  
Europa filha de Tício pariu)  
no portal do Hades, ao chegar  
em Ténaro sagrada, e seu sangue,  
seu trineto, ocuparia  
com os dânaos o infindo continente:  
erguem-se da Lacedemônia magna,  
Golfo argivo e de Micenas.”

Todas as escolhas verbais são instigantes. O tempo do verbo ἔξανίστανται foi brevemente descrito por DISSEN como *praesens propheticum*, cf. O. 8, e seguem-no outros comentadores; todos evocam o escólio 85 quando diz que o verbo não está no futuro, mas no presente, porque Medeia προλέγει ὡς ἐσόμενα ὕστερον *profetiza como se estivesse no futuro*.<sup>80</sup> GENTILI confrontaria com outras duas ocorrências, na comédia *Os cavaleiros*, v. 177 de Aristófanes e no livro VII 140 de Heródoto.<sup>81</sup> Em todas as demais ocorrências, os escritores acreditam de fato no cumprimento da profecia ou, ao menos, tentam convencer o ouvinte – interlocutor, em Aristófanes – de sua veracidade. No caso da Pítica IV, Medeia sabe que não há como estar presente na visão que constrói, uma vez que é irrealizável.

O tempo da prótase, por seu turno, não suscitou estranhamento senão a BRASWELL, no mais extenso comentário exclusivo à ode. Ele considera ser “provável que escolha deste [passado irreal] no lugar do (menos vívido) futuro condicional se deva ao fato de Píndaro ver a ação mais do ponto de vista de sua própria audiência que do de Medeia. No entanto”, segue o autor, “uma vez que Medeia sabe que a condição é irrealizável, não é ilógico que ela use o passado irreal com referência ao futuro, considerando que aconteceria se a condicional fosse cumprida”.<sup>82</sup> Considerando a complexidade do artifício pindárico no arranjo de sua

---

<sup>80</sup> <sup>80</sup> *Schol. Pi. P. IV. 85.*

<sup>81</sup> DISSENIUS: 1830; p. 223. GENTILI: 1995, p. 442.

<sup>82</sup> BRASWELL: 1988, p. 122: “The choice of this rather than a future (less vivid) condition is presumably dictated by Pindar’s viewing the action more from the point of view of his own audience than that of Me-

dicção ao fundir o tempo de Medeia com o seu próprio tempo – justamente para conferir a *vivacidade* elogiada por BRASWELL – o presente trabalho discorda da primeira hipótese do comentário e, não obstante, justifica a segunda.

Os sessenta e sete versos da Cirenaica, como se tem mostrado, foram arranjados em disposição anelar, ao menos em seu aspecto temporal; a única dificuldade se restringe aos versos 43-49. Esses versos corresponderiam estruturalmente ao segundo termo do anel passado e, como observa o único autor a quem o tempo verbal parece haver perturbado, os aoristos se referem a uma condição sabidamente irrealizável, por conta de um evento que marcou o fim dessa condição, transformando-a em passado. Os aoristos não apenas são lógicos, como obedecem a uma necessidade estrutural planejada pelo poeta. Se, por um lado, a hipótese dos anéis justifica a escolha do tempo verbal, por outro lado tal escolha corrobora com a própria suposição anelar, observação de caráter tautológico não fosse a raridade do uso do passado irreal em Píndaro.<sup>83</sup>

A mesma vivacidade, há pouco mencionada, orienta a imagem de Medeia alucinada com a visão – frustrada – da profecia. A escolha do presente profético, ao invés do futuro impede que a narração transborde do passado – estruturalmente necessário pela arquitetura temporal do poema – para o futuro. Mas qual seria o grande evento que define o que é passado e o que é futuro? Qual é o crucial fulcro ao redor do qual se articulariam não só a profecia da deusa, mas também a da pitonisa, além do próprio elogio de Píndaro?

37-43 “Mas penso que do bordo  
transverteu-se ao salso mar crepuscular,  
revolteando entre a salsugem rumo ao fundo.  
Ah, o quanto instei vigília aos resolutos servos!  
Descuidaram suas mentes...

---

deas. However, since Medea knows that the condition will not be fulfilled, it is not illogical for her to use an unreal condition with reference to the future when considering what would happen if the condition were fulfilled.”

<sup>83</sup> Cf. duas outras ocorrências: O. 12 e P. 3.

Assim deitou-se, antes do tempo,  
o eterno sêmen da ampla Líbia nesta ilha.”

A queda do pequeno torrão de terra nas águas de Tera. Esse é o centro da Cirenaica, vv. 37-43. O casual evento se torna a causa motor de três requintados discursos proféticos, e a imagem discursiva que suscita poderia ser comparada às crescentes ondas concêntricas que se produzem lançando-se uma pedra na água.

## O MITO EM PÍNDARO II \_\_\_\_\_

### 3. ARGONÁUTICA

O motivo da inclusão do longo relato argonáutico na P. 4 repousa sobre o argumento genealógico, que encontra em Eufemo um antecessor de Arcesilas. A manifestação desse argumento é particularmente demarcada pela metáfora botânica do semear em campo arado, gerar, florescer, frutificar, e aparece não só nessa seção como por todo o corpo do poema. A ode acompanha o processo de crescimento simbiótico de duas árvores cujo nome pode ser dito Cirene, desde sua atribulada germinação até a descuidada poda, *i.e.* desde sua fundação até o exílio de um de seus cidadãos.

A primeira das plantas representa o espaço físico de Cirene. Nos versos 14 e 15, Píndaro compara as fundações daquele lugar com raízes, ao dizer pela boca de Medeia que, da paradisíaca cidade, a filha de Epafo um dia *plantará sua raiz* ῥίζαν φυτεύσεσθαι. Essa filha de Epafo é a personificação da Líbia. No v. 42, a *semente líbia* Λιβύας σπέρμα é mencionada, por ter sido descuidadamente deitada nas águas da ilha de Tera.

Após a fundação de Cirene, a metáfora permanece, mas uma nova planta – com um destino vinculado com a planta anterior – começa a ser descrita, e representa a raça dos reis cirenaicos. Assim, Píndaro diz que Arcesilas *floresce* θάλλει em plena *primavera* ἤρος, v. 64. Esse florescimento ecoa no v. 256, após o poeta traçar a história do navio Argo. Píndaro diz que, naquele tempo remoto, a raça do argonauta Eufemo *brotara* φυτευθὲν, e haveria de

permanecer para sempre, *i.e.* até a época de seu descendente Arcesilas, a flor dos reis de Cirene.

A metáfora botânica, no entanto, é usada tanto para louvor quanto para reprovação. Quando Píndaro recomenda a revogação do exílio de Damófilo, ao fim da ode, ele se utiliza da metáfora construída ao longo da obra. A semente da cidade, agora, torna-se um *magnífico carvalho* μεγάλας δρυός v. 264, e o cidadão exilado evoca a imagem de uma *rama desfolhada* ὄζους καὶ φθινόκαρπος. Cortá-lo fora não é prudente, adverte o poeta no verso seguinte, pois a árvore poderia *depor* διδοῖ ψᾶφον contra sua própria identidade.<sup>84</sup>

A primeira das sementes que se mesclaram para o desenvolvimento da cidade na Líbia fora revelada por Medeia, no epicentro da Cirenaica, sendo o torrão dado por Posídon. Na composição, a Argonáutica oferece a compreensão da segunda. A possibilidade da segunda semente, no entanto, foi apenas esboçada pelo *florescer* no v. 64. Píndaro então invoca a Musa para que sejam esclarecidos ao público os motivos pelos quais, as honras enviadas pelos deuses *frutificaram* φύτευθεν, v. 69, através da sagrada poesia. O depósito da heroica semente, que um dia frutificaria sobre o trono de Cirene, justifica a inclusão da Argonáutica no corpo do poema.

O proêmio, vv. 67-71, propõe que o canto atinja a frutificação das honras concedidas aos heróis. Esse planejamento faz com que, no verso 254, ao descrever o ato dos heróis que tomaram as mulheres de Lemnos após conquistar o velo, a última palavra seja o verbo *συνεύνασθεν* com sentido de *copular*. Desfazendo o tom da gesta heroica, logo na sequência o coro se dirige ao rei Arcesilas e abaliza sua estirpe como *semeada* σπέρμα δέξατο, sendo

---

<sup>84</sup> Sobre o assunto, BRASWELL anota a recorrência da raiz φυντ- em três versos (vv. 15, 69 e 144), sempre justificando o uso das expressões com o que fizeram outros autores gregos. Sua associação não chega a coordenar as *sementes*, o *florescer na primavera* nem, principalmente, o *magnífico carvalho*. Seu comentário entende que esta árvore represente Damófilo, seguindo a tradição que remonta ao escólio 468a, seguida por FARNELL, e outros. Por outro lado, GENTILI: 1995, assim como o presente trabalho, discorda da tradição e considera a possibilidade de que o *magnífico carvalho* seja, de fato, um símbolo da cidade de Cirene.

concedida pelos deuses, conforme dito na introdução. Tal sumarização retoma o tom laudatário da obra e enclausura a gesta heroica no cerne do epinício.

### 3. 1. A EPIFANIA DO HERÓI

A narrativa da Argonáutica construída por Píndaro pode ser dividida em três grandes partes distintas: a chegada de Jasão em Iolco (71-168); a viagem do Argo (169-211); a conquista do velocino em Cólquis (211-254). A primeira delas, mais longa que as demais, é marcada por diálogos e oferece uma pormenorizada descrição do retorno do herói Jasão e de duas embaixadas realizadas ao palácio real. A audiência de Píndaro sabe que o rei Pélias, tio de Jasão, havia usurpado o trono de Iolco. Sabe também que Jasão haveria de reivindicar o trono. A partir daí começa a narrativa.

Alertando o rei Pélias, existia uma predição que anuncia a perigosa chegada de um eólida calçado de uma só sandália, como signo de reconhecimento (vv. 71-78). Um dia pisou em sua terra um desconhecido de longos cabelos e veste garbosa. Na primeira menção ao aparecimento de Jasão, a distância entre o artigo e o substantivo cria uma tensa expectativa.<sup>85</sup> Ao invés do esperado *ὁ ἀνήρ ἴκετο o herói chegou*, o poeta dispôs os termos de forma que não só entre o artigo e o substantivo se interpusesse o verbo, mas também que entre cada termo fosse ainda mais afastado por meio de uma locução adverbial – primeiro temporal *ἦρα χρόνῳ passado o tempo*, e depois instrumental *αἰχμαῖσιν διδύμαισιν com lanças gêmeas*:

78-79 ...]. ὁ δ' ἦρα χρόνῳ  
ἴκετ' αἰχμαῖσιν διδύμαισιν ἀνήρ ἔκπαγλος.

---

<sup>85</sup> SLATER: 1969, p. 370 questiona aqui os limites entre artigo e pronome demonstrativo: where a sentence or major part thereof intervenes between article and noun, so that the usage is almost demonstrative [quando uma oração – ou sua maior porção – intervém entre o artigo e o substantivo, então a função (do artigo) é praticamente demonstrativa]. Ajunte-se ao caráter mencionado por SLATER a presença enclítica da partícula δε, fazendo soar na música não ὁ δ' [e o], mas ὄδ' [este].

O quanto ele é comparável a deuses e heróis ainda mais antigos, não o diz Píndaro; quem o faz são os próprios habitantes da cidade de Iolco (87-92). O poeta descreve o herói através das dúvidas e suposições populares que ficaram admirando o forasteiro. Não poderia ser Apolo? Ou Ares amante de Afrodite? Ou algum famoso herói?

Mesmo não reconhecendo o homem que chegava, Pélias foi tomado pela funesta premonição ao perceber naquele apenas um dos pés calçados. Disfarçando o medo, o rei o interrogou. A resposta fez-se ao longo de dezessete versos. Com um *estilo gentil ἀγανοῖσι λόγοις*, o rapaz responde ter sido criado sob os cuidados do centauro Quíron durante vinte anos, isento de qualquer atitude repreensível. Conta que seus pais perderam o poder, agora tomado por Pélias, e anuncia o principal de seu discurso. Pergunta onde é a casa real onde ainda moram seus pais e, só no último verso, revela seu nome (102-119).

O foco narrativo se desloca imediatamente para seus parentes aliados, deixando suspense a entrevista entre o rei e o jovem. Seu pai chorou ao vê-lo, e seus tios,<sup>86</sup> dispersos por várias regiões, apressaram-se para se reunir com ele. O herói que Píndaro revela nesse ponto, o *mais belo dos homens* κάλλιστον ἀνδρῶν, continua sendo amável no falar. Jasão recebeu seus parentes com *palavras amáveis* μελιχίοισι λόγοις e com eles festejou durante cinco dias, ao cabo dos quais resolveu enfrentar Pélias com ajuda dos aliados. Novamente o discurso do jovem compõe seu caráter – ao chegar aos aposentos de Pélias, através de *voz suave* μαλθακῆ φωνῆ, o sobrinho lhe dirigiu *palavras tranquilas* ποτιστάζων ὄρον ao reivindicar a restituição do trono de Iolco (119-138).

Jasão mostra-se um jovem hábil nos discursos, ao mesmo tempo em que surpreende com juízo e circunspeção. O próprio Jasão parece argumentar em favor dos direitos do tio,

---

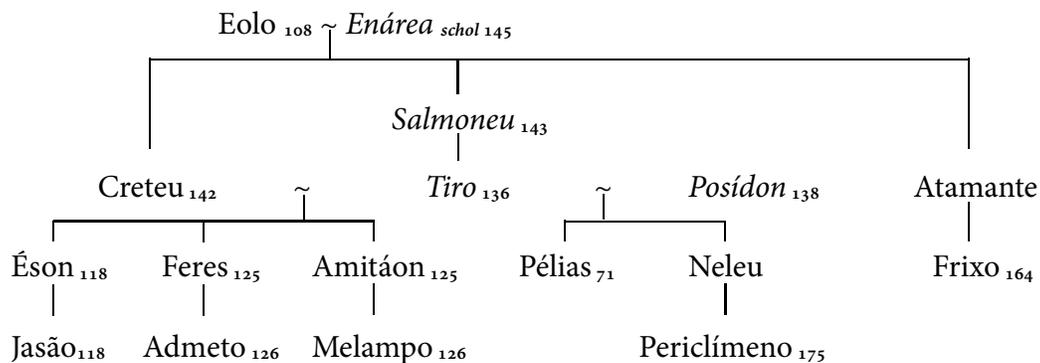
<sup>86</sup> O texto de Píndaro não especifica de quem são os irmãos. Poder-se-ia crer que são de Jasão. No entanto, o texto da amplamente conhecida Odisseia, xi 258-259, afasta a dúvida de atribuição: τοὺς δ' ἑτέρους Κρηθῆϊ τέκεν βασιλεία γυναικῶν,/ Αἴσονά τ' ἠδὲ Φέρητ' Ἀμυθιάονά θ' ἱπποχάρμη [a rainha engendrou, de Creteu, outros filhos: Feres, Éson e o auriga-de-guerra Amitáon].

ao dizer que o mesmo ventre – ou melhor, a *mesma vaca* μία βουῆς – gerou seus avós, e ofereceu-lhe uma rica anistia de posse dos tesouros reais. Não seria correto dividir a herança com punhal, ponderava. Em troca, reivindicou apenas a restauração do poder, em benefício de seu pai. Sua fala encerra, no entanto, a ameaça de uma sangrenta disputa sob o signo eufemístico de *um novo mal* τι νεώτερον κακόν.

Pélias aceitou o tratado, impondo uma condição. Artiloso, Pélias disse estar velho, cabendo ao jovem o cumprimento da seguinte façanha. Disse que a alma de Frixo apareceu-lhe em sonho pedindo o resgate do velocino dourado na distante terra cólquida, para aplacar as divindades inferiores. Pélias contou superficialmente a história de Frixo, dizendo que este se salvou da madrasta graças ao carneiro. Testemunhado por Zeus, Jasão assentiu. Embora Píndaro omita sua filiação, tal como o eólida Jasão, Frixo é descendente de Eolo.<sup>87</sup>

O quadro abaixo reproduz aquele criado por GILDERSLEEVE: 1890 para esclarecimento das relações parentais. Os nomes grifados são personagens sem sangue eólida, e os números se referem ao verso em que os personagens são citados no texto dessa ode.

#### QUADRO GENEALÓGICO DA FAMÍLIA



<sup>87</sup> Um escólio à Argonáutica de Apolônio atribui o patronímico eólida a Frixo, dizendo citar o poema *Egímio*, atribuído a Hesíodo (ou Cércope), *i.e.* é provável que o público de Píndaro conhecesse a consanguinidade entre Frixo e Jasão. A filiação comum justifica a reivindicação que Frixo faz à casa de Pélias.

### 3. 2. A VIAGEM DO ARGOS

Píndaro inicia uma nova parte da narrativa de modo mais ágil que a primeira seção, em grande parte devido à ausência de diálogos. Jasão anunciou aos quatro cantos seu empreendimento. Em um breve catálogo dos heróis, Píndaro parece seguir a uma gradação teológica. Primeiramente se recorda dos filhos de Zeus: Hércules e os gêmeos Cástor e Pólux. Em seguida, nomeia-se a raça de Posídon: seu filho Eufemo – antepassado de Arcesilas –, e seu neto Periclímeneo.<sup>88</sup> O filho de Apolo também é recordado, o músico Orfeu. Depois, os filhos de Hermes: Equíon e Erito. Por fim, os filhos de Bóreas: Zetes e Calais (169-182).

O trecho que se segue, mais alheio à narrativa heroica – ou antes, mais próximo do estilo epinício dessa Argonáutica –, é uma sentença sapiencial de dicção tipicamente pindárica,

183-187 Hera incitava, incisiva,  
tal doce desejo aos semideuses  
do Argo,  
que nenhum se abandonou  
à vida livre de risco  
junto à mãe –  
ousando a morte  
cada coetâneo conquistou  
o fármaco do justo brio.

sentença extensiva à própria competição atlética. Na P. 5 vv. 50-53, escrita pela mesma vitória, Píndaro testemunhou que o auriga de Arcesilas chegara ao fim da prova entre quarenta outros tombados. Ainda que a afirmação fosse exagerada, a prova possuía um risco indiscutível.

Conforme a caracterização que Píndaro definiu para Jasão, mestre no discurso, este recebeu os heróis *cumprimentou-os louvando a todos πάντας ἐπαινῆσαις*. Tão logo o adivinho Mopso julgou propício, a tripulação embarcou no navio. O capitão ofereceu uma

---

<sup>88</sup> Embora não dito na ode, Periclímeneo é filho de Neleu, segundo a Odisseia II 281-286.

libação de vinho a Zeus, presenciada e aceita pelo deus, e então o famoso Argo zarpou em direção ao Oriente, graças à ajuda do vento Noto, ingressando no *inóspito* ἄξεινυ Mar Negro, onde seus tripulantes dedicaram honras a Posídon criando um santuário ao redor de um altar misterioso – ao menos ao leitor atual – que já se encontrava erguido (188-206).

O cumprimento dos ritos em honra ao deus marinho reflete o temor da travessia por aquelas águas, nas quais dois penhascos vivos se entrebatiavam com grande velocidade destruindo os navios que por lá passassem. Mas o grande feito do navio Argo foi haver cruzado essa monstruosidade, e o texto diz que a expedição de semideuses lhes deu um fim. E logo chegaram ao destino, a terra cólquida. Assim encerra o relato da navegação (207-211).

### 3. 3. OS TRABALHOS DE JASÃO

De modo mais abreviado, Píndaro se aproxima do fim da narrativa. Em Cólquis, Jasão deveria resgatar o velo de ouro do carneiro que levava Frixo, conforme prometera a seu tio Pélias; então travou um combate contra seus habitantes. Não através da guerra, mas pela disputa em uma prova imposta pelo rei cólquida, Eetes. O rei proporia ao desconhecido capitão do navio um jogo de execução que acreditava impossível: jungir os escoiceantes bois que vomitavam fogo e, após o feito, ainda arar uma área determinada pelo chefe; se cumprido, o capitão poderia levar o áureo velo.

A missão teria sido frustrada não fosse por duas artes mágicas. Através de um afrodisíaco feitiço que consistia em amarrar uma ave-torcicolo aos eixos de uma roda, o herói fez com que Medeia, a *soberana* δέσποινα filha de Eetes, se apaixonasse por ele. A princesa, por sua vez, então filtrou antídotos contra as chamas dos cruéis animais e os entregou ao jovem estrangeiro, instruindo o mesmo contra as provas do pai. Chegado o dia, quando Eetes propôs-lhe a primeira prova, Jasão já estava preparado (211-233).

Sem dificuldades conseguiu atrelar os bois e ferir todo o campo com o arado bovino. Enquanto Eetes se lamentava pela perda do manto sagrado, os argonautas celebraram a vitó-

ria de seu capitão com gestos, coroas e *doces palavras* μελιχίους λόγους. Todas essas recompensas eram compartilhadas aos vencedores a quem Píndaro dedicava seus epinícios, e as palavras gentis são indissociáveis desse gênero de discurso lírico. Por outro lado, Jasão colheu as gentilezas que dispendiu a todos os seus interlocutores até então. Eetes então o conduz até o local em que repousava o velo do carneiro sacrificado por Frixo (234-242).

Mas havia ainda uma esperança para o rei de Cólquis: a pele era guardada por um gigantesco dragão, maior que um navio de cinquenta remos, olhos acinzentados e pele multicolorida. No ponto mais tenso da narrativa, Píndaro introduz três sentenças sobre o poema e o próprio poeta. A primeira talvez reflita sobre a estranheza da Argonáutica no epinício:

247-248 Que eu retorne à quadriga,  
é hora, e conheço um atalho:  
sou guia de muitos no ofício.

Píndaro então encerra sua gesta heroica. Jasão mata a terrível serpente *com artifícios* τέχναις, provavelmente concedidos por Medeia, conforme sugere uma passagem anterior (v. 220): [*Medeia*] *instruiu-o em concluir as provas impostas pelo pai*. O herói raptou de Cólquis a soberana com o consentimento desta. Partiram para o alto-mar e, no mesmo verso, o Argo já navegava pelo Mar Vermelho (243-251).

Por fim, os Argonautas passaram pela ilha de Lemnos, onde as mulheres habitantes haviam matado seus maridos. Lá os heróis disputam jogos e, vencendo-os, receberam uma vestimenta e deitaram-se com elas (252-254).<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Assim encerra a Argonáutica, mantendo um paralelismo do tópico vestuário. A primeira aparição de Jasão descreve sua fina vestimenta, coberta por um manto de pele de leopardo. O Argo sai em busca do manto de carneiro dourado e, aqui novamente, uma veste é o prêmio da conquista nos jogos lêmnios.

## 4. PEQUENA CIRENAICA

A Argonáutica é enclausurada dentro do epinício por narrativas em torno da fundação da cidade de Cirene. Os vv. 255-262 oferecem o mesmo tema dos 67 primeiros versos do poema, e agem como uma ponte que perfaz o caminho dos séculos entre a era heroica de Jasão e os dias de Píndaro. Esse epílogo não faz parte, todavia, de um discurso heroico; seus temas, de teor etiológico – Lacedemônia (Eufemo), Tera, Delfos (Apolo), Líbia, Cirene – são apenas reminiscências da Grande Cirenaica (1-67), dispostos segundo a cadência natural dos acontecimentos. Esta pequena estrutura deve, portanto, ser desligada da Argonáutica:

255-262 Nesses campos remotos,  
um dia venturoso, ou noite,  
acolheu o esperma do teu próspero fulgor.  
A raça de Eufemo germinou  
remanescendo sempre.  
Mesclaram-se com espartanos!  
Em tempo tomaram a ilha Belíssima.  
De lá o filho de Leto  
garantiu aos teus que os plainos Líbios  
prosperassem com divinas honras,  
e que regessem Cirene de áureo trono,  
calibrando a astúcia equilibrada.

Com a construção verbal ἔπορεν ὀφέλλειν *garantiu a devida prosperidade* (v.260), Píndaro faz Apolo entregar o trono de Cirene à estirpe de Arcesilas. O termo *dever* ὀφείλω, negligenciado pelos comentadores neste ponto, é fundamental na estruturação do poema, uma vez que cumpre a promessa estabelecida com outra ocorrência do verbo, no início da ode (v. 3): Μοῖσα, Λατοΐδαισιν ὀφειλόμενον Πυθῶνι τ' αὔξις οὔρον ὕμνων ὁ *musa, que insufles a brisa de cantos devida aos filhos de Leto [Apolo e Diana]*. O verso 3 é seguido da expressão *houve um tempo* ἔνθα ποτέ, que expande o verso anterior introduzindo a narração da Cirenaica. Encerrada a narração da fundação de Cirene, o verbo reaparece

formando um arco sobre a seção Cirenaica. *Graças a Apolo* Arcesilas recebe hinos (v. 3) porque em um tempo remoto seu descendente Bato recebeu o cetro de Cirene graças a Apolo (260).

Essa interpretação endossa a hipótese proposta no capítulo 2. 1. *Tempo de Píndaro*, de que o objetivo do poeta tenha sido celebrar o *regime* mais que a *vitória*. Ao invés de ser um epinício quebrando as convenções do gênero, o poema é hino dedicado ao reinado dos Batíadas, mas que se aproxima do epinício pela circunstância em que foi realizado.

## 5. GESTA HEROICA

Contra a complexa Cirenaica, a clareza expositiva – única em Píndaro – da segunda parte é um dos aspectos de sua unidade. Essa Argonáutica lírica, destacada do restante do poema, possui introdução e desfecho em nada devedores aos poemas épicos. A Pítica 4 parece conter a única gesta grega completa, uma pequena gesta herdeira de uma remota tradição anterior à *hexametrficação* do material heroico, e conhecida principalmente pelos fragmentos de Estesícoro e pelo testemunho de autores que, todavia, consideravam-na uma idiosincrasia estilística do referido poeta. Abaixo se apresenta sucintamente a trajetória da poesia heroica grega.

Durante a Era do Bronze, os proto-helenos devem ter composto seus próprios poemas heroicos, já que se encontram, entre outras evidências homéricas,<sup>90</sup> fórmulas que dependem de uma restituição da língua que remonta ao período micênico.<sup>91</sup> Através da comparação com a gesta heroica eslava e sânscrita,<sup>92</sup> deduz-se também que a poesia desse período seja ritmicamente parecida ao glicônio ou, ao menos, tenha um número fixo de sílabas, tal como os gáticos avésticos, os saturninos itálicos ou os hinos em antigo irlandês.

Já entre os gregos do período arcaico, no período histórico, esse tipo de métrica sobreviveu principalmente no dialeto eólico das ilhas próximas à Ásia Menor, representadas por poetas como Safo, Alceu e Terpanandro. Embora o tom geral da poesia dos dois primeiros poetas não seja heroico,<sup>93</sup> há vestígios de um estágio de produção de poesia heroica ocorrida

---

<sup>90</sup> WEST: 1988, p. 156 ss.

<sup>91</sup> Como o hiato nos vv. 189 e 524 do livro nono da *Ilíada*: κλέα ἀνδρῶν < \* κλέφ' ἀνῆων

<sup>92</sup> WEST: 1973, p. 188. Cf. WEST: 2007, p 55.

<sup>93</sup> Todavia um longo fragmento de Safo (44 LOBEL) sobre as bodas de Heitor desenvolva o tema troiano e guarde o tema heróico κλέος ἄφθιτον [glória imperecível], encontrada tanto na *Ilíada* (I. 413), em Íbico, poeta dórico, e também, por convergência ideológica, no *Rgveda* 1.9.7. Essa enunciação foi evidenciada por

em Eolis entre o período micênico e o arcaico,<sup>94</sup> atestado por traços linguísticos remanescentes nos poemas homéricos, *i.e.* a região foi um centro de difusão do material heroico inclusive para o principal exemplo de poesia heroica grega: a poesia épica.

Mas tanto no fragmento 44 de Safo quanto na arte de Terpandro surge um cruzamento entre elementos de lírica e de épica; Safo o demonstra pelo uso do tema heroico em metro eólico, e Terpandro, por acompanhar com a lira determinado tipo de hexâmetros. No séc. VII AEC, partindo da ilha de Lesbos para a região dórica de Esparta, Terpandro disseminou lá sua arte, e Pseudo-Plutarco haveria de enumerar sua classe de música como a primeira de Esparta, e sua citaródia – recitação de um poema jônio precedido por um proêmio lírico que o acompanha em hexâmetros – segue ao lado de uma produção heroica própria,<sup>95</sup> composta possivelmente em datílicos livres.<sup>96</sup>

Essa tradição dórica segue para o oeste e floresce entre os itálios. E é de um poeta dórico, Estesícoro, que restam longos fragmentos de poemas heroicos sustentados pela lira.<sup>97</sup> Assim como a poesia de Píndaro, seus versos são predominantemente datílicos, com forte ocorrência de epítritos. Longe de apresentar uma inovação no gênero lírico, ao encerrar em si uma Argonáutica, a Pítica 4 permanece como um reduto da lírica heroica dórica frente à épica jônia, então difundida largamente por toda a Grécia.

---

Adalbert Kuhn em *Ueber die durch nasale erweiterte verbalstämme*. Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung 2, pp. 455-71, 1853 (p. 467) e ainda sucita discussões, cf. FLINKBERG: 1986; WATKINS: 1995, p. 173-178.

<sup>94</sup> WEST: 1988, p. 162-163; JANCO: 1994.

<sup>95</sup> *Plut. Apophth.* 238c: ἀλλὰ καὶ τὸν Τέρπανδρον ἀρχαϊκώτατον ὄντα καὶ ἄριστον τῶν καθ' ἑαυτὸν κιθαρωδῶν καὶ τῶν ἠρωικῶν πράξεων ἐπαινέτην

<sup>96</sup> WEST, 1971, p. 308 defende a tese dos datílicos livres citando um verso de um verso hexamétrico atribuído a Terpandro: ἀμφὶ μοι αὖτις ἄναχθ' ἑκατηβόλον ἀειδέτω φρήν. Se até um proêmio a Homero possui a liberdade – aqui apresentada no quinto dátilo – então os versos dissociados da épica jônia deviam também ter seus datílicos livres, consoantes não só à métrica eólica quanto à de Estesícoro.

<sup>97</sup> *Cic. Instit.* 10. 1, 62.

Praticamente todos os comentadores sugeriram certo tom épico dessa seção. Respondendo a essa tradição, em uma breve nota, BRASWELL diz que, apesar de à primeira vista o poema parecer uma *épica lírica*, não se pode comparar Píndaro a Homero ou mesmo a Estesícoro, mesmo se considerando a fluidez e detalhamento com que desenvolve a história. Diz que, apesar de o poeta selecionar cuidadosamente trechos para dar criar o *efeito* de totalidade, omite trechos que o comentador julga – *sem dúvida* – importantes em uma *épica* real. Acresce que as transições são frequentemente rápidas, como as transições típicas da lírica. Por fim, conclui que Píndaro teria criado um efeito de narrativa heroica sem, contudo, haver escrito um *épico* real.<sup>98</sup>

O que disse sobre a *épica*, disse com razão. Antes de qualquer outro detalhe estilístico, se o poeta grego pretendesse escrever no gênero épico teria optado pelo hexâmetro datílico. Não foi o caso. Mas algumas considerações parecem pertinentes. Primeiramente, para a determinação de gênero, a análise dos elementos constituintes parece determinar a homologia entre dois textos melhor que a comparação da técnica estilística empregada nos mesmos, já que esta pode variar tanto pelo passar do tempo quanto, na mesma época, por afastamento geográfico, ou pela simples diferença de escola.<sup>99</sup> Então comparar os cortes episódicos e as descrições que fazem Estesícoro e Píndaro sem comparar a distância cronológica e geográfica entre ambos pode direcionar a pesquisa a equívocos.

Em segundo lugar, há uma aparente dificuldade na articulação de categorias na nota do referido comentador. Se os cortes feitos por Píndaro são muito líricos se comparados a Homero, então o fato de a poesia lírica de Estesícoro ser – sob esse aspecto – mais parecida com Homero, faria dela uma *épica*? Se, por outro lado, a lírica e a *épica* são gêneros mutuamente excludentes – opinião para a qual o comentador com razão parece apontar – qual a

---

<sup>98</sup> BRASWELL: 1988 p. 160.

<sup>99</sup> Cf. a diferença na proporção entre coro e diálogos – e sua dicção – em *Os Persas* de Ésquilo e *Alceste* de Eurípidés; ou as diferenças essenciais entre a *Ilíada* e a *Odisseia*.

necessidade do argumento? Por que em um momento atrelar Estesícoro a Homero, e em outro desatrelar a lírica da épica? O absurdo de ambas as implicações invalida tal abordagem cuja falha consiste em se indissociar, em alguns momentos, o tema heroico da forma épica.

Píndaro tem sua própria dicção nos epinícios, muito distinta do estilo de Baquilides. Ambos são epiniciógrafos porque cumprem os mesmos protocolos de modos distintos. Ao compor a Argonáutica, Píndaro mantém sua dicção, mas substitui a forma. Então se aproxima de Estesícoro ou Homero pelos protocolos da poesia heroica. Este capítulo se dedica a reconhecer algumas das apropriações de elementos formais e temáticos da poesia heroica, épica ou não, levada a cabo pela Águia de Tebas.

### 5. 1. PROÊMIO

Muitos dos textos poéticos indo-europeus apresentam uma seção inicial dedicado a alguma divindade. Esse proêmio inicia alguns dos mais antigos textos literários, e tal procedimento passou a ser incorporado entre os recursos poéticos acumulados pela tradição do sagrado canto. É de Píndaro o primeiro texto grego em que a nomeação desse procedimento chegou até os dias de hoje, e o poeta o descreve como um procedimento comum da poesia heroica Assim começa a Nemeia II, vv. 1-5:

Donde os homéridas aedos  
de tramadas palavras principiam  
tantas vezes – do proêmio a Zeus– também tal homem  
recebera a primeira fundação  
do triunfos portar em sacros jogos  
no pluri-hineado bosque do Nemeio Zeus.<sup>100</sup>

O poeta, ao mesmo tempo em que descreve a prática da poesia tradicional, compõe segundo aquela seu próprio poema, em um ato metareflexivo, no ano de 485 AEC. Em seu proêmio, estabelece a referência a Zeus e ao vencedor a quem a ode é dedicada. Também a

---

<sup>100</sup> N. 2, 1-5: Ὅθεν περ καὶ Ὀμηρίδαι/ ῥαπτῶν ἐπέων τὰ πόλλ' αἰδοί/ ἄρχονται, Διὸς ἐκ προοιμίου, καὶ ὄδ' ἀνήρ/ καταβολὰν ἱερῶν ἀγώνων νικαφορίας δέδεκται πρῶτον, Νεμεαίου/ ἐν πολυῦμνήτῳ Διὸς ἄλσει.

Pítica 4 reivindica a divindade em dois proêmios. O primeiro se encontra tipicamente no início da ode (v. 3); o segundo é guardado no meio do texto, mas é tão característico que se revela tão logo se estabelecem algumas analogias, tema da discussão deste item:

67-71 Eu o restituirei com mente divina<sup>101</sup>  
e o velo multiáureo do carneiro.  
Ao velocino os Mínios navegaram,  
e as honras concedidas pelos deuses  
foram-lhes frutíferas.  
Qual o início da Argonáutica?  
Que perigo os constrangeu  
com cravos adamânteos?

O verso 67 interrompe a composição em anéis da Cirenaica e inaugura a Argonáutica;<sup>102</sup> três questões – a Musa; a restituição poética; e as indagações acerca da periculosidade – são fundamentais para a demarcação do início da nova seção. Representante de uma escola poética profundamente enraizada na tradição indo-europeia,<sup>103</sup> Píndaro se utiliza desses elementos comuns para fundar sua própria gesta.

#### A MUSA

Frequente na poesia grega, essa divindade, μοῖσα, sem paralelos em outras culturas indo-europeias, é registrada desde Homero, sempre associada ao discurso músico-poético. A Musa, ora solitária, ora em grupos de números variados, são tantas quantas forem as instâncias poéticas, e seus nomes refletem as características da poesia a que presidem.

Assim, informa Pausânias, *dizem que as Musas são três, e seus nomes foram estabelecidos como Dedicção, Menção e Canto*,<sup>104</sup> todas as três representando aspectos da ocorrência

---

<sup>101</sup> I.e. com a musa (ἀπὸ μοῖσαισι δώσω).

<sup>102</sup> BRASWELL identifica no v. 70 o início de uma nova parte.

<sup>103</sup> SERGENT: 1998, reserva um capítulo exclusivamente para o estudo da herança indo-europeia em Píndaro. Também WATKINS: 1995 se dedica ao poeta tebano, especialmente pp. 510-515 e WATKINS: 2002.

<sup>104</sup> Paus. IX 29 2-3, Μούσας ἐνόμισαν εἶναι τρεῖς καὶ ὀνόματα αὐταῖς ἔθεντο Μελέτην καὶ Μνήμην καὶ Ἀοιδίην.

de um mesmo poema. Mas também podem aparecer em maior número e se dedicar cada uma exclusivamente a um gênero poético, como na discussão que faz Plutarco.<sup>105</sup> Em todo o caso, este diz que em alguns lugares, *como em Quio, as Musas são chamadas Mnemas, i.e. Menções*,<sup>106</sup> todas elas sendo, então, um desdobramento daquela segunda Musa de Pausânias; na mesma medida Píndaro diz que *a Musa se delicia em mencionar os grandes Jogos*.<sup>107</sup> Tantas vezes referidas como deusas, as filhas da Memória representam o esforço pela conservação da sabedoria através da reprodução do que se conhece por meio do canto.<sup>108</sup>

À parte dessas representações, *μουσα* pode também retomar um sentido abstrato, *i.e.* não personificado. Em muitos textos, o nome *μουσα* não tem qualquer significado senão traduzido por *música*, aquela produzida no âmbito cerimonial como produto da musa e, portanto, sem decréscimo ao estatuto do divino.<sup>109</sup> Em oposição, contrapondo por um lado as Musas e, por outro, divinas ou semidivinas abstrações, BRASWELL conclui que autores como Píndaro e Baquilides preferiram invocar as divindades da segunda categoria.<sup>110</sup> No entanto, as Graças Χάριτες, apresentadas pelo helenista como exemplo da categoria abstrata, são nomeadas pelos dos dois epiniciógrafos em apenas três invocações; a Fama Φήμα, em

---

<sup>105</sup> *Plut. Quaest. conv.* 743 c 8, em discussão sobre o número das Musas.

<sup>106</sup> *Ibidem* 743 d 9: ἐν Χίῳ τὰς Μούσας Μνείας καλεῖσθαι λέγουσιν. N. 1, diz que μεγάλων δ' ἀέθλων Μοῖσα μεμνᾶσθαι φιλεῖ.

<sup>107</sup> N. 1, μεγάλων δ' ἀέθλων Μοῖσα μεμνᾶσθαι φιλεῖ.

<sup>108</sup> WATKINS: 1995 propõe a etimologia μουσα < \*μοντσα < indo-europeu \*mon-tu-h2, realçando a raiz \*men- Diz: the inspiration of the divine Muse is thus only a personification of the trained mind of the poet [a inspiração da divina Musa é apenas a personificação da mente treinada do poeta], p. 73; a raiz -tu- é considerada pelo mesmo como marca dos recursos da atividade mental, p. 110. Também BEEKES: 2010 defende a raiz \*men- como origem da divindade *musa*.

<sup>109</sup> Cf. DETIENNE: 1973, 7ª nota ao capítulo II, ao listar uma série de ocorrências. Duas dessas estão em Píndaro: P. 5, v. 65 (oferecer o canto) e N 3 v. 28 (levar a música).

<sup>110</sup> BRASWELL: 1988, p. 58.

duas; e a Fortuna Τύχα, apenas uma vez; contra as seis invocações à Musa nas odes dos dois poetas gregos.<sup>111</sup>

Se esses autores preferem divindades do segundo tipo, *i.e.* abstrações, não se pode necessariamente inferir que as Musas – invocadas no início de três odes de Píndaro e quatro de Baquilídes – não sejam divindades abstratas; pelo contrário, a preferência pelas divindades abstratas sugere ao leitor que as Musas também devam ser listadas entre aquelas. Píndaro não atribui nome às musas. Baquilídes prefere nomear Κλειώ,<sup>112</sup> derivação do adjetivo *glorioso* \*κλέφε-ος, uma evocação da glória tão abstrata quanto a fama; Píndaro invoca a Musa em companhia de outra deusa abstrata, Verdade Ἀλάθεια.

Como entender que Píndaro reprove uma divindade como faz, ao se referir à Musa do seu tempo como ambiciosa e mercenária, em oposição à de antanho?<sup>113</sup> Ademais, o poeta tebano evoca Apolo, um deus não abstrato, como regente dessa deusa, através do com o epíteto μοισαγέτας,<sup>114</sup> mostrando uma submissão teológica dentro o panteão grego. É mais fácil entendê-la como metáfora, como a que se verifica em relação a outra divindade, na P. 4, v. 287. Damófilo se submete como pajem da Ocasão, em uma saudável submissão que reflete a subordinação entre as classes diferentes. Aqui a *ocasião* καιρός é elevada à classe dos deuses abstratos e, portanto, superior à classe humana de Damófilo. Da mesma forma, o impulso poético do canto e dança é campo do domínio apolíneo, campo transformado em divindade abstrata, sob o nome Musa. E pertencendo a classes diferentes, a relação de subordinação entre essas divindades é totalmente compreensível.

---

<sup>111</sup> Χάριτες são invocadas em O. 14, N. 10 e Baquilídes 9; Φήμα, em Baquilídes 3 e 10; e Τύχα, em O. 12. As Musas são invocadas na N. 3, N. 9, O. 10, Baquilídes 1, 3 e 12.

<sup>112</sup> Κλειώ em 13; ou Κλεοῖ 3 e 12.

<sup>113</sup> I. 2 v. 6: ἡ Μοῖσα γὰρ οὐ φιλοκερδῆς πω τότ' ἦν οὐδ' ἐργάτις [a Musa então não era gananciosa ou serviçal.]

<sup>114</sup> Fragm. 94c: Ὁ Μοισαγέτας με καλεῖ [...] Ἀπόλλων. O epíteto μουσαγέτα atribuído a Apolo aparece também no Hino Órfico 34, v. 6.

O sanscritista MACDONELL propôs, no fim do século XIX, que as divindades abstratas védicas tais como *desejo* afluíram em estágio tardio daquela religião.<sup>115</sup> Se é comparável o desenvolvimento da religião védica com a da helênica após seu destacamento do contexto protoindo-europeu,<sup>116</sup> seja por tendência inerente, seja por contaminação, então a restrição da Musa à cultura helênica poderia ser também uma divindade dessa nova categoria, fruto do desenvolvimento da religiosidade poética refletida individualmente pelo espírito grego pré-homérico.<sup>117</sup> Assim, a restrição da existência da Musa ao mundo helênico estaria em conformidade com o caráter abstrato da deusa que, com o tempo, se personalizou parcialmente por analogia com os outros deuses, olímpicos.<sup>118</sup>

A tradução da raiz de μοῖσαισι por *mente divina* busca recuperar uma associação por vezes perdida entre a representação antropomórfica da *deusa* com seu sentido abstrato. Através da potência da *mente divina*, a Argonáutica se epifaniza. A *mente divina*, ao mesmo tempo deusa e impulso abstrato, anima o som da voz, a matéria do poema, e a eleva ao campo do sagrado; por isso a necessidade de invocá-la antes de iniciar o canto. Não de outra forma pensava o autor da *Ilíada* sobre a necessidade do impulso mnemônico das Musas sem as quais

narrar ou nomear a turba – ainda que tendo  
dez línguas, dez gargantas, voz inquebrantável,  
pulmão fundido em bronze – eu poderia.<sup>119</sup>

---

<sup>115</sup> MACDONELL: 1897, § 38.

<sup>116</sup> Desenvolvimento observado também na reforma levada a cabo na religião dos iranianos feita por Zaratustra, que suprimiu os deuses tradicionais criando uma hoste de abstrações divinizadas.

<sup>117</sup> O que não exclui outras hipóteses como empréstimo de divindade de outra cultura ou a criação tardia de uma deusa do mesmo estatuto que as demais, tradicionais. A origem tardia dessa divindade é mencionada por BEEKES: 2010, quando lhe atribui uma origem no estágio protogrego, e não no protoindo-europeu.

<sup>118</sup> Até o tardio período de Mesomedes, músico da corte de Adriano (séc. II), a Musa continua fortemente atrelada à atividade mental, como transparece no hino que escreveu à ela: Ἄειδε μοῦσά μοι φίλη, [...] ἐμὰς φρένας δονεῖτω. [Canta, amada Musa, [...] agita meu pensamento].

<sup>119</sup> B. 488-490. Cf. Píndaro: Peã 6 vv. 54 ss.

## POETA RESTAURADOR

A função do poeta tradicional grego é, através da mente divina, conservar a memória dos deuses, dos heróis ou dos cuidados agrários.<sup>120</sup> Isso porque, em seu mundo, muitos dos contratos entre deuses e homens se dão mediante a execução de deus hinos, e o conceito social de reciprocidade – responsável pelos vínculos de hospitalidade – faz com que os deuses agradeçam com favores a oferta de poemas.<sup>121</sup> Então os homens tributam sua confiança aos poetas na medida em que estes fornecem dádivas aos deuses. Através dessa equação, os poetas são considerados conservadores da verdade por sua gente e por si próprios.<sup>122</sup>

Na mesma relação de reciprocidade atrelada entre poeta e deus, estabelece-se a ligação entre poeta e patrono. O poeta compõe para o regime aristocrático e recebe para servi-lo, e os hinos aos deuses, mais do que refletir a vontade da casa dominante, representam-na. Logo, a memória da genealogia que os nobres requeriam, fazendo-se descender dos deuses, era atestada por seus poetas que, apoiados por deuses e chefes, eram a instância máxima da verdade.

No primeiro verso do proêmio à Argonáutica, *eu* – o pronome enfatiza a primeira pessoa – *eu restituirei Arcesilas através da mente divina* ἀπὸ δ' αὐτὸν ἐγὼ Μοίσαϊσι δώσω, o verbo ἀποδίδωμι expresso com tmese assume o significado de *exibir, mostrar, restituir*, no sentido de *devolver [a fama]*.<sup>123</sup> O poeta assim declara o principal objetivo desta encomenda:

---

<sup>120</sup> Segundo a tripartição ideológica proposta por DUMÉZIL. Exemplos da primeira classe seriam os hinos homéricos e a Teogonia de Hesíodo; os épicos homéricos representam a segunda; enquanto que os Trabalhos e Dias de Hesíodo representam a terceira classe, assim como, de certa forma, a literatura relativa à união de pessoas.

<sup>121</sup> Cf. PARKER: 1998 e MACEDO: 2010.

<sup>122</sup> Acerca das várias alusões à detenção da verdade cf. DETIENNE: 1975; WATKINS: 1995 pp. 85-93.

<sup>123</sup> As interpretações em geral conferem à passagem o seguinte sentido: Eu confiarei Arcesilas e o velocino à Musa. Essa visão reflete a leitura da I. 8, na qual se lê: ἔδοξ' ἄρα καὶ ἀθανάτοις,/ ἔσλόν γε φῶτα καὶ φθίμενον ὕμνοις θεᾶν διδόμεν [assim, agrada aos imortais dar o homem nobre, ainda que esteja morto, às deusas – Musas]. Mas essa enunciação carrega o sentido mnemônico das deusas: ainda que morto, a mente

justificar o reinado de Arcesilas, exibindo Posídon no topo de sua ascendência, conforme já fizera na Cirenaica.<sup>124</sup>

Mas o verbo *restituir* ἀποδίδωμι também joga outro acusativo. O poeta restituirá também o velocino e, por extensão, toda a saga de Jasão e os argonautas. Essa esclarecedora declaração de Píndaro deve ser remarcada porque vincula a poesia grega na tradição tipicamente indo-iraniana que faz do poeta um sacerdote. O papel do poeta supera o da celebração como memória; sua récita é responsável pela glória dos deuses e heróis, e ele próprio está presente nos eventos míticos cruciais.<sup>125</sup>

O maior evento da teologia védica é a gloriosa vitória de Indra sobre o dragão Vṛtra. Segundo o poema heroico Mahābhārata, a batalha foi de extrema dificuldade; o monstro devorou Indra, mas este, com o auxílio de outros deuses, conseguiu se libertar. No entanto, o feito poderia ter sido completamente ofuscado pelo contexto. O dragão Vṛtra foi criado porque antes Indra assassinara um brâmane. Esse crime impraticável foi expurgado através do Ásvamedha, o Sacrifício do Cavalo. No entanto, Indra foi tolhido de sua inteligência, poder e prosperidade, refugiando-se na Terra por longas gerações.

Quando os deuses enviaram Agni para procurar o heroico bramanicida, este o encontrou tão diminuído que repousava no interior do caule de loto. Postado diante de Indra, Agni pôs-se a recitar um hino celebrando os nobres atributos do herói. Indra, purificado havia tempo, só então foi aos poucos recobrando seu tamanho e força. Ao fim da récita, o deus voltara ao normal.

Esse poder da poesia, lido no poema sânscrito, se encontra com ainda mais força no R̥gveda, elaborado séculos antes. Nos versos 10.161.1 ab de um hino dedicado a Indra, o

---

divina dos poetas deverá manter a glória do homem nobre. Esse dever, na P. 4, é claramente reivindicado pela primeira pessoa. É o poeta, e não a musa, quem irá exhibir a glória do rei e dos heróis.

<sup>124</sup> Ainda que a ode tenha sido encomendada pela casa do exilado Damófilo.

<sup>125</sup> Lembre-se do diálogo em tempo presente estabelecido entre Píndaro e Bato, oito gerações anterior a si, nos vv. 59-63.

poeta védico afirma que, graças a sua oblação, *i.e.* o próprio hino, o deus foi restaurado à vida, salvo do declínio ignoto e do desgaste, e acrescenta que, se o deus foi pego pelo monstro, graças à oblação ele se viu liberto. A junção de declínio e esquecimento é fundamental, no primeiro verso. O declínio ignoto nada mais seria do que ter sua glória esquecida pelos poetas ou sacerdotes, e a criação de hinos torna-se o maior auxílio para o herói continuar entre os vivos.

Mas a potência poética e a importância do poeta movem não somente os hinos da Índia. O profeta iraniano Zaratustra sempre faz menção de si no discurso de seus hinos. No Yasna 43.2, o profeta se faz interpelado por alguém de boa índole. “Quem és? Tens o poder de me ensinar?” Ao que o profeta responde “sou Zaratustra, [...] Eu obtenho os serviços do todo poderoso Mazda assim que recito hinos e o glorifico”.<sup>126</sup> Para o profeta, o poder está na própria récita.

Na P. 4, Píndaro oferece um de seus mais significativos posicionamentos acerca de sua importância poética. No último epodo da Argonáutica, ele apresenta uma ruptura magistral na narração dos feitos heroicos de Jasão e seus companheiros semideuses. O poeta diz que é hora de se retornar ao motivo daquela celebração específica, *i.e.* a vitória de Arcesilas na quadriga. Mas tão logo o diz, transpõe o sentido da corrida ao seu próprio ofício. Nesse giro semântico, a pista de corrida passa a ser o caminho da poesia, percorrido pelo poeta-auriga. Píndaro remarca sua importância como guia:

247-248 Que eu retorne à quadriga,  
é hora, e conheço um atalho:  
sou guia de muitos no ofício.

Essa comparação entre poeta e auriga, no entanto, não é a única em Píndaro,<sup>127</sup> sequer exclusiva à poesia helênica, mas surge como um pensamento comum greco-ariano.

---

<sup>126</sup> WEST: 2010, Yasna 43. 7-8.

<sup>127</sup> O. 9. 81;

DURANTE ressaltou que, presente na poética grega e védica,<sup>128</sup> a comparação da poesia com um caminho a ser percorrido traduz-se algumas vezes na imagem de um carro.<sup>129</sup> Posteriormente a metáfora também se verificou nos hinos de Zaratustra,<sup>130</sup> cognatos com a tradição védica. A metáfora do carro na P. 4 concorre junto a outras evidências<sup>131</sup> para a compreensão da poética comum greco-ariana, cujo poeta desempenha um papel, se não equivalente, similar, nessas culturas.

Daí a importância do verbo ἀποδίδωμι. Quando Píndaro *restitui* o rei Arcesilas, seu poder é equivalente ao do deus Agni, no sagrado ofício de ofertar hinos – ao restituir o poder de Indra, citado no primeiro exemplo acima. É graças ao hino de Píndaro que a nobreza de Arcesilas é atestada. O poema de Píndaro é poderoso contra insurreições ou dúvidas porque autentica o governo divino do soberano, sob a vontade dos deuses e graça de Posídon. O poema deve memorar a *instituição* da dinastia Batíada, fazê-la repetir-se. Por isso, *restituição*.

## INDAGAÇÕES

Qual o início da Argonáutica?  
Que perigo os constrangeu  
com cravos adamânteos?

O terceiro item que caracteriza o prólogo são as duas indagações sobre a história: O procedimento é comum à poesia de cunho heroico e costuma introduzir a narrativa. Na *Ilíada*, o poeta se pergunta qual a origem da ira de Aquiles contra Agamênon, logo após a sua exposição: *que deus fez com que ambos, discordes, brigassem?*<sup>132</sup>

---

<sup>128</sup> EDGERTON: 1919.

<sup>129</sup> DURANTE: 1958.

<sup>130</sup> WEST: 2010, Yasna 29. 8; 30. 10; 50. 7.

<sup>131</sup> E.g. separação hiperbática entre artigo e nome correspondente (WATKINS: 2002); e estruturação poética baseada em duração silábica. Ambos os recursos são exclusivos à tradição greco-ariana.

<sup>132</sup> A. 8: Τίς τάρ σφωε θεῶν ἔριδι ξυνέηκε μάχεσθαι;

A lírica de Píndaro também oferece outros exemplos. O primeiro verso da O.2 é uma indagação ao próprio poema (como divindade análoga à musa): *Hinos soberanos sobre a lira, que deus, herói ou homem cantaremos?*<sup>133</sup> O tom heroico desse artifício é evidenciado em outro poema. Na I. 5, o poeta encerra um longo hino introdutório à divindade Teia, e lhe dirige essas palavras: *quem matou Cicno, Heitor e o temerário capitão etíope, Memnon em armas brônzeas? Quem lanceou o nobre Télefo às margens do Ceco?*<sup>134</sup> Mas na lírica de Píndaro, o exemplo mais notável é o prólogo da I. 7, no qual a história gloriosa é invocada.

Qual das glórias, venturosa Tebas,  
das maiores desta terra, mais inflama  
teu espírito? O alvorecer de um par para Deméter  
de matracas brônzeas, Dioniso  
de amplos cachos? Ou em neve d'ouro, à meia noite, receber  
o deus supremo,  
  
quando veio às portas de Anfitrión  
procurando esposa em que engendrasse Hércules?  
Seriam os sagrados vaticínios de Tirésias?  
Ou é o hípico saber de Iolau?  
São os *Semeados* de incansável lança? Ou o despachar Adrasto  
da crua luta,  
  
para a equestre Argo, sem incontáveis companheiros?  
Ou porque no reto pedestal ergueste  
a dória colônia  
dos Lacedemômios, e a Amiclas  
teus egidas conquistaram, sob o pítio oráculo?  
Mas a graça dorme,  
a dos antigos... e aos mortais não há memória  
  
quando a fina flor da experiência  
não se anela ao glorioso fluxo dos versos.  
Com melífluos hinos, pois, que se celebre também  
a Estrepsíades [...] <sup>135</sup>

<sup>133</sup> O. 2, 1-2: Ἀναξιφόρμιγγες ὕμνοι,/ τίνα θεόν, τίν' ἦρωα, τίνα δ' ἄνδρα κελαδήσομεν;

<sup>134</sup> I. 5, 39-42: λέγε, τίνες Κύκνον, τίνες Ἔκτορα πέφνον,/ καὶ στραταρχὸν Αἰθιοπίων ἄφοβον/ Μέμνονα χαλκοάραν· τίς ἄρ' ἐσλὸν Τηλεφὸν/ τρώσεν ἐῶ δροὶ Καΐκου παρ' ὄχθαις;

<sup>135</sup> I. 7, vv. 1-21: Τίτι τῶν πάρος, ὦ μάκαιρα Θήβα, καλῶν ἐπιχωρίων μάλιστα θυμὸν τεὸν εὐφρανας; ἦρα χαλκοκρότου πάρεδρον Δαμάτερος ἀνίκ' εὐρυχαίταν ἄντειλας Διόνυσον, ἢ χρυσῶ μεσονύκτιον νείφοντα

## 5. 2. ΔΙΑΛΟΓΟΣ Ε Ο ΚΑΤΆΛΟΓΟ ΔΟΣ ΗΕΡΟΪΣ

### OS DOIS ΔΙΑΛΟΓΟΣ

Por meio de diálogos de longas falas, porém de pouca réplica, Píndaro emula o artifício muito empregado na épica para avançar um relato mantendo a apreensão da plateia (vv. 97-119 e 138-167). No canto VIII da Odisseia, o rei feácio Alcínoo pede que o estrangeiro se apresente *sem nada esconder* μηδὲ σὺ κεῦθε,<sup>136</sup> ao que o herói prontamente responde, contando suas desventuradas peripécias ao longo de 2232 versos (IX-XII). Píndaro utiliza a mesma estratégia para apresentar Jasão. Pélias pede ao estrangeiro que conte sua origem *sem se revestir de mentiras* μὴ ψεύδεσιν καταμιάναις (v.99). Jasão então lhe narra, desde a infância, sua própria desventura.

No canto XIX da Odisseia há outra cena de reconhecimento que ecoa na Pítica 4. Enquanto Euricleia banha os pés de Odisseu, instantes antes de reconhecê-lo, o narrador conta a história da cicatriz que o herói carrega e pela qual será reconhecido. E o nome do herói é definido como obra de causa etimológica ὀδυσσάμενος > Ὀδυσσεύς. A réplica de Jasão, na P. 4, encerra-se com o artifício etimológico Αἴσονος > Ἰάσονος, atingindo então a revelação de sua identidade.

A segunda cena de diálogo entre Pélias e Jasão, no sexto dia de sua chegada, retoma um tema da poesia heroica encontrado na lírica de Estesícoro. Em paz, Jasão oferece a Pélias um trato pelo qual dividem entre si o poder e as riquezas, respectivamente. Embora desconcertante, a proposta oferecida pelo herói de Iolco se assemelha da que propõe Jocasta

---

δεξαμένα τὸν φέρτατον θεῶν, ὀπότ' Ἀμφιτρώωνος ἐν θυρέτροις σταθεῖς ἄλοχον μετῆλθεν Ἡρακλείοις γοναῖς; ἢ ἀμφὶ πυκναῖς Τειρεσίαο βουλαῖς; ἢ ἀμφ' Ἰόλαον ἰππόμητιν; ἢ Σπαρτῶν ἀκαμαντολογχᾶν; ἢ ὅτε καρτερᾶς Ἄδραστον ἐξ ἀλαλᾶς ἀμπεμψας ὀρφανόν μυρίων ἐτάρων ἐς Ἄργος ἵππιον; ἢ Δωρίδ' ἀποικίαν οὔνεκεν ὀρθῶ ἔστασας ἐπὶ σφυρῶ Λακεδαιμονίων, ἔλον δ' Ἀμύκλας Αἰγεῖδαι σέθεν ἔκγονοι, μαντεύμασι Πυθίοις; ἀλλὰ παλαιὰ γάρ εὔδει χάρις, ἀμνάμονες δὲ βροτοί, ὃ τι μὴ σοφίας ἄωτον ἄκρον κλυταῖς ἐπέων ῥοαῖσιν ἐξίκηται ζυγόν· κώμαζ' ἔπειτεν ἀδυμελεῖ σὺν ὕμνῳ καὶ Στρεψιάδα·

<sup>136</sup> Nos versos 536-586. μηδὲ σὺ κεῦθε v. 548.

na Tebaida de Estesícoro.<sup>137</sup> No poema, a mãe dos infelizes filhos de Édipo propõem entre eles uma divisão ditada pela sorte, na qual um filho ficaria com o palácio real, e o outro, com o ouro e as propriedades herdadas.

Ainda outro paralelo pode ser feito com o poema indiano Mahābhārata. Dois clãs da mesma família – Kauravāḥ e Pāṇḍavāḥ – se dividem no jogo de dados (II, 75). Perdedor, o rei que pertencia ao segundo clã aposta um último jogo, no qual perde o cetro por 13 anos de exílio. Passado o prazo, os herdeiros voltam. Embora o jogo fora fraudado e isso seja sabido por todos, ainda assim o sábio Kṛṣhna recomenda que os pandavas enviem uma embaixada pacífica aos usurpadores, propondo uma divisão do reinado (v, 1). O propósito de tamanha prudência é justificada pelo mensageiro como medida de evitar a guerra sobretudo (v, 58), mesmo argumento dado por Jasão ao seu tio, no fim de sua embaixada (v. 155).

## CATÁLOGO

Além dos dois diálogos, o catálogo dos heróis e navios da Ilíada (II 484-877) encontra seu pequeno símile na P. 4. Depois da longa estrutura que ocupa cerca de metade da Argonáutica, segue-se uma seção de catálogo no qual são listados os semideuses que se reuniram com Jasão no cumprimento dessa missão. Píndaro cita apenas dez dos marinheiros, além de Jasão e, talvez, do adivinho Mopso.

Embora o número de pessoas seja pouco, a comparação com a poesia homérica permite supor que o número da tripulação fosse maior. No começo do catálogo da Ilíada, o poeta invoca o dom das musas para nomear a multidão, mas logo se retifica dizendo que a multidão que listará se refere apenas a *capitães e navios* ἀρχοὺς αὖ νηῶν ἐρέω νῆάς τε (v. 493), *i.e.* o catálogo não se estende a todos os homens da guerra de Troia, apenas aos chefes de homens.

---

<sup>137</sup> Fragmento 222B, vv. 218-224 (ed. Hutchinson).

Pensar que o celebrado navio Argo fosse tripulado por doze pessoas em um poema que cita um navio de 50 remos (v. 245) seria tão estranho ao público quanto ouvir o nome cada um dos tripulantes subalternos que participaram da expedição. Os versos que prosseguem ao catálogo relatam se forma breve, mas clara, os eventos heroicos pelos quais passaram Jasão e os demais argonautas – vencer as Simplégades e enfrentar as provas impostas por Eetes.

### 5. 3. EPÍLOGO

O desfecho da Argonáutica de Píndaro é um depositário exemplar da herança poética comum indo-europeia. Não só descreve um feito heroico ancestral como concentra elementos marcantes da tripartição ideológica indo-europeia. Píndaro anuncia o fim da gesta heroica e retorno ao poema laudatório: *que eu retorne à quadriga. É hora!* Mas não retorna à quadriga antes de encerrar a Argonáutica, *através de um caminho curto* (v. 245-246). Eis o atalho:

<sup>249-254</sup> Matou com arte o ofídio  
de glauco olhar e tez rajada, Arcesilas.  
E rapinou Medeia – conivente –,  
a assassina de Pélias.  
Pelo pélagos pântico se engolfaram,  
mar vermelho,  
e até às fêmeas Lêmniãs,  
onde certame disputaram,  
cujo prêmio era um manto –  
e copularam.

### HERÓI MATA DRAGÃO

Da Índia à Islândia, matar dragões é um costume dos heróis indo-europeus, e a similitude entre esses mitos foi apercebida por FRAZER: 1911. Segundo WATKINS: 1995, mais do que coincidência, matar uma serpente é herança comum cuja existência pode ser atestada pelo fato de tenderem as enunciações poéticas atestadas à fórmula reconstituível \*g<sup>w</sup>hen

og<sup>w</sup>hi, aliterativa. Embora a P. 4 substitua o esperado φέπνε ὄφιν (< \*g<sup>w</sup>hen og<sup>w</sup>hi) pelo análogo κτείνει ὄφιν *matou a serpente*, a raiz \*g<sup>w</sup>hen > φν<sup>-</sup> ecoa nos dois compostos dos versos abaixo: Πελῖαοφονόν *assassina de Pélias* e ἀνδροφόνων *assassina de homens*.<sup>138</sup>

Jasão recrutou outros heróis, enfrentou perigos marítimos e afrontou o rei cólquida unicamente para a obtenção do velocino de ouro demandada por Pélias. No entanto, no epílogo da Argonáutica, o velo não é sequer citado, tal é o peso exercido pelo tema ancestral de *se matar serpente*. Após a morte do dragão, o herói provavelmente levou a pele de ouro para Iolco, mas não é esta a sua conquista heroica; seria unicamente a recompensa. A conquista do herói é haver matado o dragão.<sup>139</sup> Assim a herança da poesia heroica determinou que o foco do poema, em seu clímax, fosse desviado para o dragão.

#### TRIPARTIÇÃO IDEOLÓGICA

Ramo tardio dos estudos indo-europeus, o estudo das três funções sociais foi proposto no segundo quartel do séc. XX por DUMÉZIL. As funções seriam definidas como aquelas: 1. do rei; 2. do guerreiro; 3. do produtor. Como parte do seu projeto acadêmico, o autor publicou em 1969 um estudo dedicado ao estudo dos conflitos do herói, reelaborado anos mais tarde. Aquele autor considerava que os gregos mantivessem poucos traços dessa tripartição social; no entanto, estudos posteriores foram aumentando o número de exemplos a uma soma considerável de articulações tripartidas, míticas ou culturais, na língua grega.<sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> WATKINS: 1995, p. 365.

<sup>139</sup> FRAZER: 1911, pp. 105-112, considerando as serpentes mortas por Indra e Apolo, sugere que o mito do herói que mata o dragão tivera lugar no ritual de mudança sazonal na qual uma estação agreste dá lugar a outra, mais amena ou fértil. Em sentido mais amplo, o dragão simboliza o caos, e sua morte representa uma reorganização social ou política, um sentido transponível ao mito de Jasão e o trono de Iolco. Cf. WATKINS: 1995, p. 299.

<sup>140</sup> C.f. SERGENT: 1998.

Um paralelo entre o herói típico indo-europeu proposto por DUMÉZIL na referida obra e o herói da Argonáutica ilustra as escolhas narrativas feitas por Píndaro em seu epílogo. Resumidamente, o guerreiro cria relações conflituosas com todas as três funções. Contra o rei, através do sacrílego regicídio ou crime parecido; contra outro guerreiro, através da violação de honra; contra a terceira função, através da concupiscência sexual. *E.g.* Hércules matou os filhos em um momento de ódio contra Zeus; matou o guerreiro Ífito traiçoeiramente convidando-o ao alto de uma torre e o empurrando; esposo de Dejanira, destruiu duas cidades por duas mulheres (uma delas, mulher do guerreiro Ífito).

Dois axiomas: 1. Segundo o sistema de DUMÉZIL, a função regulamentadora do rei é aquela lapidarmente definida por Píndaro como *calibrando a astúcia equilibrada*,<sup>141</sup> e não deve ser associada com a função do guerreiro; 2. em um hino, os poetas tendem a esconder atos indignos daqueles que são celebrados,<sup>142</sup> embora lapsos ou alusões possam delatá-lo. Em outras palavras, como Píndaro recomenda: *convém aos homens sobre os divinos falar bem. Menor a culpa*.<sup>143</sup>

Nos versos finais do epílogo, Píndaro concentra elementos das três funções ao continuar a conclusão da história: [*Jasão*] *raptou Medeia com consentimento dela* (251). O termo *raptou κλέψεν* não seria necessário, uma vez que Medeia foi *por conta própria* σὺν αὐταῖ. Esse verbo oculta uma parte da história ao mesmo tempo em que a sugere. Segundo a Naupáica, Jasão fugiu de uma emboscada do rei Eetes após conquistar o velocino de ouro. Embora não seja testemunhada antes de Píndaro, essa fuga não deve ter sido fácil, e os guerreiros do país oriental provavelmente perseguiram o navio Argo. Segundo o Livro IV (445-480) de Apolônio de Rodes, Jasão se esconde em uma traiçoeira emboscada – sugerida

---

<sup>141</sup> P. 4, 261: ὀρθόβουλον μήτιν ἐφευρομένοις.

<sup>142</sup> O bramanicídio cometido por Indra nunca é declarado no Ṛgveda, mesmo sendo parte fundamental no principal enredo heroico celebrado na coleção. Só há indício em um dentre as centenas de hinos.

<sup>143</sup> O. 1, 35: ἔστι δ' ἀνδρὶ φάμεν ἔοικὸς ἀμφὶ δαιμόνων καλὰ· μείων γὰρ αἰτία.

por Medeia – e mata o perigoso herói Apsirto. A culpa desse *assassinato por traição* δολοκτασία não passa despercebida pelo herói que, por medo da vingança divina, esquarteja a vítima e simula um sacrifício normal, oferecendo as primícias à divindade e consumindo simbolicamente seu quinhão.<sup>144</sup>

No fim do verso, com o adjetivo Πελιοφόνον, Píndaro antecipa o assassinato de Pélias. Mas esse assassinato também não é descrito, porque a narrativa se encerra antes. Sabe-se que esse assassinato também imputou culpa ao herói que, embora reivindicasse o poder à sua linhagem, no início da carreira, não exerceu de fato o poder em Iolco. A fundação de jogos em honra a Pélias e a conservação de sua memória por poetas como Estesícoro também contribuem para que esse regicídio não seja considerado um assassinato de direito.

Por fim, a terceira classe, dominante sobre a fertilidade social, é representada pelas mulheres de Lemnos. Embora as mulheres sejam *assassinadas de seus maridos* ἀνδροφόνων, elas não entram no enredo argonáutico como crime. Pelo contrário, com a tripulação do Argo essas mulheres outrora castigadas por Afrodite finalmente geram filhos, após o período de expiação.

A ocorrência de elementos da trifuncionalidade ideológica proposta por DUMÉZIL não implica em intencionalidade temática na escrita de Píndaro, mas sua concatenada presença no momento final da narrativa, mesmo quando o poeta anuncia abreviá-la, parecem mostrar o quanto esses elementos eram importantes para um poeta tradicional em seu ofício de manutenção da memória.

---

<sup>144</sup> MOONEY, p. 330.



6. A ARTE DA PALAVRA

Como o poeta pode criar de fato um artifício para conferir o encantamento necessário ao caráter litúrgico de suas obras? O intelecto poético molda o tema segundo técnicas musicais, e esse é o poder divino da musa. Tal cuidado é uma das marcas que distinguem um texto ordinário de um texto sagrado. A Pítica 4 é uma fonte de anagramas e aliteraões que, em sua maioria, acompanham formulações com nomes de deuses e heróis, navios ou dragões.<sup>145</sup> Nesses jogos, os nomes são ecoados por mais tempo e interferem eles próprios na narrativa, através da condução do material sonoro.<sup>146</sup> Um exemplo permeia metade da primeira antístrofe:

|   |   |
|---|---|
| <p>9-12 κ<u>ΑΙ</u> τὸ μηδε<u>ΙΑ</u>ς ἔπος ἀγκομίσ<u>ΑΙ</u><br/>         ἐβδόμ<u>ΑΙ</u> κ<u>ΑΙ</u> σὺν δεκάτ<u>ΑΙ</u> γενε<u>ΑΙ</u> θή-<br/>         ρ<u>ΑΙ</u>ον, <u>ΑΙ</u>ήτα τό ποτε ζαμενής<br/>         π<u>ΑΙ</u>ς ἀπέπνευσ' ἀθανάτου στόματος, δέσ-<br/>         ποινα κόλχων. εἶπε δ' οὕτως<br/>         ἡμιθέοισιν <u>ΙΑ</u>σονος <u>ΑΙ</u>χματᾶο ναύτ<u>ΑΙ</u>ς·</p> | <p><u>Μη</u>δείας                    ...<u>Μί</u>σαι<br/>         ...<u>Μα</u>ι<br/>         ο<u>Ι</u>σ<u>Ι</u>Ν <u>Ι</u>ά<u>Σ</u>ο<u>Ν</u>ος    ...<u>Τ</u>ᾶο <u>Ν</u>αυ<u>Τ</u> ...</p> |
|---|---|

A sequência de alfas e iotas ΑΙ permeia o texto desde o nome de Medeia até o de seu cônjuge, Jasão. No nome destes, as letras aparecem na ordem inversa ΙΑ. Ao lado, destacam-se dois eventos de aliteração consonântica ao redor dos nomes Medeia e Jasão.

A passagem em que pela primeira vez se menciona o navio Argo recebe tratamento especial. O advérbio *quando* ἀνίκα e a âncora ἄγκυραν têm repetição de suas consoantes κ e ν, além da recorrência do α, primeira letra do navio. Todos os fonemas consonantais de Argo estão presentes na palavra ἄγκυραν, embora o /γ/ seja representado pelo alófono [ŋ].

---

<sup>145</sup> Procedimentos não só da poética dos povos indo-europeus em geral quanto praticado no estágio protoindo-europeu, como atestaria a aliterativa fórmula poética \*g<sup>w</sup>hen og<sup>w</sup>hi.

<sup>146</sup> Dois exemplos remetem ao trabalho poético pensado também sobre a forma escrita, caso a inscrição ει (nas palavras Μηδείας, v. 9; e εις, v. 44) fosse pronunciada como uma única vogal longa /ē/ na circunstância.

Além disso, sua âncora de *bronze* χαλκόγενυν é dita *freio* χαλινόν, cujo som evoca um *stretto* ou redução do seu qualificador *brônzeo*. De forma tênue, o gama de Ἀργοῦς, próximo ao som χαλ se assemelha ao gama no interior da palavra χαλκόγενυν.

24-25 ANíK' AΓKυρAN ποτί ΧΑΔκόΓεNυN AΓκυPAν  
NAĩ KριMNANτων ἐπέτοσσε, θοᾶς ἈρΓοῦς ΧΑΛιNόN· APΓοῦς

Outro exemplo de nome é a série da consoante T e sua aspirada Θ quando se narra a genealogia do herói Eufemo, filho de Posídon e remoto ascendente de Arcesilas. Há um padrão em que os taus, normalmente em duplas, são recorrentes no início dos cólons, e os tetas no fim. Há nesses versos o palíndromo em *Tênaro* e seu qualificativo *sagrada*, em grande parte devedor da posposição da preposição εις.

43-48 [...]εἰ γὰρ οἴ-  
 κοι νιν βάλε πὰρ χΘόνιον BάΔε  
 αἶδα σTόμα, Tαίναρον εις ἱερὰν εὐφαιμος ἐλΘών, ταιNAPovEιςIEPAN  
 υἱὸς ἰπάρχου ποσειδάωνος ἄναξ,  
 Tόν ποT' εὐρώπα TιTuοῦ ΘυγάTηρ  
 TικTe καφισοῦ παρ' ὄχΘαις,  
 TεTράTων παιδων κ' ἐπιγεινομένων  
 αἰμά φοι κείναν λάβε σὺν δαναοῖς εὐ- ΔάBe  
 ρεῖαν ἄπειρον.

Também se mostra o emprego dos verbos *largar* βάλε e *tomar* λάβε, cuja posição quiasmática das consoantes representa a própria inversão semântica dos termos: se Eufemo *deixasse* o torrão de terra em Tênaro, seu trineto *tomaria* a líbia.

O nome da cidade de Cirene aparece cercado entre as rimas do sufixo μένων. Entre esse modesto recurso, no entanto, através de um elaborado artifício, o poeta alitera as consoantes da cidade. Píndaro fez com que a resposta, aparentemente descontextualizada, repousasse latente no substrato da pergunta; o trecho destacado à direita evidencia a aliteração encantatória justamente no ponto em que a Pitonisa, *interrogada* sobre a voz, *proclamou* que Bato seria rei de *Cirene*:

62-63 αὐδάσαισα πεπρωMENON  
 βασιλέ' ἄμφανεν Κυράναι,  
 δυσθρόου φωνᾶς ἀνακρινόMENON

ἄμΦα Νε Ν ΚυΡάΝαι  
ΦωΝᾶς ἀΝαΚ Ρι Νόμενον

É interessante ressaltar que o sentido literal de ἀνακρίνω, *trazer à tona através de análise*, seja também o mecanismo pelo qual se descobrem os procedimentos crípticos do poeta.

Na exposição do motivo da Argonáutica, o texto mostra um inusitado *prego* ἄλοις do qual o perigo se servira para forçar os heróis. No entanto, o termo se mescla com o nome do rei *Pélias* Πελίαν, e a síntese dos dois substantivos parece formar o nome daquele que haveria de constranger o rei, seu tio – o *eólida* Αἰολιδᾶν Jasão:

71-72 τίς δὲ κίνδυνος κρατεροῖς ἀδάμαντος  
 δῆσεν ἄλοις; θέσφατον ἦν Πελίαν  
 ἐξ ἀγαυῶν Αἰολιδᾶν θανέμεν χεί-  
 ρεσσιν ἢ βουλαῖς ἀκνάμπτοις.

ΑΛΟΙΣ ΠΕΛΙΑΝ  
ΑΙΟΛΙΔΑΝ

O centauro Quíron se envolve indiretamente com os dois exemplos seguintes. No v. 103, as *filhas do centauro* aparecem com a aliteração das letras κ e ρ – Κενταύρου με κοῦραι; Píndaro articula também uma assonância vocálica ao redor da única sílaba breve με, de forma que os pontos de sua articulação se invertem.

O segundo exemplo faz da *fera divina* θεῖος φῆρ uma espécie de artífice da língua – um poeta. Ao descrever sua história ao tio usurpador, o capitão do navio Argo diz que, *sendo filho de Éson* Αἰσονος γὰρ παῖς, Quíron lhe *chamava dizendo Jasão* ΙἈσονα κικληῖσκων προσαύδα, nos vv. 118-119. Dizer seu nome foi uma revelação, antecipada pela nomeação do pai; Jasão sugere que no nome deste esteja o motivo do seu próprio.

A súplica de Jasão a seu tio Pélias também possui certo labor poético. Píndaro diz que *ele lança o fundamento de um hábil discurso*:

138 βάλλετο κρηΠίδα σοΦῶν ἐΠέων:  
 «Παῖ Ποσειδᾶνος Πετραίου...»

Frixo Φρίξος e o dragão δράκων que guardava o velo dourado também recebem tratamento aliterativo. Nas dezoito palavras não enclíticas da seguinte seção, treze possuem consoante velar surda, na modalidade aspirada χ ou não κ, contando também ξ = /κς/:

242-245 φρίΞου μάΧαιραι·  
 ἔλπετο δ' οὐΚέτι οἱ Κεῖνόν γε πράΞασθαι πόνον.  
Κεῖτο γὰρ λόΧμα, δράΚοντος ΚΕΙΤο ΔΡάΚΟΝΤΟς  
 δ' εἶΧετο λαβροτατᾶν γενύων, ΔΕΙΧεΤο  
 ὃς πάΧει μάΚει τε πεντηΚόντερον ναῦν Κράτει πάΧΕΙ μάΚΕΙ πεντηΚΟΝΤΕρον  
ΚΡάΤΕΙ

Seja esse exemplo contrastado com os dois trechos anteriores, vv. 71-72 e 138. Entre vinte e quatro palavras daqueles versos, apenas cinco articulam os fonemas /χ/ ou /κ/. Ao lado se observa um jogo assonante e aliterativo entre a palavra dragão e as palavras *em espessura e comprimento* πάχει μάκει, *superava* κράτει *um navio de cinquenta remos* πεντηκόντερον.

O último exemplo dessa refinada técnica foi extraído do ápice argonáutico. Quando Jasão está frente ao dragão, ele *mata com arte o ofídio de pele rajada e olhos glaucos*. Maior arte, no entanto, é a de Píndaro ao descrever o verso principal da sua Argonáutica. Ao redor da palavra *arte* τέχναις, o poeta cria uma disposição anelar de consoantes (τνλκπ|πκλντ) cercando aquela palavra com os adjetivos do animal e separando verbo e o nome acusativo com hipérbato.

249 κΤεῖνε μεΝ γΔαυΚώΠα ΤΕΧΝΑΙΣ ΠοιΚιΔόΝωΤον ὄφιν

E os quatro versos seguintes continuam a ressoar as consoantes do dragão ὄΦiΝ:

250-254 ὄαρκεσίλα, κλέψεν τε μήδειαν σὺν αὐταῖ, τὰν πελιαοΦόΝοΝ·  
 ἔν τ' ὠκεανοῦ πελάγεσσι μίγεν πόντωι τ' ἐρυθρωῖ  
 λαμνιᾶν τ' ἔθνει γυναικῶν ἀνδροΦόΝωΝ·  
 ἔνθα καὶ γυίων ἀέθλοις ἐπεδεῖξαντο κρίσιν ἐσθᾶτος ἀμΦίς

## 7. EXPOSIÇÃO

Um epinício padrão de Píndaro, assim como outras obras corais, compõe-se de estâncias triádicas:<sup>147</sup> estrofe, antístrofe e epodo.<sup>148</sup> As duas primeiras partes são metricamente equivalentes, ou seja, ambas repousam sobre a mesma partitura rítmica, enquanto o epodo constitui uma coda à estrutura, e seu material temático corresponde ao da estrofe, rearranjado de forma a concluir o ciclo triádico. Os versos pindáricos em geral se compõem de metros dátilo-epítritos<sup>149</sup> de forma nem sempre regular e, dado o caráter único de cada estância da poesia lírica, para cada ode deve ser realizada uma análise específica.

A construção de uma estância coral apresenta, ao poeta, bastante liberdade no manejo dos metros, e a solução divergente defendida por diversos editores modernos evidencia a ambiguidade da análise do metro coral.<sup>150</sup> Ainda que só tenham se tornado capitais depois do trabalho de Boeckh, em sua edição pindárica de 1811, os critérios mais simples para se

---

<sup>147</sup> Não só os corais de Baquilides – ou de outros poetas gregos, tais como Estesícoro ou os tragediógrafos – são estruturados em tríades, mas também alguns hinos védicos, em que as estâncias muitas vezes se agrupam em trças (MACDONELL: 1916, p. 446; cf. WATKINS: 1995, p. 19).

<sup>148</sup> Dos 44 epinícios supérrites, apenas 6 apresentam estrutura monostrófica: P. 6, P. 12, N. 2, N. 4, N. 9 e I. 6.

<sup>149</sup> MAAS (§ 55) sugere que Píndaro seja o seu criador. A P. 4 é uma das 21 cuja estrutura métrica corresponde totalmente ao dátilo-epítrito (outras três contêm seções dátilo-epítritas). Para o conjunto das 23 restantes, Dale, ao contrário de Snell, prefere uma transcrição próxima às dátilo-epítrito. Seguem-no, em parte, as análises de Itsumi realizadas sobre cada ode das chamadas não dátilo-epítritas, em que se procura demonstrar o quanto muitas dessas são na realidade derivadas do dátilo-epítrito (ITSUMI: 2009).

<sup>150</sup> Essa dificuldade da poesia pindárica, embora não ocorra nos outros mélicos corais, ressurge nos corais líricos das tragédias, em que a uma estrofe segue-se normalmente apenas uma antístrofe, o que aumenta o risco de se tomar um cólon por período. A dificuldade também provém do caráter fragmentado dos textos: Pfeiffer (1961) considera o partênio de Alcman do p.Oxy. xxiv. 8 uma ode triádica, ao contrário de Lobel, que a classifica monostrófica. Sobre essa questão, a O. 5 foi por muito tempo contada entre as odes monostróficas, e também a O. 14, cujo epodo que concluiria as duas únicas estâncias do poema talvez se tenha perdido (GALIANO: 1956).

estabelecer a extensão do período<sup>151</sup> são a observação do hiato na transmissão do texto e a coincidência do fim de palavras na mesma posição da estância. Nem sempre, porém, o fim coincidente de palavras justifica uma divisão de período. Outro critério necessário para a divisão diz respeito às unidades colométricas: um período não pode interromper um cólon, e os editores nem sempre estão de acordo entre si quanto à separação ou não de um cólon livre em relação a um período, dando a ele autonomia de um novo período.<sup>152</sup> Embora a P. 4, a maior ode do corpus pindárico com treze tríades para o confronto, não ofereça problemas para a determinação dos períodos, a ode fomenta certa discussão acerca da análise colométrica dos períodos, *i.e.* das unidades irreduzíveis que os compõem.

Muito embora a tradição afirmasse que um bibliotecário de Alexandria, Aristófanes de Bizâncio, fora o primeiro escandidor da poesia de Píndaro, ou até mesmo inventor da colometria,<sup>153</sup> há indícios da subdivisão de períodos em posições específicas até em lápides arcaicas.<sup>154</sup> O texto de Píndaro sobreviveu, todavia, escandido pelos filólogos alexandrinos, e assim foi copiado durante a Idade Média, e publicado desde Aldo Manuzio e Calergi, em

---

<sup>151</sup> Por período compreende-se o que MAAS (§ 63) definiu como *subdivisões compactas* [de uma estrofe] *separadas umas das outras por pausas*”.

<sup>152</sup> E.g. fim do primeiro período do epodo da N. 1 da edição de Snell-Maehler é tratado como um segundo verso – de apenas três sílabas – nas edições de Bowra e Turyn.

<sup>153</sup> Dionísio de Halicarnasso: “κῶλα δὲ με δέξαι λέγειν οὐχ οἷς Ἀριστοφάνης ἢ τῶν ἄλλων τις μετρικῶν διεκόσμησε τὰς ᾠδὰς, ἀλλ’ οἷς ἡ φύσις ἀξιοῖ διαιρεῖν τὸν λόγον καὶ ῥητόρων παῖδες τὰς περιόδους διαιροῦσι.” [Por cólons, nesse passo, entendo não a divisão das odes disposta por Aristófanes ou qualquer dos outros metricistas, mas a que a natureza impôs, ao dividir o discurso, ou a divisão que os alunos de retórica realizam dos períodos] (CONSRUCH: 1906. *Compos. verb.* 22, 106).

<sup>154</sup> O papiro de Lille cuja data Turner e Parsons remontam à metade do séc. III AEC. apresenta uma divisão colométrica bem ajustada de um longo fragmento atribuído a Estesícoro, copiado em Alexandria meio século antes das edições de Aristófanes de Bizâncio. Também as inscrições CEG 394, CEG 544, CEG 813 e GV 327 (a primeira delas, do séc. VII ou VI a. C.) podem ser considerados indícios de divisão do período em κῶλα. (GENTILI; LOMIENTO: 2001).

1513 e 1515, respectivamente, até Heyne, em 1809.<sup>155</sup> Dois anos após, surgiram os *Comentários Métricos* de Boeckh, em que se apresentam, além da responsabilidade métrica entre estrofe e antístrofe, dois princípios métricos para estabelecimento dos períodos: sinafia ou assinafia, esta última sob o nome *hiato*, além da *syllaba brevis in elemento longo* no fim de um período, *i.e.* a indistinção entre sílaba breve ou longa em uma posição em que uma análise colométrica determina uma longa.

### PERÍODOS E CÓLONS

Na edição de Boeckh, a estrofe da P. 4 passa a ser editada em oito períodos, e não mais em quatorze versos, e assim seguiram-na as importantes edições de Gildersleeves (1885), Fennell (1893), Turyn (1952), todas elas sem qualquer divisão colométrica<sup>156</sup> e Puech (1922) defendeu, na introdução de seu primeiro volume dedicado a Píndaro, a busca de um modo tipográfico que permita a um só tempo indicar os períodos e evidenciar os cólons<sup>157</sup> e, baseando-se na edição de Schroeder, serve-se do recuo de linha. Esse procedimento, todavia, já fora esboçado por Heyne em 1797, sem a precisão dos períodos boeckhianos. Bowra (1935), Snell (1953) e Gentili (1995) também dispuseram o texto em cólons e por vezes divergem entre si. A análise apresentada abaixo oferece uma divisão diferente das anteriores. Nela, procura-se evidenciar a coerência não só das estruturas análogas por transposição direta, como repetições sistemáticas de certas séries rítmicas, mas também das análogas por retrogradação serial, procedimento composicional recorrente nessa ode específica. Embora esse método se afaste do empregado pela tradição filo-

---

<sup>155</sup> Ano da última de suas edições. O texto de Heyne ainda receberia uma edição póstuma em 1817, posterior à edição de Boeckh.

<sup>156</sup> As primeiras duas traziam apenas indicações de realização musical na qual os ritmos da música grega eram adaptados a fórmulas de compassos regulares, representando o gosto vigente à época das publicações.

<sup>157</sup> “[...]le membre nous apparaît de nouveau comme l’élément le plus importante et plus concret” (PUECH: OLYMP, p. XXVII). [O cólon surge novamente como o elemento mais importante e concreto].

lógica, o resultado obtido apresenta um texto que muitas vezes concorda com esta.

A lírica coral perdeu a importância institucional de que desfrutava na sociedade arcaica nos anos seguintes à morte de Píndaro.<sup>158</sup> Até o séc. III AEC quando, entre outras, a obra deste começaria a sofrer revisão filológica em Alexandria, a lírica não recebeu tratamento exegético algum.<sup>159</sup> Se por um lado a antiguidade supôs colometria (por vezes óbvia) em Píndaro, por outro, a falha na transmissão da tradição deu lugar à invenção de cólons improváveis. E.g.:

*P.Oxy. 75. 5042 (séc. III) Ed. Stephani (1567)*

ἀδελφεὺς τ' ἐπαινῆσο-  
 κομεν[ε]κα[ γῶ ἐσλοῦς, ὅτι  
 γτοϋφεροντι[ ὑψοῦ φέροντι νόμον Θεσσαλῶν  
 αὔζοντες[ αὔζοντες· ἐν δ' ἀγαθοῖσι κείνται  
 πατρῶια[ πατρῶια] κεδναὶ πολί-  
 ων[ων] κυβερνάσεις.

*Ed. Snell-Maehler (1985)*

ἀδελφεοῖσι τ' ἐπαινῆσομεν ἐσλοῖς, ὅτι  
 ὑψοῦ φέροντι νόμον Θεσσαλῶν  
 αὔζοντες· ἐν δ' ἀγαθοῖσι κείται  
 πατρώια κεδ' ναὶ πολίων κυβερνάσεις.

O fragmento de papiro transcrito acima, à esquerda, traz os versos finais da P. 10. Trata-se de uma cópia do séc. III, e mostra três versos cujo início coincide com a dos modernos períodos: γτοϋ, αὔζοντες e πατρῶια, que demonstram a intenção do copista em apresentar uma solução colométrica. O fragmento também concorda com os códices consultados por Stephanus – no centro – para divisão do último fragmento, ων, embora nenhuma divisão seja realizada nas edições modernas.

O interesse do exemplo, no entanto, envolve a divisão do primeiro verso ---⸗---:⸗---, para o qual a discordância colométrica se evidencia não só entre textos antigos e escanções modernas, mas entre os próprios antigos. O verso de Stephanus ---⸗---:⸗--- se divide o período uma sílaba após a cesura do copista do frag-

<sup>158</sup> O gênero epinício deixou de ser encomendado logo após a morte de Píndaro. (RACE: 1997; p. 31).

<sup>159</sup> ARAÚJO, p. 10.

mento de Oxirinco, enquanto Puech  $\text{---}\cup\text{---}\cup\text{---}\text{---}\text{---}\text{---}\cup\text{---}$  cinde o verso uma sílaba antes. Os cólons de Puech são descritos por Itsumi como heptassílabo<sup>160</sup> e coriambo-crético. O mesmo heptassílabo, a retrogradação do glicônio acéfalo, aparece outras duas vezes nesse curto epodo de seis períodos, além de dois glicônios acéfalos; ambos os metros comuns na poesia eólica. Também coriambos e créticos são a base da poesia dátilo-epítrita.

Como duas unidades tão evidentes passaram despercebidas aos ouvidos alexandrinos, senão com a ruptura da tradição mélica? O presente trabalho defende a divisão colométrica dos períodos, e apresenta uma análise da P. 4 que todavia diverge, em alguns pontos, de editores modernos. Onde tais divergências se derem, padrões seriais justificados *in loco* terão mais força que nomes herdados da tradição helenística.

#### ANÁLISE EXPECÍFICA

A ode é composta por cólons dátilo-epítritos (*D/e*),<sup>161</sup> e toda ela pode ser reduzida às simples fórmulas de dátilos e epítritos.<sup>162</sup> O metro dátilo recebe esse nome por comparação às três falanges de um dedo, uma grande seguida de outras duas menores ( $\text{---}\cup\text{---}$ ); considera-se  $\text{---}\cup\text{---}\cup\text{---}$  um cólon datílico.<sup>163</sup> O epítrito toma seu nome da proporção geométrica homônima 4:3, onde 4 é representado pelos tempos de  $\text{---}$ , e 3 é representado por  $\cup\text{---}$ , portanto  $\text{---}\cup\text{---}$ <sup>164</sup> (epítrito iâmbico), ou  $\text{---}\cup\text{---}$  (epítrito troqueu). A combinação desse último com o datílico forma o mais recorrente cólon na obra do poeta tebano: o *verso pindárico*.

<sup>160</sup> Ao qual Gentili nomeia *prosódico*.

<sup>161</sup> *E*, *e*, *D* e *d* são abreviações criadas por Maas (1962,§55), e seguidas por West (1982) e Itsumi (2009).

<sup>162</sup> O metro crético  $\text{---}\cup\text{---}$  pode equivaler a um epítrito *e*, segundo a notação esquemática de Maas na análise dos dátilo-epítritos, o crético recebe a abreviação *e*.

<sup>163</sup> Também chamado hemiepes por equivaler-se à primeira metade de um verso épico cesurado na posição de pentemítere, *i.e.* após a quinta posição longa ( $\text{---}\cup\text{---}\cup\text{---}\text{---}\text{---}\text{---}$ ).

<sup>164</sup> Chama-se epítrito à ocorrência de três sílabas longas e uma breve, não importando a posição em que esta se encontre, desde que interna.

## 7. 1. A ESTROFE

O poema se inicia com um período, estr.1, composto de um pindárico. Segue-se o segundo período com um novo pindárico (estr.2a) acrescido de uma sílaba longa que conduz ao terceiro pindárico (2b). A sílaba entre 2a e 2b funciona como elemento de ligação e, ao mesmo tempo, de suspensão do período. Então o terceiro período também se inicia com um pindárico (3a) também acrescido de uma sílaba vinculatoria. Até então, desconsiderando-se tal sílaba, quatro versos idênticos foram recitados, ou seja, epítritos e dátilos se intercalaram de maneira regular. Mas na continuação desse período, um cólon desestabiliza a regularidade: um epítrito é seguido não por um dátilo, mas por outro epítrito (3b).<sup>165</sup> A resposta é estr.4, um verso pindárico disposto em uma estrutura quiasmática com relação aos pindáricos anteriores, ou seja, o datílico – aumentado em um metro – precede o epítrito. Estes quatro períodos introduzem um tema que será desdobrado no resto da estrofe e no epodo:

estr.1    – ◡ – –    – ◡ – ◡ – ◡ –  
estr.2a    – ◡ – –    – ◡ – ◡ – ◡ – –  
estr.2b    – ◡ – –    – ◡ – ◡ – ◡ –  
estr.3a    – ◡ – –    – ◡ – ◡ – ◡ – –  
estr.3b    – ◡ – –    – ◡ – –  
estr.4    – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ – –    – ◡ – –

As divisões de estr.2 e estr.3 são coincidentes tanto com as divisões anteriores quanto com as posteriores a Boeckh. As anteriores porque pensavam não em períodos, mas em pequenos versos, e as posteriores, normalmente, porque os períodos se estendem além do que suportam as páginas menores que as do grande volume BOECKH: 1811. No entanto, estr.5 e estr.7 são em geral apresentados como períodos simples, e divergem de todos os outros có-

---

<sup>165</sup> A autoridade dessa divisão pode ser atestada no próprio poema: no início da estrofe encontra-se um pindárico que se basta como período, e o último período dessa é formado por apenas dois epítritos.

lons da estrofe, com um ou dois metros<sup>166</sup> no máximo. A respeito da extensão dos cólons, apesar de os códices medievais trazerem-nos com até quatro metros (GENTILI: 1995, p. LXXVI), Hefestíon, gramático do período de Adriano, descreve em *De Poematis* que o cólon propriamente dito é um elemento que não contém mais que dois elementos.<sup>167</sup>

O problema oferecido por estr.5 refere-se à quarta sílaba longa – se ela deve permanecer no primeiro ou no segundo cólon. Se, como nos demais cólons e metros, ela se unisse ao datílico, o segundo cólon seria um verso de dois epítritos, (HERMANN, p. 272; PUECH VOL. 2, p. 67). No entanto, e diferente dos outros cólons epítritos da ode – estr.3a, estr.6a, estr.7a, 8; ep.3a, ep.7b; e ainda estr.7b, todos formados por pares iguais de epítritos –, ao último metro faltaria uma sílaba longa.

Outra solução seria unir a oitava sílaba ao segundo cólon. Ao analisarem-se as odes *não D/e* de Píndaro, ITSUMI: 2009 se refere a movimentos palindrômicos<sup>168</sup> utilizados por Píndaro, e todos os exemplos dados foram pequenas unidades dentro de um único cólon. Ao transpor essa investigação às odes *D/e*, tais movimentos não serão encontrados com

---

<sup>166</sup> Os epítritos são, em geral, pequenos demais para que um desacompanhado forme, por si, um cólon, conforme pode-se transpor à teoria de cólon a prescrição de Itsumi (p. 412) a respeito do verso: “I cannot recognize unconditionally a short sequence like  $|e-|$  or  $|e-|$  as an independent verse.” [Não posso reconhecer discriminadamente uma sequência curta como  $|e-|$  ou  $|e-|$  como verso independente]. Já os datílicos, compostos por dois ou três datílicos, ocasionalmente fazem sozinhos um cólon.

<sup>167</sup> “Στίχος ἐστὶ ποσὸν μέγεθος μέτρου, ὅπερ οὔτε ἔλαττόν ἐστι τριῶν συζυγιῶν οὔτε μείζον τεσσάρων. τὸ δὲ ἔλαττον ὄν τριῶν συζυγιῶν, ἐὰν μὲν πλήρεις ἔχη τὰς συζυγίας, ἀκατάληκτόν ἐστι καὶ καλεῖται κῶλον, ἐὰν δὲ τι ἐλλείπη, κόμμα.” [Verso é uma determinada grandeza do metro que não integra nem menos de três nem mais de quatro unidades (sizíguas). Tendo menos de três, se suas unidades forem suficientes, ele é completo e se chama *cólon*; mas se a ela faltar algo, chama-se *coma*.] (CONSRUCH, p. 62)

<sup>168</sup> O palíndromo, ou frase cuja retrogradação não implica em mudança (*i.e.* o inverso é ele próprio o anverso), é uma observância da simetria na arte coral, assim como o quiasma entre estr.1 e estr.4. “Perhaps the palindrome was not only audible but visible, if the dance steps went, as it were, in reversed”. [Talvez o palíndromo fosse não só audível como visível, se os passos da dança fossem, como ele, ao reverso] (ITSUMI, p. 79).

facilidade em um só cólon como em odes eólicas,<sup>169</sup> já que nas odes *não D/e* as combinações são mais livres e muitos metros são retrogradações de outros, tais como o glicônio e o ferecrácio que, juntos, formam o primeiro verso do *corpus*.<sup>170</sup>

Em um comentário à O. 12, *D/e*,<sup>171</sup> SILK: 2007 chega a propor que uma série rítmica retrogradada no referido poema deva-se a um recurso estilístico de se imitar o movimento de inversões da Fortuna – tema do epinício.<sup>172</sup> Nessa análise, o procedimento composicional pindárico teria se servido da retrogradação de um período inteiro, à diferença das retrogradações internas de um cólon, citada por ITSUMI. Dilatando esse método de análise, encontra-se na Pítica 4 pelo qual grandes blocos-palíndromo são construídos.

Um desses blocos é formado pelos períodos 5 e 6. O sexto apresenta uma estrutura simples de dois cólons: um formado por dois epítritos (estr.6a) e um datílico<sup>173</sup> (estr.6b). O período anterior é uma retrogradação antecipada: um datílico (estr.5a) e dois epítritos espelhados (estr.5b). A independência colométrica do datílico estr.5a é embasada em ep.2a que, acrescido de uma sílaba de ligação, opõe-se a um pindárico (ep.2b). Além disso, mesmo as edições modernas costumam dividir o sexto período destacando o cólon datílico aumentado (estr.6b), datílico que, como se acabou de analisar, equivale ao datílico do período anterior. Portanto:

estr.5a    — ◡ — ◡ —  
 estr.5b    — — ◡ —    — — ◡ —  
 estr.6a    — ◡ — —    — ◡ — —  
 estr.6b    — ◡ — ◡ — ◡ — ◡ —

Os dois seguintes formam uma cadência que insiste em epítritos. Estr.7a e estr.8, am-

<sup>169</sup> Malgrado o ep.2 da P. 4 seja um período palindrômico.

<sup>170</sup> Ἄριστον μὲν ὕδωρ, ὁ δὲ χρυσὸς αἰθόμενον πῦρ — — ◡ — ◡ — — ◡ — ◡ — — (O. 1, estr.1).

<sup>171</sup> Ver texto e tradução no apêndice do presente trabalho, 8. 5.

<sup>172</sup> In HORNBLLOWER - MOGAN (p. 179).

<sup>173</sup> Aqui formado por três metros dátilos.

bos cólons epítritos regulares, são separados por um cólon de epítritos degenerados em créticos (estr.7b).

estr.7a    —◡— —◡—  
 estr.7b    —◡— —◡—  
 estr.8     —◡— —◡—

## COROLÁRIO ORQUESOGRÁFICO

Πίνδαρος τὸν Ἀπόλλωνα ὀρχηστὴν καλεῖ<sup>174</sup>

O penúltimo cólon – encadeamento final da estrofe – devia se mostrar na dança com maior agilidade do que os demais cólons epítritos da ode, sempre maiores. Ao longo do poema, o autor altera 6 vezes o modelo rítmico apresentado na construção da ode, ao expor sílaba breve onde se espera uma longa.<sup>175</sup> Cinco dessas sílabas estão em metros epítritos, e a sílaba alternante é sempre a longa que se ajunta ao núcleo crético.<sup>176</sup> Em não havendo aumento métrico dessas breves, pode-se supor que a coreografia se concentrasse nesse núcleo, e que a sílaba restante funcionasse como respiração ou preparação para o movimento do metro adjacente. O plano rítmico da estrofe nessa ode se perfaz 26 vezes. Por um lado diminuir o tempo para a execução de um movimento em uma única dessas realizações seria desastroso. Por outro lado, estr.7b parece mostrar que, nos epítritos, o tempo da sílaba longa acrescida ao crético é, para a dança, não só irrelevante, como desnecessário.

### 7. 2. O EPODO

Assim como a estrofe, o epodo se inicia com um pindárico, ep.1a. Ep.1b traz dois epítritos invertidos, iguais aos de estr.5b. E tal como este, aquele parece guardar com outro período a relação de inversão: ep.3a se forma com dois epítritos regulares, se-

<sup>174</sup> *Píndaro nomeia Apolo* dançarino. (Ateneu, Banquete dos Sofistas 1.40.5).

<sup>175</sup> O local dessas variantes rítmicas é oferecido no fim do presente capítulo.

<sup>176</sup> Ou seja, a sílaba de ligação. O quinto caso refere-se, também, a uma sílaba de ligação entre um datílico e um epítrito.



de sua relação com o ep.6, mas também o cólon restante, ep.4b é um datílico precedido por uma base longa. Se bem que seja primeira ocorrência desse metro na ode, a possibilidade de defini-lo como tal é atestada pelo período seguinte, ep.5, que se inicia com um datílico longo com a mesma base. Essa base o diferencia de estr.4, cólon que em tudo o mais lhe é análogo. Cercada por ep.4a e ep.6, encontra-se uma coesa seção ep.4b e ep.5 que, através de uma sucessão de datílicos, reproduz a velocidade de um verso homérico, já próximo ao fim da tríade.

ep.4a -○○- --○- --○-  
 ep.4b ---○○○-  
 ep.5---○○-○○-○○--- ○---  
 ep.6-○--- -○--- -○○-

O pindárico é pela última vez apresentado no poema, ep.7a, e seguem-no pela mesma cláusula com que encerra a estrofe, os dois epítritos de ep.7b, encerrando o epodo.

ep.7a -○--- -○○-○○-  
 ep.7b -○--- -○---

---

mente de estr.5 e ep.1 (e indiretamente de ep.5, em oposição a Puech que reconhece nesse período – sem equivalente retrógrado – o epítrito iâmbico seguido de longa).

### 6. 3. SÚMULA MÉTRICA

A escolha do metro dátilo-epítrito para nessa ode pode sugerir certa convergência poética em direção ao hexâmetro datílico – poesia heroica mais difundida na época de Píndaro. Afinal, a recorrência de dátilos remeteria o ouvinte à poesia homérica e tornaria o tema mais adequado ao público, mais do que os metros de tendência iâmbica encontrados em outra classe de odes.

Mas quando a P. 4 é comparada a outras dátilo-epítritas, o critério de *tendência épica* não mais parece determinante na estruturação estrófica. Escrita doze anos antes, a P. 12 possui uma proporção muito maior de dátilos em relação aos epítritos do que a P. 4, e a O. 8, escrita dois anos depois, apresenta cadeias ininterruptas de dátilos. Os epítritos dessa ode são utilizados de maneira decisiva tanto em inícios quanto em finais de versos e blocos, e assume o papel arrematador do iambo catalético  $\sim\text{---}$  que sugere fortemente o encerramento de um verso ou seção.<sup>178</sup>

A estrofe pode ser sensorialmente dividida em três partes. A primeira é uma exposição de quatro cólons repetindo o mesmo tema (epítrito + dátilo), interrompida pelo material novo (epítrito + epítrito), elemento que provoca a inversão do material temático (dátilo + epítrito). A segunda parte é uma variação sobre o tema rítmico; ecoa a ordem do cólon anterior, mas com a repetição de epítritos do penúltimo (dátilo + epítrito + epítrito), e realiza sua retrogradação. A terceira parte, como uma *coda*, apresenta insistentes epítritos.

O epodo começa com o tema inicial (epítrito + dátilo), mas logo o desenvolve em séries de combinações e retrogradações mais complicadas. Por fim, Píndaro apresenta novamente o cólon inicial (epítrito + dátilo), e encerra a tríade com o cólon de arremate (epítrito + epítrito).

---

<sup>178</sup> A utilização que Píndaro faz dos dátilo-epítritos pode ser comparada aos versos da estância sáfica  $\sim\text{---}$   $\sim\text{---}$   $\sim\text{---}$  porém com a seção central dilatada. Em seus epínícios *D/e*, Baquilides encerra 18 das 19 estrofes e epodos com epítritos.

ESTROFE

|   |   |                              |
|---|---|------------------------------|
| 1 | -- -- -- -- -- x                                  | <i>e-D</i>                   |
| 2 | -- -- -- -- -- : :<br>-- -- -- -- -- x            | <i>e-D : :</i><br><i>e-D</i> |
| 3 | -- -- -- -- --<br>-- -- <sup>118</sup> -- -- x    | <i>e-D-</i><br><i>e ≃ e-</i> |
| 4 | -- -- -- -- -- <sup>4</sup> -- -- x               | <i>D+ ≃ e-</i>               |
| 5 | -- -- -- -- --<br>-- -- <sup>5</sup> -- -- x      | <i>D</i><br><i>-e ≃ e</i>    |
| 6 | -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x                | <i>e-e-</i><br><i>D+</i>     |
| 7 | -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x                | <i>e-e-</i><br><i>ee</i>     |
| 8 | <sup>31; 54; 108</sup> -- -- <sup>8</sup> -- -- x | <i>e ≃ e-</i>                |

EPODO

|   |  |                              |
|---|--|------------------------------|
| 1 | -- -- -- -- -- :<br>-- -- -- -- -- x                   | <i>e-D :</i><br><i>-e-e</i>  |
| 2 | -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x                     | <i>D-</i><br><i>e-D</i>      |
| 3 | -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x                     | <i>e-e-</i><br><i>D</i>      |
| 4 | -- -- -- : -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x          | <i>d : -e-e</i><br><i>-D</i> |
| 5 | -- -- -- -- -- -- -- -- -- <sup>90</sup>               | <i>-D+ -e ≃  </i>            |
| 6 | -- -- -- -- -- -- -- -- -- x                           | <i>e-e-d</i>                 |
| 7 | -- -- <sup>23</sup> -- -- -- -- --<br>-- -- -- -- -- x | <i>e ≃ D</i><br><i>e-e-</i>  |



Utilizou-se o texto da oitava edição de SNELL e MAEHLER da Bibliotheca Teubneriana, com algumas lições de BRASWELL.

Os nomes próprios cirenaicos mantêm a sonoridade dórica do texto, *e.g.* *Arcesilas* ao invés de *Arcesilau*. Os demais nomes seguem as formas preconizadas.

- στρ. α' Σάμερον μὲν χρή σε παρ' ἀνδρὶ φίλωι  
 στᾶμεν, εὐίππου βασιλῆι Κυράνας,  
 ὄφρα κωμάζοντι σὺν Ἄρκεσίλαι,  
 3 Μοῖσα, Λατοΐδαισιν ὀφειλόμενον Πυ-  
 θῶνι τ' αὐξῆς οὔρον ὕμνων,  
 ἔνθα ποτὲ χρυσέων Διὸς αἰετῶν πάρεδρος  
 5 οὐκ ἀποδάμοῦ Ἄπολ-  
 λωνος τυχόντος ἰέρα  
 6 χρῆσεν οἰκιστῆρα Βάττον 10  
 καρποφόρου Λιβύας, ἱεράν  
 νᾶσον ὡς ἤδη λιπῶν κτίς-  
 σειεν εὐάρματον  
 \_\_\_\_\_ πόλιν ἐν ἀργεννῶεντι μαστῶι,  
 ἀντ. α' καὶ τὸ Μηδείας ἔπος ἀγκομίσαι  
 10 ἔβδόμαι καὶ σὺν δεκάται γενεαῖ Θή-  
 ραιον, Αἰήτα τό ποτε ζαμενῆς  
 3 παῖς ἀπέπνευσ' ἀθανάτου στόματος, δές-  
 ποινα Κόλχων. εἶπε δ' οὕτως  
 ἡμιθέοισιν Ἰάσονος αἰχματᾶο ναύταις· 20  
 «Κέκλυτε, παῖδες ὑπερ-  
 θύμων τε φωτῶν καὶ θεῶν·  
 6 φαμί γὰρ τᾶσδ' ἐξ ἀλιπλά-  
 κτου ποτὲ γᾶς Ἐπάφοιο κόραν  
 15 ἀστέων ρίζαν φυτεύσες-  
 θαι μελησιμβρότων  
 \_\_\_\_\_ Διὸς ἐν Ἄμμωνος θεμέθλοις.  
 ἐπ. α' ἀντὶ δελφίνων δ' ἐλαχυπτερύγων  
 ἵππους ἀμείψαντες θοάς, 30  
 ἀνία τ' ἀντ' ἐρετμῶν δί-  
 φρους τε νωμάσοισιν ἀελλόποδας.  
 3 κείνος ὄρνις ἐκτελευτά-  
 σει μεγαλᾶν πολίων  
 20 ματρόπολιν Θήραν γενέσθαι, τόν ποτε  
 Τριτωνίδος ἐν προχοαῖς  
 λίμνας θεῶι ἀνέρι φειδομένωι γαῖαν διδόντι  
 6 ξείνια πρωίραθεν Εὐφάμος καταβαίς  
 δέξατ' – αἰσίαν δ' ἐπὶ φοί Κρονίων 40  
 Ζεὺς πατὴρ ἔκλαγξε βροντάν – ,

Neste dia, mente divina, deves manter-te  
 lado a lado ao rei amado da Cirene  
 de céleres corcéis, enquanto Arcesilas celebra,  
 afim de insuflar brisa de cantares,  
 aos filhos de Leto e à Piton devida!  
 Em idos tempos, entronada  
 entre as águias douradas de Zeus,  
 5 a pitonisa predisse  
 – quando Apolo não se apartava –  
 que Bato, o colonizador da Líbia  
 frutuosa, êxul da sagrada ilha,  
 fundaria a cidade de velozes carros  
 sobre os seios cintilantes;  
 que avante dez mais sete gerações,  
 10 o vaticínio dado em Tera por Medeia,  
 enérgica filha de Eetes, senhora dos Colcos  
 com lábios imortais, cumprir-se-ia.  
 Disse ela aos marinheiros semideuses,  
 tripulação do herói Jasão:  
 “Escutai, filhos de mortais magnânimos e deuses:  
 deixando esta terra  
 batida por vagas marinhas,  
 a filha de Epafo plantará  
 15 um dia a raiz de cidade  
 – paraíso dos mortais –  
 no domo de Zeus-Ammon.  
 Delfins de breves barbatanas  
 darão lugar a éguas ligeiras;  
 não mais remos, mas rédeas  
 regerão carros de pés tempestuosos;  
 Tera, segundo augúrio,  
 20 será metrópole de megalópoles.  
 No promontório do palustre lago Tritônis,  
 um deus símile a um homem  
 por hospitalidade oferecia terra  
 que Eufemo, alçando-se da proa, recebeu.  
 No instante Zeus Crônio,  
 atroou auspicioso trovão,

- στρ. β' ἀνὶκ' ἄγκυραν ποτὶ χαλκόγενυν  
 25 ναῖ κριμνάντων ἐπέτοσσε, θαῶς Ἀρ-  
 γοῦς χαλινόν· δώδεκα δὲ πρότερον  
 3 ἀμέρας ἐξ Ὀκεανοῦ φέρομεν νώ-  
 των ὕπερ γαίας ἐρήμων  
 ἐννάλιον δόρυ, μήδεσιν ἀνσπᾶσαντες ἀμοῖς.  
 τουτάκι δ' οἰοπόλος  
 δαίμων ἐπήλθεν, φαιδίμαν 50  
 6 ἀνδρὸς αἰδοίου πρόσοψιν  
 θηκάμενος· φιλίων δ' ἐπέων  
 30 ἄρχετο, ξείνοις ἅ τ' ἐλθόν-  
 τεσσιν εὐεργέται  
 δεῖπν' ἐπαγγέλλοντι πρῶτον.  
 ἀντ. β' ἀλλὰ γὰρ νόστου πρόφασις γλυκεροῦ  
 κώλυεν μεῖναι. φάτο δ' Εὐρύπυλος Γαι-  
 αόχου παῖς ἀφθίτου Ἐννοσίδα  
 3 ἔμμεναι· γίνωσκε δ' ἐπειγομένους· ἄν  
 δ' εὐθύς ἀρπάξαις ἀρούρας 60  
 35 δεξιτεραῖ προτυχὸν ξένιον μάστευσε δοῦναι,  
 οὐδ' ἀπίθησέ ἱν, ἀλλ'  
 ἦρωσ ἐπ' ἀκταῖσιν θορών,  
 6 χειρὶ φοί χειρ' ἀντερείσαις  
 δέξατο βῶλακα δαιμονίαν.  
 πεύθομαι δ' αὐτὰν κατακλυ-  
 σθεῖσαν ἐκ δούρατος  
 ἐναλίαν βᾶμεν σὺν ἄλμαι  
 ἐπ. β' ἐσπέρας ὑγρῶι πελάγει σπομέναν. 70  
 ἧ μάν νιν ὤτρυνον θαμά  
 41 λυσιπόνοις θεραπόντες-  
 σιν φυλάξαι· τῶν δ' ἐλάθοντο φρένες  
 3 καί νυν ἐν ταῖδ' ἀφθιτον νά-  
 σωι κέχυται Λιβύας  
 εὐρυχόρου σπέρμα πρὶν ὥρας. εἰ γὰρ οἴ-  
 κοι νιν βάλε παρ χθόνιον  
 Ἄϊδα στόμα, Ταίναρον εἰς ἱεράν Εὐφάμος ἐλθών,  
 45 6 υἱὸς ἰπάρχου Ποσειδάωνος ἄναξ, 80  
 τόν ποτ' Εὐρώπα Τιτυοῦ θυγάτηρ  
 τίκτε Καφισοῦ παρ' ὄχθαις,

enquanto a âncora de brônzeos esporões  
25 pendia, freio do veloz navio Argo.  
Antes, fora do Oceano,  
por doze dias carregáramos  
seu salsuginoso lenho  
sobre os desertos dorsos da terra –  
conforme eu prescrevi.  
Aquele deus se apresentou sozinho,  
semblante radioso de homem nobre.  
Deu início a palavras de amizade  
30 com as quais os generosos  
convidam ao banquete os estrangeiros.  
Mas, doce, o regresso pretendido  
nos movia a não ficar;  
ele disse ser Eurípilo,  
rebento do sismo imorredouro, o Tremor.  
A premência pressentia:  
precípite em pegar do solo  
35 um torrão com a destra,  
improvisou oferta de hospitalidade.  
Escrupuloso, o herói desembarcou  
– firmaram-se as mãos –  
e aceitou a numinosa oferta.  
Mas penso que do bordo  
transverteu-se ao salso mar  
crepuscular,  
revolteando entre a salsugem  
40 rumo ao fundo.  
Ah, o quanto instei vigília  
aos resolutos servos!  
Descuidaram suas mentes...  
Assim deitou-se, antes do tempo,  
o eterno sêmen da ampla Líbia nesta ilha.  
Lançasse-o Eufemo  
45 (filho do senhor de cavalos Posídon,  
e a quem, às margens do Cefiso,  
Europa filha de Tício pariu)  
no portal do Hades, ao chegar

- στρ. γ' τετράτων παίδων κ' ἐπιγεινομένων  
αἷμά φοί κείναν λάβε σὺν Δαναοῖς εὐ-  
ρεῖαν ἄπειρον. τότε γὰρ μεγάλας  
3 ἐξανίστανται Λακεδαίμονος Ἀργεί-  
ου τε κόλπου καὶ Μυκηναῖν.
- 50 νῦν γε μὲν ἄλλοδαπᾶν κριτὸν εὐρήσει γυναικῶν  
ἐν λέχεσιν γένος, οἷ 90  
κεν τάνδε σὺν τιμαῖ θεῶν
- 6 νᾶσον ἐλθόντες τέκωνται  
φῶτα κελαινεφένων πεδίω  
δεσπότην· τὸν μὲν πολυχρύ-  
σωι ποτ' ἐν δώματι  
Φοῖβος ἀμνάσει θέμισσιν
- ἀντ. γ' Πύθιον ναὸν καταβάντα χρόνῳ  
56 ὑστέρωι, νάεσσι πολεῖς ἀγαγὲν Νεί-  
λοιο πρὸς πῖον τέμενος Κρονίδα.»  
3 ἧ ῥα Μηδείας ἐπέων στίχες. ἑπτα- 100  
ξαν δ' ἀκίνητοι σιωπαῖ  
ἦροες ἀντίθεοι πυκινὰν μῆτιν κλύοντες.  
ὦ μάκαρ υἱὲ Πολυ-  
μνάστου, σὲ δ' ἐν τούτῳ λόγῳ
- 60 6 χρησμὸς ὤρθωσεν μελίσσας  
Δελφίδος αὐτομάτῳι κελάδῳι·  
ἄ σε χαίρειν ἐστρίς αὐδά-  
σαισα πεπρωμένον  
βασιλέ' ἄμφανεσιν Κυράναι, 110
- ἐπ. γ' δυσθρόου φωνᾶς ἀνακρινόμενον  
ποινα τίς ἔσται πρὸς θεῶν.  
ἧ μάλα δὴ μετὰ καὶ νῦν,  
ὥτε φοινικανθέμου ἦρος ἀκμαῖ,
- 65 3 παισὶ τούτοις ὄγδοον θάλ-  
λει μέρος Ἀρκεσίλας·  
τωῖ μὲν Ἀπόλλων ἄ τε Πυθῶ κῦδος ἐξ  
ἀμφικτιόνων ἔπορεν  
ἵπποδρομίας. ἀπὸ δ' αὐτὸν ἐγὼ Μοῖσαισι δώσω 120  
6 καὶ τὸ πάγχρυσον νάκος κριοῦ· μετὰ γάρ  
κεῖνο πλευσάντων Μινυᾶν, θεόπομ-  
ποῖ σφισιν τιμαῖ φύτευθεν.

em Ténaro sagrada, e seu sangue,  
 seu trineto, ocuparia  
 com os dânaos o infindo continente:  
 erguem-se da Lacedemônia magna,  
 Golfo argivo e de Micenas.

50 Agora, em leito duma alóctone,  
 terá uma cepa seleta,  
 a qual por vontade dos deuses,  
 vinda a esta ilha  
 engendrará o homem  
 senhor de plainos nigronebulosos.  
 Um dia, em sua tão dourada moradia,  
 Febo irá lembrar-se num oráculo

55 – quando devier, pisando o templo em Delfos –  
 de muitos aduzir em naus,  
 no caudaloso Nilo,  
 ao templo do Crônio.”  
 Esta a sentença de Medeia.  
 Atônitos, os divinais heróis ouviram  
 a abstrusa argúcia imóveis, mudos.  
 Ó abençoado filho de Polinasto,  
 com espontâneo canto,

60 orientou-te nestes termos  
 o oráculo da abelha délfica  
 enaltecendo-te três vezes;  
 e proclamou-te rei de Cirene,  
 quando requestada por cura divina  
 para tua afasia!  
 Depois de tanto, agora

65 tal como a floração carmim da primavera,  
 Arcesilas floresce, oitava geração.  
 A ele Apolo e Piton deram glória  
 entre os contíguos, pela quadriga.  
 Eu o restituirei com mente divina,  
 e o velo multiáureo do carneiro.  
 Ao velocino os Mínios navegaram,  
 e as honras concedidas pelos deuses  
 foram-lhes frutíferas.

- στρ. δ' τίς γὰρ ἀρχὰ δέξατο ναυτιλίας,  
 71 τίς δὲ κίνδυνος κρατεροῖς ἀδάμαντος  
     δῆσεν ἄλοις; θέσφατον ἦν Πελίαν  
 3 ἐξ ἀγαυῶν Αἰολιδᾶν θανέμεν χεί-  
     ρεσσιν ἢ βουλαῖς ἀκνάμπτοις.  
 ἦλθε δὲ φοῖ κρυόεν πυκινωῖ μάντευμα θυμῶι,  
 πὰρ μέσον ὀμφαλὸν εὐ- 130  
     δένδροιο ῥηθὲν ματέρος
- 75 6 τὸν μονοκρήπιδα πάντως  
     ἐν φυλακαῖ σχεθέμεν μεγάλαι,  
 εὗτ' ἂν αἰπεινῶν ἀπὸ στα-  
     θμῶν ἐς εὐδείελον
- χθόνα μόλη κλειτᾶς Ἰαολκοῦ,  
 ἀντ. δ' ξείνος αἴτ' ὦν ἀστός. ὁ δ' ἦρα χρόνῳ  
 ἵκετ' αἰχμαῖσιν διδύμαισιν ἀνήρ ἕκ-  
     παγλος· ἐσθὰς δ' ἀμφοτέρα νιν ἔχεν, 140
- 80 3 ἄ τε Μαγνήτων ἐπιχώριος ἀρμό-  
     ζοισα θαητοῖσι γυίοις,  
 ἀμφὶ δὲ παρδαλέαι στέγετο φρίσσοντας ὄμβρους·  
 οὐδὲ κομᾶν πλόκαμοι  
     κερθέντες ωῖχοντ' ἀγλαοί,  
 6 ἀλλ' ἅπαν νῶτον καταίθυσ-  
     σον. τάχα δ' εὐθύς ἰὼν σφετέρας  
 ἐστάθη γνώμας ἀταρβά-  
     κτοιο πειρώμενος 150
- 85 ἐν ἀγοραῖ πλήθοντος ὄχλου.  
 ἐπ. δ' τὸν μὲν οὐ γίνωσκον· ὀπιζομένων  
     δ' ἔμπας τις εἶπεν καὶ τόδε·  
 «Οὐ τί ποῦ οὗτος Ἀπόλλων,  
     οὐδὲ μὰν χαλκάρματός ἐστι πόσις  
 3 Ἄφροδίτας· ἐν δὲ Νάξῳ  
     φαντὶ θανεῖν λιπαραῖ  
 Ἴφιμεδείας παῖδας, Ἵπτον καὶ σέ, τολ-  
     μαίεις Ἐπιάλτα φᾶναξ.
- 90 καὶ μὰν Τιτυὸν βέλος Ἀρτέμιδος θήρευσε κραιπνόν, 160  
 6 ἐξ ἀνικάτου φαρέτρας ὀρνύμενον,  
 ὄφρα τις τᾶν ἐν δυνατωῖ φιλοτά-  
     των ἐπιψαύειν ἔραται.»

Qual o início da navegação?  
Que perigo os constrangeu com cravos adamânteos?  
Segundo o prenúncio, Pélias morreria  
pelas mãos ou pela inflexível lábia eólida.  
Veio o gélido presságio à alma tépida  
pelo meio onfálico da terra  
mãe nutriz de belos bosques:  
frente ao ser de um só calçado, caução máxima,  
se ádvena dos píncaros chegasse à luminosa, ilustre Iolco –

forâneo ou conterrâneo. Ele, passado o tempo,  
com duas lanças iguais veio – homem assombroso.  
Vestia dupla indumentária:  
o traje dos magnésios  
aos miríficos membros se amoldava,  
e a pele leoparda as guarnecia  
contra o clima rigoroso.  
Não aparara os gráceis cachos –  
o torso inteiro eles toldavam.  
Foi direto ao ponto:  
pondo à prova seu saber intrépido,  
estabeleceu-se na ágora, em meio à multidão.

Não o sabiam. Entre os reverentes, um arrisca:  
“Não seria Apolo,  
nem o esposo de Afrodite em carro brônzeo.  
Consta que morreram na esplendente Naxo  
os Ifimédias Oto e tu,  
Efialtes, soberano audaz.  
E a Tício, Artemis alvejou  
com fugidia flecha de sua invicta fáretra –  
que se persiga amor possível!”

|         |  |     |
|---------|--|-----|
| στρ. ε' | τοὶ μὲν ἀλλάλοισιν ἀμειβόμενοι<br>γάρυρον τοιαῦτ'· ἀνὰ δ' ἡμίονοις ξε-<br>σταῖ τ' ἀπήναι προτροπάδαν Πελίας  |     |
| 95 3    | ἴκετο σπεύδων· τάφε δ' αὐτίκα παπτά-<br>ναις ἀρίγνωτον πέδιλον<br>δεξιτερῶι μόνον ἀμφὶ ποδί. κλέπτων δὲ θυμῶι  | 170 |
|         | δεῖμα προσηνεπε· «Ποί-<br>αν γαῖαν, ὦ ξεῖν', εὐχαι<br>6 πατρίδ' ἔμμεν; καὶ τίς ἀνθρώ-<br>πων σε χαμαιγενέων πολιᾶς<br>ἐξανῆκεν γαστρός; ἐχθί-<br>στοισι μὴ ψεύδεσιν<br>100 καταμιάναις εἰπὲ γένναν.» |     |
| ἀντ. ε' | τὸν δὲ θαρσῆσαις ἀγανοῖσι λόγοις<br>ᾧδ' ἀμείφθη· «Φαμί διδασκαλίαν Χί-<br>ρωνος οἴσειν. ἀντρόθε γὰρ νέομαι   | 180 |
| 3       | πὰρ Χαρικλοῦς καὶ Φιλύρας, ἵνα Κενταύ-<br>ρου με κοῦραι θρέψαν ἀγναί.<br>εἵκοσι δ' ἐκτελέσαις ἐνιαυτοὺς οὔτε ἔργον   |     |
| 105     | οὔτ' ἔπος ἐκτράπελον<br>κείνοισιν εἰπὼν ἰκόμαν<br>6 οἴκαδ', ἀρχαίαν κομίζων<br>πατρὸς ἐμοῦ, βασιλευομέναν<br>οὐ κατ' αἶσαν, τάν ποτε Ζεὺς  | 190 |
|         | ᾧπασεν λαγέται<br>Αἰόλωι καὶ παισὶ τιμάν.<br>ἐπ. ε'  |     |
|         | πεύθομαι γὰρ νιν Πελίαν ἄθεμιν<br>λευκαῖς πιθήσαντα φρασίν   |     |
| 110     | ἀμετέρων ἀποσυλᾶ-<br>σαι βιαίως ἀρχεδικᾶν τοκέων·<br>3 τοί μ', ἐπεὶ πάμπρωτον εἶδον<br>φέγγος, ὑπερφιάλου<br>ἀγεμόνος δείσαντες ὕβριν, κᾶδος ὡσ-<br>εἴτε φθιμένου δνοφερόν                           | 200 |
|         | ἐν δώμασι θηκάμενοι μίγα κωκυτῶι γυναικῶν,<br>6 κρύβδα πέμπον σπαργάνοις ἐν πορφυρέοις,<br>115 νυκτὶ κοινάσαντες ὁδόν, Κρονίδαί<br>δὲ τράφεν Χίρωνι δῶκαν.   |     |

Deste modo se alternavam.  
Em um carro jungido de mulas,  
Pélias adiantou-se, e aturdido  
viu a única sandália, a direita; era evidente.  
Amordaçou o medo, e antecipando:  
“Estranho, qual tua terra?  
Que ventre terrenal da velha humanidade te pariu?  
não tinge tua estirpe com mentira torpe!”

Audaz e brando, assim responde:  
“Trago a técnica de Quíron;  
pois venho do antro de Cáriclo e Filira,  
e as sagradas filhas do centauro me nutriram.  
Vinte anos completei  
sem vilipêndio ou vitupério a eles.  
Torno à casa a fim de restaurar  
o antigo trono do meu pai – por ora injustiçado –  
por Zeus outorgado outrora a Eolo,  
condutor, e à sua estirpe.

Sei que, injusto, Pélias apreendeu à força  
– oco, o coração –  
o arcaico encargo dos ancestres nossos.  
Assim que nasci,  
frente à afronta violenta desse líder,  
forjaram um luto lúgubre no paço e feminino frenesi,  
meus pais; mas purpúreos panos me envolviam:  
enviaram-me, na estrada à noite,  
aos cuidados do cronida Quíron.

- στρ. Ϛ´ ἀλλὰ τούτων μὲν κεφάλαια λόγων  
 ἴστε. λευκίππων δὲ δόμους πατέρων, κε-  
 δνοὶ πολῖται, φράσσατέ μοι σαφέως·
- 3 Αἴσονος γὰρ παῖς ἐπιχώριος οὐ ξεί-  
 ναν ἰκάνω γαῖαν ἄλλων. 210
- φήρ δὲ με θεῖος Ἴάσωνα κικληίσκων προσαύδα.»
- 120 ὥς φάτο· τὸν μὲν ἐσελ-  
 θόντ' ἔγνον ὀφθαλμοὶ πατρὸς·
- 6 ἐκ δ' ἄρ' αὐτοῦ πομφόλυξαν  
 δάκρυα γηραλέων γλεφάρων,  
 ἂν περὶ ψυχὰν ἐπεὶ γά-  
 θησεν, ἐξαίρετον
- \_\_\_\_\_ γόνον ἰδὼν κάλλιστον ἀνδρῶν.
- ἀντ. Ϛ´ καὶ κασίγνητοὶ σφισιν ἀμφότεροι 220
- 125 ἤλυθον κείνου γε κατὰ κλέος· ἐγγὺς  
 μὲν Φέρης κράναν Ὑπερηΐδα λιπῶν,
- 3 ἐκ δὲ Μεσσάνας Ἀμυθάν· ταχέως δ' Ἄ-  
 δματος ἴκεν καὶ Μέλαμπος  
 εὐμενέοντες ἀνεψιόν· ἐν δαιτὸς δὲ μοίραι  
 μελιχίοισι λόγοις  
 αὐτοὺς Ἴάσων δέγμενος
- 6 ξεῖνι' ἀρμόζοντα τεύχων  
 πᾶσαν ἐυφροσύναν τάνυεν 230
- 130 ἀθρόαις πέντε δραπῶν νύ-  
 κτεσσιν ἔν θ' ἀμέραις  
 \_\_\_\_\_ ἱερὸν εὐζοίας ἄωτον.
- ἐπ. Ϛ´ ἀλλ' ἐν ἔκται πάντα λόγον θέμενος  
 σπουδαῖον ἐξ ἀρχᾶς ἀνήρ  
 συγγενέσιν παρεκοινᾶθ'·  
 οἱ δ' ἐπέσποντ'· αἶψα δ' ἀπὸ κλισιᾶν
- 3 ὤρτο σὺν κείνοισι· καὶ ῥ' ἦλ-  
 θον Πελία μέγαρον·
- 135 ἐσσύμενοι δ' εἶσω κατέσταν· τῶν δ' ἀκού- 240  
 σαις αὐτὸς ὑπαντίασεν  
 Τυροῦς ἐρασιπλοκάμου γενεά· πραῦν δ' Ἴάσων
- 6 μαλθακαῖ φωναῖ ποτιστάζων ὄαρον  
 βάλλετο κρηπίδα σοφῶν ἐπέων·  
 «Παῖ Ποσειδάνος Πετράϊου,

Aclarai-vos sobre o cerne destes termos,  
bravos homens. O palácio de alvas éguas  
indica com precisão.  
Filho de Éson, não cheguei como estrangeiro.  
a fera divinal chamava-me *Jasão*”. Falou.  
Ao entrar, reconheceram-no as retinas de seu pai,  
e a vetusta vista se turvou;  
a alma enalteceu-se frente ao filho,  
convertido no mais belo dos mortais.

Seus irmãos se congregaram,  
graças aos rumores de sua glória:  
Feres, da não longe fonte Hipérida  
e Amitáon, de Messena. Admeto  
e Melampo pronto se juntaram,  
zelosos quanto ao primo.  
No festim, Jasão os recebeu com doces termos.  
Hospitaleiro, ofereceu divertimentos sem igual  
colhendo em cinco dias, cinco noites,  
a excelsa flor da vida plena.

No sexto dia, do princípio,  
seriamente o herói expôs o plano todo,  
aos seus parentes  
Consentiram. Levantou-se estimulado  
por aqueles, indo ao palácio de Pélias.  
O filho de Tiro – a de tranças atraentes –  
contrapôs-se. O herói, pacífico,  
lançou os alicerces de solerte explanação:  
“Progênie de Posídon Pétreo,

- στρ. ζ' ἐντὶ μὲν θνατῶν φρένες ὠκύτεραι  
 140 κέρδος αἰνήσαι πρὸ δίκας δόλιον τρα-  
 χεῖαν ἐρπόντων πρὸς ἐπιβδαν ὄμως  
 3 ἀλλ' ἐμὲ χρῆ καὶ σὲ θεμισσαμένους ὀρ- 250  
 γὰς ὑφαίνειν λοιπὸν ὄλβον.  
 εἰδότι τοι φέρέω· μία βοῦς Κρηθεὶ τε μάτηρ  
 καὶ θρασυμήδεϊ Σαλμω-  
 νεῖ· τρίταισιν δ' ἐν γοναῖς  
 6 ἄμμες αὖ κείνων φυτευθέν-  
 τες σθένος ἀελίου χρύσειον  
 145 λεύσσομεν. Μοῖραι δ' ἀφίσταιντ',  
 εἴ τις ἔχθρα πέλει  
 ——— ὁμογόνους αἰδῶ καλύψαι. 260  
 ἀντ. ζ' οὐ πρέπει νωτῖν χαλκοτόροις ξίφεσιν  
 οὐδ' ἀκόντεσσιν μεγάλην προγόνων τι-  
 μὰν δάσασθαι. μῆλά τε γάρ τοι ἐγώ  
 3 καὶ βοῶν ξανθὰς ἀγέλας ἀφήμ' ἀ-  
 γρούς τε πάντας, τοὺς ἀπούρας  
 150 ἀμετέρων τοκέων νέμει πλοῦτον πῖαίνων·  
 κοῦ με πονεῖ τεδὸν οἴ-  
 κον ταῦτα πορσύνοντ' ἄγαν·  
 6 ἀλλὰ καὶ σκάπτων μόναρχον 270  
 καὶ θρόνος, ὡς ποτε Κρηθεΐδας  
 ἐγκαθίζων ἰππόταις εὖ-  
 θυνε λαοῖς δίκας –  
 ——— τὰ μὲν ἄνευ ξυνᾶς ἀνίας  
 ἐπ. ζ' λῦσον, ἄμμιν μὴ τι νεώτερον ἐξ  
 αὐτῶν ἀναστάη κακόν.»  
 156 ὡς ἄρ' ἔειπεν, ἀκαῖ δ' ἀντ-  
 ἀγόρευσεν καὶ Πελίας· «Ἔσομαι  
 3 τοῖος· ἀλλ' ἤδη με γηραι-  
 ὸν μέρος ἀλικίας 280  
 ἀμφιπολεῖ· σὸν δ' ἄνθος ἦβας ἄρτι κυ-  
 μαίνει· δύνασαι δ' ἀφελεῖν  
 μᾶνιν χθονίων. κέλεται γὰρ ἐὰν ψυχὰν κομίζαι  
 160 6 Φρίξος ἐλθόντας πρὸς Αἰήτα θαλάμους  
 δέρμα τε κριοῦ βαθύμαλλον ἄγειν,  
 τῷ ποτ' ἐκ πόντου σαώθη

Pressurosa, a mente humana  
procrastina, em prol do dolo ávido,  
a defesa da justiça,  
muito embora o albor amaro aguarde.  
Amainemos sob as leis, afim de bom porvir.  
Sabes que era a mesma, a vaca  
mãe de Salmoneu audaz e de Creteu.  
Nós, terceira geração após,  
florescemos sob a áurea potência solar.  
Pois, que as Moiras se revoltam,  
se vier o ódio eclipsar respeito consanguíneo.

Nem com o brônzeo gume da espada, nem com lança,  
cabe dividir-se a ancestral valia.  
Vacas fulvas e as ovelhas,  
o cultivo – rapinado – dos meus pais,  
de onde exaures tua riqueza, eu cedo a ti.  
Prospera o patrimônio. Não me importo.  
Entretanto, o cetro centralizador e o trono  
onde antanho o filho de Creteu  
julgava o povo equestre,

disso lança mão sem mútuo agravo,  
pois que novos males nos traria”  
Ao que Pélias, impassível, replicou:  
“Assim seja. Porém a senilidade me circunda  
enquanto em ti aflora agora a juventude.  
Consegues findar a ira ífera: Frixo exige  
que rumemos ao palácio de Eetes,  
a fim de tomar o espesso velo do carneiro  
que o salvaguardou do mar

- στρ. η´ ἔκ τε ματριᾶς ἀθέων βελέων.  
ταῦτά μοι θαυμαστός ὄνειρος ἰὼν φω-  
νεῖ. μεμάντευμαι δ' ἐπὶ Κασταλίαι, 290
- 3 εἰ μετάλλατόν τι· καὶ ὡς τάχος ὀτρύ-  
νει με τεύχειν ναῖ πομπάν.
- 165 τοῦτον ἄεθλον ἐκὼν τέλεσον· καὶ τοι μοναρχεῖν  
καὶ βασιλευέμεν ὄ-  
μνυμι προήσειν. καρτερός
- 6 ὄρκος ἄμμιν μάρτυς ἔστω  
Ζεὺς ὁ γενέθλιος ἀμφοτέροις.»  
σύνθεσιν ταύταν ἐπαινή-  
σαντες οἱ μὲν κρίθην· 300
- \_\_\_\_\_ ἀτὰρ Ἴάσων αὐτὸς ἦδη
- ἀντ. η´ ὠρνευεν κάρυκας ἐόντα πλόον
- 171 φαινέμεν πανταῖ. τάχα δὲ Κρονίδαο  
Ζηνὸς υἱοὶ τρεῖς ἀκαμαντομάχαι
- 3 ἦλθον Ἀλκμήνας θ' ἑλικογλεφάρου Λή-  
δας τε, δοιοὶ δ' ὑψιχαῖται  
ἀνέρες, Ἐννοσίδα γένος, αἰδεσθέντες ἀλκάν,  
ἔκ τε Πύλου καὶ ἀπ' ἄ-  
κρας Ταινάρου· τῶν μὲν κλέος 310
- 175 6 ἐσλὸν Εὐφάμου τ' ἐκράνθη  
σὸν τε, Περικλύμεν' εὐρυβία.  
ἐξ Ἀπόλλωνος δὲ φορμιγ-  
κτὰς ἀοιδᾶν πατήρ
- \_\_\_\_\_ ἔμολεν, εὐαῖνητος Ὀρφεύς.
- ἐπ. η´ πέμπε δ' Ἑρμᾶς χρυσόραπις διδύμουσ  
υἱοὺς ἐπ' ἄτρυτον πόνον,  
τὸν μὲν Ἐχίονα, κεχλά-  
δοντας ἦβαι, τὸν δ' Ἑρυτον. ταχέες
- 180 3 ἀμφὶ Παγγαίου θεμέθλοισ 320  
ναιετάοντες ἔβαν,  
καὶ γὰρ ἐκὼν θυμῷ γελανεῖ θᾶσσον ἔν-  
τυνευ βασιλεὺς ἀνέμων  
Ζήτην Κάλαϊν τε πατὴρ Βορέας, ἄνδρας πετροῖσιν
- 6 νῶτα πεφρίκοντας ἄμφω πορφυρέοις.  
τὸν δὲ παμπειθῆ γλυκὸν ἡμιθέοι-  
σιν πόθῳ ἔνδαιεν Ἴηρα

e das ímpias flechas da madrasta –  
isto, um sonho monstruoso revelou-me.  
Fui ao oráculo Castálio  
consultar se eu deveria ir. Tão logo,  
impôs que eu equipasse a embarcação.  
Cabe a ti cumpri-lo e, retornando,  
retomar, a monarquia e o poderio; eu juro!  
Zeus, comum antepassado nosso,  
testemunhe essa promessa  
Findo o trato, Jasão se retirou

mas, aos quatro ventos, seus arautos  
convocavam à marinha; logo,  
chegaram três filhos do Cronida Zeus,  
incansáveis lutadores:  
o de Alcmena, pupilas-de-luz, e os de Leda.  
De cabelo intonso, os filhos do Tremor  
vieram de Pilo e de Tenaro, honrando o nome: invicta,  
a glória de Eufemo alçou-se aos céus, e a tua,  
intenso Periclímeno. O filho de Apolo  
veio, o patriarca musical, Orfeu famoso.

Hermes, de áureo caduceu mandou seus gêmeos,  
célebres na juventude, à lida sem limite:  
um, Equión, o outro, Erito.  
Presto, Zetes e Palais se apresentaram,  
habitantes do Pangeu – dois torsos  
de asa púrpura eriçados; pois seu pai,  
Bóreas, basileu dos ventos, de bom grado os enviara.  
Hera persuadiu os semideuses do Argo,  
tal desejo doce compartilhando:

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| στρ. θ'    | ναὸς Ἄργοῦς, μὴ τινα λειπόμενον  |     |
| 186        | τὰν ἀκίνδυνον παρὰ ματρὶ μένειν αἰ-<br>ῶνα πέσσοντ', ἀλλ' ἐπὶ καὶ θανάτῳ   | 330 |
| 3          | φάρμακον κάλλιστον ἕως ἀρετᾶς ἄ-<br>λιξιν εὐρέσθαι σὺν ἄλλοις.<br>ἔς δ' Ἰαολκὸν ἐπεὶ κατέβη ναυτᾶν ἄωτος,<br>λέξατο πάντας ἐπαι-<br>νήσαις Ἰάσων. καὶ ῥά φοί         |     |
| 190        | 6 μάντις ὀρνίχεσσι καὶ κλά-<br>ροισι θεοπροπέων ἱεροῖς<br>Μόψος ἄμβασε στρατὸν πρό-<br>φρων· ἐπεὶ δ' ἐμβόλου   | 340 |
| _____      | κρέμασαν ἀγκύρας ὑπερθεν,<br>ἀντ. θ' χρυσεῖαν χεῖρεσσι λαβῶν φιάλαν<br>ἀρχὸς ἐν πρύμναι πατέρ' Οὐρανιδᾶν ἐγ-<br>χεικέραυνον Ζῆνα, καὶ ὠκυπόρους                      |     |
| 195        | 3 κυμάτων ῥιπὰς ἀνέμους τ' ἐκάλει νύ-<br>κτας τε καὶ πόντου κελεύθους<br>ἄματά τ' εὐφρονα καὶ φιλίαν νόστοιο μοῖραν·<br>ἐκ νεφέων δέ φοί ἀν-<br>τάυσε βροντᾶς αἴσιον | 350 |
| 6          | φθέγμα· λαμπραὶ δ' ἦλθον ἀκτί-<br>νες στεροπᾶς ἀπορηγνύμεναι.<br>ἀμπνοᾶν δ' ἦρωες ἔστα-<br>σαν θεοῦ σάμασιν  |     |
| <u>200</u> | πιθόμενοι· κάρυξε δ' αὐτοῖς  |     |
| ἐπ. θ'     | ἐμβαλεῖν κώπαισι τερασκόπος ἀ-<br>δείας ἐνίπτων ἐλπίδας·<br>εἰρεσία δ' ὑπεχώρη-<br>σεν ταχειᾶν ἐκ παλαμᾶν ἄκορος.  | 360 |
| 3          | σὺν Νότου δ' αὖραις ἐπ' Ἀξεί-<br>νου στόμα πεμπόμενοι<br>ἦλυθον· ἔνθ' ἀγνὸν Ποσειδάωνος ἔς-<br>σαντ' ἐνναλίου τέμενος,   |     |
| 205        | φοίνισσα δὲ Ἐρηϊκίων ἀγέλα ταύρων ὑπᾶρχεν,<br>6 καὶ νεόκτιστον λίθων βωμοῖο θέναρ.<br>ἔς δὲ κίνδυνον βαθὺν ἰέμενοι<br>δεσπότην λίσσοντο ναῶν,                        |     |

que nenhum se abandonasse à vida  
sem perigo, envelhecendo junto à mãe.  
Mas que, ousando a morte,  
cada coetâneo conquistasse o fármaco do justo brio.  
A flor da marinhagem atracava em Iolco,  
e Jasão honrava a todos.  
Mopso, o adivinho,  
divagando sobre as aves e os indícios sacros,  
fez com que embarcassem, animoso.  
Âncoras içadas na proa; na popa o capitão,

com dourada taça às mãos  
invocava a Zeus pai dos Urânidas,  
e ainda o fluxo lesto do marulho,  
os ventos e as noites, a via das marés,  
dias propícios e próspero regresso.  
Das nuvens anuiu um trovão nuncio,  
raios lampejaram luminosos.  
Os heróis se encorajaram,  
seguros no penhor do deus.  
O adivinho então mandou remar,

dividindo doces esperanças;  
vigorosa foi a voga sob sua lépida mão.  
Na aura do Noto atingiram  
o estreito do inóspito Axino,  
Lá, um templo edificaram  
consagrado a Posídon salífero,  
Mas já havia uma manada de escarlates touros trácios  
e um altar de pedra, recém feito, com receptáculo.  
Ao abismo do risco mergulhando,  
ao senhor naval rogavam que os livrasse

- στρ. ι' συνδρόμων κινηθμὸν ἀμαιμάκετον  
 ἐκφυγεῖν πετρᾶν. δίδυμαι γὰρ ἔσαν ζω-  
 αῖ, κυλινδέσκοντό τε κραιπνότεραι  
 210 3 ἢ βαρυγδούπων ἀνέμων στίχες· ἀλλ' ἤ-  
 δη τελευτὰν κεῖνος αὐταῖς  
 ἤμιθέων πλόος ἄγαγεν. ἐς Φᾶσιν δ' ἔπειτεν  
 ἦλυθον, ἔνθα κελαι-  
 νώπεσσι Κόλχοισιν βίαν  
 6 μεῖξαν Αἰήται παρ' αὐτῶι.  
 πότνια δ' ὀξυτάτων βελέων 380  
 ποικίλαν ἴγγα τετρά-  
 κναμον Οὐλυμπόθεν  
 215 ἐν ἀλύτῳ ζεύξαισα κύκλωι  
 ἀντ. ι' μαινάδ' ὄρνιν Κυπρογένεια φέρεν  
 πρῶτον ἀνθρώποισι λιτάς τ' ἐπαιιδὰς  
 ἐκδιδάσκησεν σοφὸν Αἰσονίδα·  
 3 ὄφρα Μηδείας τοκέων ἀφέλοιτ' αἰ-  
 δῶ, ποθρινὰ δ' Ἑλλάς αὐτάν  
 ἐν φρασί καιομένην δονέοι μᾶστιγι Πειθοῦς.  
 220 καὶ τάχα πείρατ' ἀέ-  
 θλων δείκνυεν πατρῶϊων·  
 6 σὺν δ' ἐλαίῳ φαρμακώσασι'  
 ἀντίτομα στερεᾶν ὀδυνᾶν  
 δῶκε χρίεσθαι. καταίνη-  
 σάν τε κοινὸν γάμον  
 γλυκὺν ἐν ἀλλάλοισι μεῖξαι.  
 ἐπ. ι' ἀλλ' ὅτ' Αἰήτας ἀδαμάντινον ἐν  
 μέσσοις ἄροτρον σκίμψατο  
 225 καὶ βόας, οἱ φλόγ' ἀπὸ ξαν- 400  
 θᾶν γενύων πνέον καιομένοιο πυρός,  
 3 χαλκείαις δ' ὀπλαῖς ἀράσσε-  
 σκον χθόν' ἀμειβόμενοι  
 τοὺς ἀγαγὼν ζεύγλαι πέλασσαν μοῦνος. ὀρ-  
 θὰς δ' αὐλακας ἐντανύσαις  
 ἦλαυν', ἀνὰ βωλακίας δ' ὀρόγυιαν σχίζε νῶτον  
 6 γᾶς. ἔειπεν δ' ὤδε· «Τοῦτ' ἔργον βασιλεύς,  
 230 ὅστις ἄρχει ναός, ἐμοὶ τελέσαις  
 ἀφθιτον στρωμνὰν ἀγέσθω, 410

da indômita moção das Falésias Convergentes.  
Ambas vivas, reviravam-se ligeiras mais que o vento convulsivo.  
Deu-lhes fim, porém, a expedição de semideuses.  
Competiriam logo, em Fasis,  
contra os nigrofrôn-teos cólquidas,  
frente ao próprio Eetes. Mas a Cípria,  
dona dos dardos mais agudos  
atou uma ave-torcicolo críptica  
aos raios de uma roda irretorquível!

Do Olimpo aos homens enviou  
a desvairante ave por primeira vez.  
Em litánias e encantos  
instruiu o sábio Esónida: furtasse  
de Medeia o amor paterno,  
e inflamasse anelo à Hélade em sua alma,  
com látego da Persuasão.  
Fez-lhe concluir as provas do seu pai,  
e deu antídotos de azeite  
a ungir as duras dores.  
Mutuamente permitiram-se ao melífluo matrimônio

Quando Eetes entre todos  
acrivou no solo o arado adamantino  
e os bois de fauce fulva flamejando, batiam o chão  
com cascos brônzeos, então jungiu-os só  
e os guiou. Sulcou reto, revolvendo  
uma braça de terra. Disse:  
“Se o regente, capitão da nave,  
terminar o meu trabalho,  
que ele empunhe o indestrutível manto,

- στρ. ια' κῶας αἰγλαῖεν χρυσέωι θυσάνωι.»  
 ὡς ἄρ' αὐδάσαντος ἀπὸ κρόκεον ρί-  
 ψαις Ἰάσων εἶμα θεωῖ πίσυνοσ  
 3 εἶχετ' ἔργου· πῦρ δέ νιν οὐκ ἐόλει παμ-  
 φαρμάκου ξείνας ἐφετμαῖσ.  
 σπασσάμενοσ δ' ἄροτρον, βοέουσ δήσαισ ἀνάγκαι  
 235 ἔντεσιν αὐχένας ἐμ-  
 βάλλον τ' ἐριπλεύρωι φυαῖ  
 6 κέντρον αἰανέσ βιατάσ 420  
 ἐξεπόνησ' ἐπιτακτὸν ἀνήρ  
 μέτρον. ἴυξεν δ' ἀφωνή-  
 τωι περ ἔμπασ ἄχει  
 ——— δύνασιν Αἰήτασ ἀγασθεῖσ.  
 ἀντ. ια' πρὸσ δ' ἑταῖροι καρτερόν ἄνδρα φίλασ  
 240 ὤρεγον χεῖρασ, στεφάνοισί τέ νιν ποί-  
 ασ ἔρεπτον, μελιχίοισ τε λόγοισ  
 3 ἀγαπάζοντ'. αὐτίκα δ' Ἁελίου θαυ-  
 μαστὸσ υἱὸσ δέρμα λαμπρόν  
 ἔννεπεν, ἔνθα νιν ἐκτάνυσαν Φρίξου μάχαιραι· 430  
 ἔλπετο δ' οὐκέτι φοί  
 κεῖνόν γε πρᾶξασθαι πόνον.  
 6 κείτο γὰρ λόχμαι, δράκοντοσ  
 δ' εἶχετο λαβροτατᾶν γενύων,  
 245 ὃσ πάχει μάκει τε πεντη-  
 κόντερον ναῦν κράτει,  
 ——— τέλεσεν ἂν πλαγαῖ σιδάρου.  
 ἐπ. ια' μακρά μοι νεῖσθαι κατ' ἀμαξιτόν· ὦ-  
 ρα γὰρ συνάπτει καί τινα 440  
 οἶμον ἴσαμι βραχύν· πολ-  
 λοῖσι δ' ἄγημαι σοφίασ ἐτέροισ.  
 3 κτεῖνε μὲν γλαυκῶπα τέχναισ  
 ποικιλόνωτον ὄφιν,  
 250 ὤρκεσίλα, κλέψεν τε Μήδειαν σὺν αὐ-  
 ταῖ, τὰν Πελιαοφόνον·  
 ἔν τ' Ὀκεανοῦ πελάγεσσι μίγεν πόντωι τ' ἐρυθρωῖ  
 6 Λαμνιᾶν τ' ἔθνει γυναικῶν ἀνδροφόνων·  
 ἔνθα καὶ γυῖων ἀέθλοισ ἐπεδεί- 450  
 ξαντο κρῖσιν ἐσθᾶτοσ ἀμφίσ,

o magnífico tosão, velo dourado!”  
Mal falou, Jasão despiu-se de seu manto açafronado  
e atirou-se, confiante nos Olímpicos.  
Instruído pela pan-farmacóloga receptiva  
não se sucumbiu perante o fogo.  
Desprendeu o arado, os bois jungindo,  
com cabresto constrangente.  
Açoitando assiduamente seus robustos flancos,  
o forte herói per fez o demandado.  
Eetes gemeu diante aquele dínamo,  
conquanto fosse a dor inexprimível.

O valente homem foi ovacionado pelos companheiros  
com seus punhos levantados.  
Coroavam-no com ervas e laudavam-no, gentis.  
O filho mirífico do Sol lhe revelou a pele esplêndida  
estendida em sacrifício pela lâmina de Frixo.  
No desfiladeiro repousava sob as fauces  
de um dragão mais que feroz.  
Suas medidas superavam  
um navio com cinquenta remos terminado à forja.

Que eu retorne ao tema da quadriga, é hora;  
eu conheço um atalho, e guio a muitos outros  
no ofício. Trucidou com artifício o ofídio  
de rajada pele e glauco olhar, Arcesilas,  
sequestrando, com ajuda dela,  
Medeia, a assassina de Pélias.  
Pelo pélogo do ponto se engolfaram,  
e mar vermelho, indo às Lêmnicas.  
Lá, um certame disputaram  
por um manto, como prêmio.

- στρ. ιβ' καὶ συνεύνασθεν. καὶ ἐν ἀλλοδαπαῖς  
 255 σπέρμ' ἀρούραις τουτάκις ὑμετέρας ἀ-  
 κτῖνος ὄλβου δέξατο μοιρίδιον  
 3 ἄμαρ ἢ νύκτες· τόθι γὰρ γένος Εὐφά-  
 μου φυτευθὲν λοιπὸν αἰεὶ  
 τέλλετο· καὶ Λακεδαιμονίων μιχθέντες ἀνδρῶν  
 ἦθεσιν ἔν ποτε Καλ-  
 λίσταν ἀπώικησαν χρόνῳ 460  
 6 νᾶσον· ἔνθεν δ' ὕμμι Λατοί-  
 δας ἔπορεν Λιβύας πεδίον  
 260 σὺν θεῶν τιμαῖς ὀφέλλειν,  
 ἄστῳ χρυσοθρόνου  
 ——— διανέμειν θεῖον Κυράνας  
 ἀντ. ιβ' ὀρθόβουλον μῆτιν ἐφευρομένοις.  
 γνῶθι νῦν τὰν Οἰδιπόδα σοφίαν· εἰ  
 γάρ τις ὄζους ὄξυτόμῳ πελέκει  
 3 ἐξερείψειεν μεγάλας δρυός, αἰσχύ-  
 νοι δέ φοί θαητὸν εἶδος, 470  
 265 καὶ φθινόκαρπος ἐοῖσα διδοῖ ψᾶφον περ' αὐτᾶς,  
 εἴ ποτε χειμέριον  
 πῦρ ἐξίκηται λοίσθιον,  
 6 ἢ σὺν ὀρθαῖς κίονεσσιν  
 δεσποσύναισιν ἐρειδομένα  
 μόχθον ἄλλοις ἀμφέπει δύς-  
 τανον ἐν τείχεσιν,  
 ——— ἐὸν ἐρημώσαισα χῶρον.  
 ἐπ. ιβ' ἐσσι δ' ἰατῆρ ἐπικαιρότατος, 480  
 Παιάν τέ σοι τιμαῖ φάος.  
 271 χρή μαλακὰν χέρα πρῶσβάλ-  
 λοντα τρῶμαν ἔλκεος ἀμφιπολεῖν.  
 3 ραίδιον μὲν γὰρ πόλιν σεί-  
 σαι καὶ ἀφαιροτέροις·  
 ἀλλ' ἐπὶ χώρας αὐτίς ἔσσαι  
 δυσπαλὲς δὴ γίνεται, ἐξαπίνας  
 εἰ μὴ θεὸς ἀγεμόνεσσι κυβερνατῆρ γένηται.  
 275 6 τὴν δὲ τούτων ἐξυφαίνονται χάριτες. 490  
 τλᾶθι τᾶς εὐδαίμονος ἀμφὶ Κυρά-  
 νας θέμεν σπουδὰν ἅπασαν.

e copularam.  
Nesses campos remotos,  
um dia venturoso, ou noite,  
acolheu o esperma  
do teu próspero fulgor.  
A raça de Eufemo germinou  
remanescendo sempre.  
Mesclaram-se com espartanos!  
Em tempo tomaram a ilha Belíssima.  
De lá o filho de Leto  
garantiu aos teus que os plainos Líbios  
prosperassem com divinas honras,  
e que regessem Cirene de áureo trono,  
calibrando a astúcia equilibrada.  
Conhece a sapiência Edípica:  
se alguém  
com machado afiado  
esgalha um magnífico carvalho  
tolhendo seu esplendor,  
inda que sem frutos,  
a planta a si mesma se delata,  
ao guarnecer uma lareira de inverno  
ou ao penar como trave  
sustida por colunas magistras  
entre muralha estranha,  
deixando uma clareira.  
Mas tu, curador mais adequado,  
Pean te luz com honra.  
Aplaca com blandícia, pondo a mão,  
dolente chaga.  
Convulsionar a urbe é fácil,  
mesmo ao mais inapto.  
Difícil? Restabelecer a ordem!  
Ao menos que do nada  
um deus tome o timão dos governantes.  
Graças se te enredam.  
Empenha todo teu pendor  
no bem de Cirene!

- στρ. ιγ' τῶν δ' Ὀμήρου καὶ τόδε συνθέμενος  
 ῥῆμα πόρσυν' ἄγγελον ἔσλὸν ἔφα τι-  
 μὰν μεγίσταν πράγματι παντὶ φέρειν·  
 3 αὖξεται καὶ Μοῖσα δι' ἀγγελίας ὀρ-  
 θᾶς. ἐπέγνω μὲν Κυράνα  
 280 καὶ τὸ κλεεννότατον μέγαρον Βάττου δικαίαν  
 Δαμοφίλου πραπίδων. 500  
 κείνος γὰρ ἐν παισὶν νέος,  
 6 ἐν δὲ βουλαῖς πρέσβυς ἐγκύρ-  
 σαις ἑκατονταετῆ βιοταῖ,  
 ὀρφανίζει μὲν κακὰν γλῶσ-  
 σαν φαεννᾶς ὀπός,  
 ——— ἔμαθε δ' ὑβρίζοντα μισεῖν,  
 ἀντ. ιγ' οὐκ ἐρίζων ἀντία τοῖς ἀγαθοῖς,  
 286 οὐδὲ μακύνων τέλος οὐδέν. ὁ γὰρ και-  
 ρὸς πρὸς ἀνθρώπων βραχὺ μέτρον ἔχει.  
 3 εὖ νιν ἔγνωκεν· θεράπων δέ φοί, οὐ δρᾶ- 510  
 στας ὀπαδεῖ. φαντὶ δ' ἔμμεν  
 τοῦτ' ἀνιαρότατον, καλὰ γινώσκοντ' ἀνάγκαι  
 ἐκτὸς ἔχειν πόδα. καὶ  
 μὰν κείνος Ἄτλας οὐρανῶ  
 290 6 προσπαλαίει νῦν γε πατρῶί-  
 ας ἀπὸ γᾶς ἀπὸ τε κτεάνων·  
 λῦσε δὲ Ζεὺς ἄφθιτος Τι-  
 τᾶνας. ἐν δὲ χρόνῳ  
 ——— μεταβολαὶ λήξαντος οὐρου 520  
 ἐπ. ιγ' ἰστίων. ἀλλ' εὐχεται οὐλομένηαν  
 νοῦσον διαντλήσαις ποτέ  
 οἶκον ἰδεῖν, ἐπ' Ἀπόλλω-  
 νός τε κρᾶναι συμποσίας ἐφέπων  
 295 3 θυμὸν ἐκδόσθαι πρὸς ἦβαν  
 πολλάκις, ἔν τε σοφοῖς  
 δαιδαλέαν φόρμιγγα βαστά ζων πολί-  
 ταις ἠσυχίαι θιγέμεν,  
 μήτ' ὦν τι πῆμα πορών, ἀπαθῆς δ' αὐτὸς πρὸς ἀστῶν· 530  
 6 καὶ κε μυθήσαιθ', ὅποιαν, Ἄρκεσίλα,  
 εὔρε παγὰν ἀμβροσίων ἐπέων,  
 πρόσφατον Θήβαι ξενωθεῖς.

Guarda ainda Homero  
com respeito. Diz que o grande núncio  
encerra honra em todo assunto.  
Também mensagem certa  
eleva a Musa. Cirene  
e o súpero solar de Bato  
sabem que Demófilo,  
no fundo, é justo.  
Jovem entre jovens, na assembleia  
é um veterano de cem anos,  
orfana a detração  
à língua de voz clara,  
odeia a arrogância,  
não se opõe aos nobres,  
não pospõe resoluções,  
pois aos mortais, fugaz é a Ocasão, e ele o soubera.  
Seu séquito segue como pajem,  
não como mercenário. Também dizem  
que flagelo é conhecer felicidade  
e dela ter de se apartar.  
Agora, um novo Atlas,  
ele impugna o orbe,  
amputado de sua terra e bens.  
O eterno Zeus libertou  
os Titãs. Com o tempo,  
o vento cessa, as velas mudam.  
Ele roga: drenado o destrutivo mal,  
retorne um dia à casa;  
e que frequente os festins,  
em torno à fonte apolínea,  
entregue ao seu verdor;  
levante a lira bem lavrada  
entre ilustres cidadãos e alcance a paz,  
sem infringir ou sofrer dano.  
E narraria, Arcesilas,  
um mar de versos imortais  
descobertos quando, há pouco,  
esteve em Tebas.



## BIBLIOGRAFIA

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Thomas. *Homeri ilias*. Editio Maior, VOL 2-3. Oxford: Clarendon Press, 1931.
- ADRADOS, Francisco. *Líricos griegos elegiacos y yambógrafos arcaicos (siglos VII-V AEC)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.
- ARAÚJO, Alisson. *7ª Ode Olímpica de Píndaro: Tradução e notas*. São Paulo: USP, 2005.
- ARNIM, Johann Hans. *Dionis Prusaensis quem vocant Chrysostomum quae exstant omnia*. VOL 2. Berlin: Weidmann, 1968.
- BOECKH, August. *Pindari opera quae supersunt*. VOL 1. Leipzig: Ioannes Augustus Gottlob Weigel, 1811.
- BRASWELL, Bruce Karl. *A commentary on the fourth pythian ode of Pindar*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.
- BOARDMAN, John. *Early greek vase painting*. New York: Thames and Hudson, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The history of greek vases*. London, 2001.
- BUCH, Carl Darling. *Greek dialects*. Boston: Ginn and Company, 1927.
- BUNDY, Elroy. *Studia pindarica*. I-II. Berkeley: University of California Press: 1962.
- BURKERT, Walter. *Babylon, Memphis, Persepolis: eastern contexts of greek culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- CALAME, Claude. *Myth and history in ancient Greece. The symbolic creation of a colony*. Princeton: Princeton University Press, 2003.
- CAMPANILE, Enrico; COMRIE, Bernard; WATKINS, Calvert. *Introduzione alla lingua e alla cultura degli indoeuropei*. Bologna: Il Mulino, 2005 (extrato de: RAMAT, Anna; RAMAT, Paolo (ed.). *Le lingue indoeuropee*. Bologna: Il Mulino, 1993, pp. 19-122).
- CEG = *Carmina epigraphica graeca saeculorum VIII-V a.Chr.* ed. Peter Hansen. Berlin: De Gruyter, 1983.
- CONSRUCH, Max. *Hephaestionis enchiridion*. Leipzig: Teubner, 1906.
- DEBIASI, Andrea. *L'epica perduta*. Roma: «L'ERMA» di BRETSCHNEIDER, 2004.

- DETIENNE, Marcel. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1973.
- DISSENIUS, Ludolphus. *Pindari carmina quae supersunt cum deperditorum fragmentis selectis*. Göttingen: Hennings, 1830.
- DRACHMANN, Anders Björn. *Scholia vetera in pindari carmina*. 3 VOL. Leipzig: Teubner, 1903.
- DURANTE, Marcello. Epea pteroenta. La parola come «cammino» in immagini greche e vediche. *Rendiconti dell' Accademia Nazionale dei Lincei, serie ottava*, VOL 8 pp. 3-14. 1958.
- EDGERTON, Franklin. The metaphor of the car in the rigvedic ritual. *The American Journal of Philology*, VOL. 40 N° 2 pp. 175-193. 1919.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, Manuel, ed. *Píndaro – Olimpicas*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1956.
- FLINKBERG, Margalit. Is κλεος αφθιτον a homeric formula? *Classical Quarterly*, VOL 36 pp. 1-5. 1986.
- FRAZER, James George. *The golden Bough*. VOL 3: *The dying god*. London: Macmillan, 1911.
- GENTILI, Bruno; LOMIENTO, Liana. Colometria antica e filologia moderna. *Quaderni urbinati di cultura classica*, VOL 69 N° 3 pp. 7-22. 2001.
- GENTILI, Bruno. *La metrica dei greci*. Messina: G. D'Anna, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Le pitiche*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1995.
- GILDERSLEEVE, Basil. *Pindar – the olympian and pythian odes*. New York: American Book Company, 1885.
- HAMILTON, Richard. *Epinikion*. Den Haag: Mouton, 1974.
- HANSEN, Peter Allan. *Carmina epigraphica graeca saeculorum VIII-V a. Chr. Texte und Commentare*. Berlin: De Gruyter, 1983.
- HEITSCH, E. *Die griechischen Dichterfragmente der römischen Kaiserzeit*. Göttingen: Vandenhoeck et Ruprecht, 1963.
- HERMANN, Gottfried. *Pindari carmina*. VOL 3 *De metris pindari*. Göttingen: Christian Dietericu, 1817.
- HEYNE, Christianus. *Pindari Carmina*. Göttingen: Christian Dietericu, 1797.

- HORNBLOWER, Simon; MOGAN, Catherine. *Pindar's poetry, patrons, and festivals*. Oxford: University Press, 2007.
- HUTCHINSON, Gregory. *Greek lyric poetry*. Oxford: University Press, 2001.
- ITSUMI, Kiichiro. *Pindaric metre. The other half*. Oxford: University Press, 2009.
- KIRK, Geoffrey. *Homer and the oral tradition*. Cambridge: University Press, 1976.
- KIRKWOOD, Gordon. *Selections from Pindar*. Chico: Scholars Press, 1982.
- LARSON, Jennifer. *Ancient greek cults*. New York: Routledge, 2007.
- LOBEL, Edgar; PAGE, Denys. *Poetarum lesbiorum fragmenta*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- MAAS, Paul Lazarus. *Greek Metre*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- MACDOWELL, Arthur. *A vedic grammar for students*. Oxford: Clarendon Press, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Vedic mythology*. Strassburg: Karl von Trübner, 1897.
- MACEDO, José Marcos. *A palavra ofertada*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- MAEHLER, Hervicus. *Bacchylides. Carmina cum fragmentis*. Berlin: Teubner, 2004.
- MARTÍNEZ, Constantino; FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio; MELERO, Raquel. *Dicionário de mitologia clássica*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- MOONEY, George; *The argonáutica of Apollonius Rhodius, with introduction and commentary*. London: Longmans, 1912.
- NAGY. *Comparative studies in greek and indic meter*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- GV = *Griechische Vers-Inschriften*, ed. Peek, Werner. Berlin: 1955.
- PARKER, Robert. Pleasing things: reciprocity in greek religion. In GILL, Christopher *et alii*. *Reciprocity in ancient Greece*. Oxford: University Press, 1998.
- PFEIFFER, Rudolf. *History of classical scholarship*. VOL 1. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- PUECH, Aimé. *Pindare. Olympiques*. Paris: Les Belles Letres, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Pindare. Pythiques*. Paris: Les Belles Letres, 1922.
- RACE, William. *Pindar: olympian odes, pythian odes*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

- ROBBINS, Emmet. Jason and Cheiron: the myth of Pindar's Fourth Pythian. Phoenix, VOL 29, N° 3, pp. 205-213. 1975.
- SCHWARTZ, E. *Scholias in Euripidem*. VOL 2. Berlin: De Gruyter, 1966.
- SERGENT, Bernard. *Les trois fonctions indo-européennes en Grèce ancienne* VOL 1 *De Mycènes aux Tragiques*. Paris: Economica, 1998.
- SOLMSEN, Friedrich; MERKELBACH-WEST: *Hesiodi theogonia; Opera et dies; Scutum; Fragmenta selecta*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- SPIRO, F. *Pausaniae graeciae descriptio*. VOL 1. Leipzig: Teubner, 1967.
- STEPHANUS, Henricus. *Pindari olympia, pythia, nemea, isthmia*. Antuérpia: Officina Christophori Plantini, 1567.
- SNELL, Bruno; MAEHLER, Hervicus. *Pindari carmina cum fragmentis* VOL I-II. Berlin: Teubner, 1980, 1975.
- TURYN, Alexander. *Pindari carmina*. Oxford: Basil Blackwell: 1952.
- USENER, Hermann. *Dionysii Halicarnasei quae extant*. VOL 6. Leipzig: Teubner, 1929.
- WALDBAUM, Jane. Greeks in the East or greeks and the East? Bulletin of the American Schools of Oriental Research, VOL 305, pp. 1-17. 1997.
- WATKINS, Calvert. *How to kill a dragon*. Oxford: University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. Pindar's rigveda. Journal of the American Oriental Society, VOL 122 N° 2 pp. 432-435. 2002.
- WEST, Martin. Greek poetry 2000-700 B.C. *The Classical Quarterly*, VOL 23 pp. 179-192. 1973.
- \_\_\_\_\_. Stesichorus. *The Classical Quarterly*, VOL 21 N° 2 pp. 302-314. 1971.
- \_\_\_\_\_. *Greek metre*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. The rise of the greek epic. *The Journal of Hellenic Studies*, VOL 108 pp. 151-172. 1988.
- \_\_\_\_\_. *Greek epic fragments*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Indo-european poetry and myth*. Oxford: University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. *The hymns of Zoroaster. A new translation of the most ancient sacred texts of Iran.* London: I.B. Tauris, 2010.

WENDEL, K. *Scholia in Apollonium Rhodium vetera.* Berlin: Weidmann, 1974.

#### LEXICOGRAFIA CONSULTADA

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français.* Paris: Hachette, 2000

BEEKES, Robert. *Etymological dictionary of greek.* 2 VOL. Leiden: Brill, 2010.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque.* Paris: Éditions Klincksieck, 1968.

LIDDEL, Henry; SCOTT, Robert; JONES, Henry. *A greek-english lexicon.* Oxford: Clarendon Press, 1996.

POUILLOUX, Jean *et al.* *Lexicon iconographicum mythologiae classicae,* VOL. V (1-2). Zürich: Artemis Verlag, 1990.

SLATER, William. *Lexicon to Pindar.* Berlin: Walter de Gruyter, 1969.



**I. HINO A APOLO DE CALÍMACO: EXTRATO**

A história da colonização de Cirene ocorre pela primeira vez na Pítica 4 de Píndaro. Dois séculos depois, o cirenaico bibliotecário Calímaco reconta o mito que, por outro viés, reconta a origem dórica da cidade e a inspiração délfico-apolínea dessa fundação.

|  |    |
|--|----|
| Febo a Bato indicou minha fértil cidade,           | 65 |
| e como um corvo* conduziu o povo à Líbia,          |    |
| à destra do líder; jurou, aos nossos reis,         |    |
| muralhas ao seu tempo. Apolo cumpre sempre!        |    |
| Muitos te nomeiam Auxiliador, Apolo,               |    |
| e muitos, Clário;* em toda parte, muitos nomes.    | 70 |
| Mas eu, Carneu* te chamo. Assim, em minha pátria.  |    |
| Esparta foi, Carneu, tua primeira sede,            |    |
| e Tera a sucedeu. Cirene foi terceira:             |    |
| o sexto descendente* de Édipo levou-te             |    |
| de Esparta a Tera, de onde à terra dos Asbístias*  | 75 |
| o robusto Aristóteles te conduziu.                 |    |
| Ergueu-te um santuário esplêndido, e na pólis      |    |
| instaurou o sacrifício anual, em que muitos        |    |
| touros tombam alfim, ó Senhor, sobre os flancos.   |    |
| Eia! Eia! Carneu, tão evocado! Teus altares        | 80 |
| guardam flores, na primavera, tão várias           |    |
| quanto as Horas aduzem – no soprar de Zéfiro       |    |
| o orvalho; e no inverno, o doce açafraão. Teu fogo |    |
| é inextinguível: cinza ao carvão não se ajunta.    |    |
| Como Febo alegrou-se com os homens armados         | 85 |
| de Enió* – em torno às loiras líbias – dançando,   |    |
| vindo o tempo de suas sagradas Carnéias.           |    |
| Os dórios não podiam vir à fonte Cire,             |    |
| estando nos umbrosos vales de Azilis.*             |    |

O Soberano viu e lhes mostrou a ninfa\* 90  
 das alturas do monte Mirtusa, onde a Hipséia  
 matou o leão voraz dos rebanhos de Eurípilo.\*  
 Apolo nunca ouviu um coro mais divino,  
 nem mais riqueza concedeu a outra pólis  
 que a Cirene, em recordo do ocorrido rapto; 95  
 Cireneus, mais que aos outros deuses, honram Febo.

## NOTAS

- 66: O corvo é uma ave consagrada ao deus e, nesse verso, sua própria manifestação.
- 70: O epíteto se refere ao oráculo de Apolo em Cólofon.
- 71: As Carneias eram um festival dórico que ocorria em Cirene.
- 74: O descendente é o herói Teras, que deu nome à colônia. Heródoto (IV, 147) é uma possível fonte para Calímaco. O historiador apresenta a genealogia do colonizador espartano: Édipo > Polinice > Tersandres > Tisâmeno > Austésio > Teras.
- 75: Asbistos era um dos nomes para a região de Cirene.
- 86: Enió, uma deusa da guerra, identificada pelos latinos como Belona.
- 89: Azilis, ou Aziris, uma região a cerca de 100 km de distância de Cirene. Bato saiu de Tera rumo à Líbia e, ainda segundo Heródoto (IV, 157), somente após oito anos os dórios se estabeleceram junto à fonte Cire, instigados pelo oráculo de Apolo délfico.
- 90-96: Filha de Hipseu, Cire era uma ninfa caçadora. Matando um leão tão-somente com as mãos, Apolo a viu e apaixonou-se, raptando-a e deu-lhe um país que se chamaria Cirene. Cire, um riacho, percorre certa distância antes de jorrar em uma fonte junto ao templo de Apolo (Píndaro, P. 4, 294).
- 92: Eurípilo foi um rei local anterior à colonização, que prometeu o reino a quem matasse o leão que assolava o país.

## 2. CERÂMICAS

Uma mostra do ambiente cirenaico é dada na Copa de Arcesilas. A cerâmica tem cerca de 35 cm de diâmetro e mostra o rei Arcesilas ΑΡΚΕΣΙΛΑΞ em uma tenda que o protege da fauna local – um macaco e algumas aves que ameaçariam sua atividade. Em frente



ao rei, alguns funcionários – o Carregador, Sóforto ξΟΦΟΡΤΟΞ, o Transportador, Irmóforo ΙΡΜΟΦΟΡΟΞ (Εἰρμόϝ), e o Mata-Praga Eslifômaco ξΛΙΦΟΜΑΧΟΞ – medem a quantidade de um produto, talvez lã,<sup>179</sup> com auxílio de um peso ξΟΜΘΑ (<στ>ατμός?).

A regulamentação é feita e o rei autoriza: “eu armazenarei” ΟΧΥΡΟ (ὀρύξω).<sup>180</sup> Enfim, o estoque do material é

levado ao cabo por dois escravos que praguejam “enraivecer!” ΜΑΕΝ (μάειν = μεμονέναι), contra a supervisão de um guarda ΦΙΛΑΚΟΞ ou contra o próprio rei Arcesilas, o Opressor.

A dinastia dos Batíadas se inicia com Bato I por volta de 630 AEC, estendendo-se por duzentos anos, e os nomes Bato e Arcesilas se alternam entre as gerações. Feita sob o estilo da cerâmica espartana de meados do séc. VI,<sup>181</sup> a copa descrita acima representa o rei Arcesilas II, o Opressor (Ἀρκεσίλαος ὁ Χαλεπός), cujo trineto receberia dois epínicios de Píndaro. Não só pela origem espartana e pelo tema cirenaico, mas também pelo destino – a

<sup>179</sup> BOARDMAN: 1998, p. 187.

<sup>180</sup> A troca entre as consoantes ξ e χ decorre da substituição dialetal do sigma -κς- por uma aspiração -kh-.

<sup>181</sup> BOARDMAN: 2001, p. 67.

encontrada na cidade etrusca de Vulci – a existência dessa cerâmica pressupõe uma forte conexão cultural e comercial remanescente entre Esparta e as colônias por ela fundadas; o costume espartano de transformar homens elevados em heróis deve ter-se estendido ao culto destes reis, em Cirene.<sup>182</sup>



Cabinet des Médailles, Paris. DE RIDDER. 189 n.2a

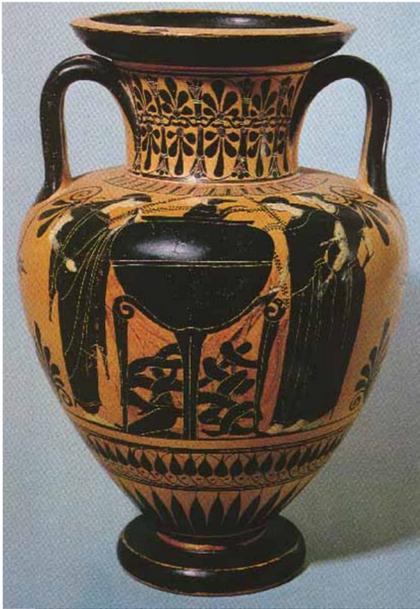
De muito grande contribuição ao mito de Jasão são algumas cerâmicas áticas, que mostram a deusa Atena junto ao herói no justo momento em que este conquista o velo de ouro. Ne-



nhum relato literário explica a presença da deusa na cena decisiva para a expedição argonáutica. O vaso representado ao lado mostra ainda um estranho momento em que Jasão é regurgitado pelo gigantesco ofídio, alguns instantes antes de pegar o velocino que repousa sobre o arbusto, no fundo da cena. Algum paralelo pode ser traçado entre Jasão e Indra, que foi engolido e regurgitado (graças à

ajuda dos deuses) pelo seu maior inimigo, o dragão Vṛtra, como conta o início do quinto livro do Mahābhārata? A tese de FRAZER: 1911 (*The dying god*), pela qual os mitos de dragão representam a quase morte do dia durante o solstício de inverno, Atenas, ca. 475 AEC.

<sup>182</sup> Conforme supõem CURRIE p. 236 ss., e CALAME, entre outros.



As duas cerâmicas abaixo representam Medeia Πελιαοφόνων (P. 4, 250) – a assassina de Pélias – momentos antes do crime. À esquerda, Medeia convence as filhas de Pélias a matá-lo, acreditando ser parte de um ritual de rejuvenescimento do rei. 43 cm, *ca.* 510-500 AEC.

À direita, o momento em que a deusa cólquida persuade o próprio rei Pélias de que ele poderia recobrar sua força juvenil assim como o carneiro que fora sacrificado. Atenas, *ca.* 470 AEC.



### 3. PAPIRO DE OXIRRINCO 75. 5042



Fragmento cuja transcrição foi utilizada em confronto com subseqüentes arranjos colométricos, no subcapítulo 3.2.

#### 4. ΟΛÍΜΠΙΚΑ ΧΙΙ

Exemplo de como a poesia de Píndaro pode estabelecer vínculo entre métrica e sentido. Neste caso, segundo argumenta SILK: 2007, o metro que inicia a estrofe (e a antístrofe) é invertido no epodo, cujos dois primeiros versos são *D–e* conforme também a Fortuna move os eventos, ora para um lado, ora para outro.

Λίσσομαι, παῖ Ζηνὸς Ἐλευθερίου,  
Ἰμέραν εὐρυσθενέ' ἀμφιπόλει, σῶτεραι Τύχα.  
τὴν γὰρ ἐν πόντῳ κυβερνῶνται θοαί  
νάες, ἐν χέρσῳ τε λαιψηροὶ πόλεμοι  
κάγοραὶ βουλαφόροι. αἶ γε μὲν ἀνδρῶν  
πόλλ' ἄνω, τὰ δ' αὖ κάτω  
ψεύδη μεταμῶνια τάμνοισαι κυλίνδοντ' ἐλπίδες·

σύμβολον δ' οὐ πῶ τις ἐπιχθονίων  
πιστὸν ἀμφὶ πράξιος ἐσσομένης εὖρεν θεόθεν,  
τῶν δὲ μελλόντων τετύφλωνται φραδαί·  
πολλὰ δ' ἀνθρώποις παρὰ γνώμαν ἔπεσεν,  
ἔμπαλιν μὲν τέρψιος, οἱ δ' ἀνιαραῖς  
ἀντικύρσαντες ζάλαις  
ἐσλὸν βαθὺ πήματος ἐν μικρῷ πεδάμειψαν χρόνῳ.

υἱὲ Φιλάνορος, ἦτοι καὶ τεὰ κεν  
ἐνδομάχας ἄτ' ἀλέκτωρ συγγόνῳ παρ' ἐστία  
ἀκλεῆς τιμὰ κατεφυλλορόησε ποδῶν,  
εἰ μὴ στάσις ἀντιάνειρα Κνωσίας σ' ἄμερσε πάτρας.  
νῦν δ' Ὀλυμπία στεφανωσάμενος  
καὶ δις ἐκ Πυθῶνος Ἴσθμοῖ τ', Ἐργότελες,  
θερμὰ Νυμφᾶν λουτρὰ βαστάζεις ὁμι-  
λέων παρ' οἰκείαις ἀρούραις.

Rogo-te, filha de Zeus Libertador,  
zela, Fortuna sotera, Hímera, urbe potente.  
Tu, pois, diriges no mar naus céleres  
e no solo seco as faiscantes guerras e assembleias  
decisórias. E as humanas esperanças  
ora acima, ora descendo sulcam  
mar de névoa em círculos girando.

Ademais, ninguém sobre a terra um indício  
seguro – favor divino – de um fato futuro obteve,  
e as vindouras coisas se ocultam.  
A muitos, avesso à boa sorte, um dado cai contrário;  
e a outros, de opressiva procela vindos,  
sucede – intensa ao infortúnio,  
em tempo curto – a felicidade.

Filho de Filanor, seguramente terias desfolhada,  
sem glória, a valia dos teus pés  
– como um galo de rinhas caseiras em seu território –  
se um embate apartante não te privara  
da pátria casa em Cnossos.  
Agora, entanto, em Olímpia coroado,  
e duas vezes em Delfos e em Istmo, Ergóteles,  
propagas as termas das Ninfas vivendo nas tuas divisas.

#### 4. NEMEIA II (PRÓLOGO A ZEUS)

Α' Ὄθεν περ καὶ Ὀμηρίδαι  
ράπτων ἐπέων τὰ πόλλ' ἀοιδοί  
ἄρχονται, Διὸς ἐκ προοιμίου, καὶ ὄδ' ἀνήρ  
καταβολὰν ἱερῶν ἀγῶ-  
νων νικαφορίας δέδεκται πρῶτον, Νεμεαίου  
ἐν πολυῦμνῆτ' Διὸς ἄλσει.

Β' ὀφείλει δ' ἔτι, πατρίαν  
εἵπερ καθ' ὁδόν νιν εὐθυπομπός  
αἰῶν ταῖς μεγάλας δέδωκε κόσμον Ἀθήναις,  
θαμὰ μὲν Ἴσθμιάδων δρέπε-  
σθαι κάλλιστον ἄντων ἐν Πυθίοισι τε νικᾶν  
Τιμονόου παῖδ'· ἔστι δ' εὐοικός

Γ' ὀρειᾶν γε Πελειάδων  
μὴ τηλόθεν Ἰαρίωνα νεῖσθαι.  
καὶ μὰν ἅ Σαλαμίς γε θρέψαι φῶτα μαχατᾶν  
δυνατός· ἐν Τροίᾳ μὲν Ἔ-  
κτωρ Αἴαντος ἄκουσεν. ὦ Τιμόδημε, σὲ δ' ἀλκά  
παγκρατίου τλάθυμος ἀέξει.

Δ' Ἀχάρναι δὲ παλαίφατον  
εὐάνορες· ὅσσα δ' ἀμφ' ἀέθλοις,  
Τιμοδημίδαι ἐξοχώτατοι προλέγονται.  
παρὰ μὲν ὑψιμέδοντι Παρ-  
νασσῶ τέσσαρας ἐξ ἀέθλων νίκας ἐκόμιζαν·  
ἀλλὰ Κορινθίων ὑπὸ φωτῶν

Ε' ἐν ἐσλοῦ Πέλοπος πτυχαῖς  
ὀκτῶ στεφάνοις ἔμιχθεν ἤδη·  
ἑπτὰ δ' ἐν Νεμέᾳ, τὰ δ' οἴκοι μᾶσσον' ἀριθμοῦ,  
Διὸς ἀγῶνι. τόν, ὦ πολί-  
ται, κωμάξατε Τιμοδήμω σὺν εὐκλείῃ νόστῳ·  
ἀδυμελεῖ δ' ἐξάρχετε φωνᾶ.

Donde os homéridas aedos  
de tramadas palavras principiam  
tantas vezes – do proémio a Zeus – também tal homem  
recebera a primeira fundação  
do triunfos portar em sacros jogos  
no pluri-hineado bosque do Nemeio Zeus.

Entanto deve – se na senda  
dos pais guiando por direita via  
o devir um paramento dera à grande Atenas –  
freqüente colher flores, as mais belas  
dos Ístmicos e em píticas vitórias!,  
o filho de Timónoo. É muito natural

que das Pléiades montanhescas –  
não de ponto longínquo – torne Órion.  
E certo: “Salamina é capaz de fulgentes  
guerreiros engendrar” – se Héctor em Tróia  
de Aias 'scutou, no pancrátio, Timôdemo,  
o teu vigor ajunta-se ao domar-temor.

De arcaico, é dito os Acarnenses  
serem bons homens; e os Timodemidas  
proclamados excelsos, acerca dos jogos.  
Pois do Parnaso – arranha-céu – aos pés,  
nos jogos recebeu quatro vitórias.  
Mas também sob olhares dos homens Coríntios

nos vales de Pélops bravo  
amalgamadas já oito coroas  
e sete em Neméia, e imensuráveis as vitórias  
em casa, em Diais lutas! Celebrai,  
ó cidadãos, de Timodemo o esplêndido  
retorno; com melíflua voz, principiai!